



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS

---

**MARLY CUSTÓDIO DA SILVA**

**CHICO BENTO EM *PAVOR ESPACIAR*: UMA ABORDAGEM  
SOCIOLINGUÍSTICA DA *GRAPHIC NOVEL* DE GUSTAVO DUARTE**

---

**CAMPO GRANDE/MS**

**2015**

**MARLY CUSTÓDIO DA SILVA**

**Chico Bento em *Pavor Espaciar*: Uma Abordagem Sociolinguística da *Graphic Novel* de Gustavo Duarte**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem: Língua e Literatura

Linha de pesquisa: Produção de Texto Oral e Escrito: Sociolinguística

**Orientador: Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes**

CAMPO GRANDE/MS

2015

S581c Silva, Marly Custódio.

Chico Bento em Pavor Espaciar: Uma Abordagem Sociolinguística da Graphic Novel de Gustavo Duarte/Marly Custódio da Silva. Campo Grande, MS: UEMS, 2015.

104 p.; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Letras – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2015.

Orientador: Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes

1. Metaplasmos 2. Dialeto Caipira 3. Preconceito Linguístico I. Título

CDD 23. ed. - 417.2

**MARLY CUSTÓDIO DA SILVA**

**Chico Bento em Pavor *Espaciar*: Uma Abordagem Sociolinguística da *Graphic Novel* de Gustavo Duarte**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem: Língua e Literatura

Linha de pesquisa: Produção de Texto Oral e Escrito: Sociolinguística

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes (Presidente)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

---

Prof. Dr. Daniel Abrão  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

---

Prof. Dr. Luiz Fernando Medeiros de Carvalho  
Universidade Federal Fluminense/UFF

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros - Suplente  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

---

Prof. Dr. Geraldo Vicente Martins - Suplente  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS

Campo Grande/MS, 17 de dezembro de 2015.

Aos meus pais, José Custódio da Silva e Anizia Maria da Silva (*in memoriam*) pela simplicidade e honestidade que guiaram seus filhos, indicando sempre o caminho do respeito, da educação e do amor ao próximo.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que na sua infinita bondade e no seu amor permitiu que este estudo fosse desenvolvido proporcionando-me coragem para acreditar, força para não desistir e proteção para me amparar.

Aos meus pais José Custódio da Silva e Anizia Maria da Silva (*in memoriam*) por terem me ensinado o valor dos estudos, possibilitando por meio do incentivo emocional a chegar ao mestrado.

Aos meus irmãos e irmãs pelas inúmeras vezes que proferiu palavras de apoio e encorajamento.

Ao meu sobrinho, Marcos Renato Brandão da Silva, uma criança de apenas oito anos que sempre me motivou por meio das palavras de “boa sorte, tia” a cada apresentação em seminários, congressos, simpósios e jornadas.

Ao meu esposo, Roney Borges Delmondes, pela simplicidade, paciência, força e dedicação com que me acompanhou nestes tempos do mestrado.

Ao meu orientador que Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes, mais que um professor, um amigo que ganhei nos últimos anos. São inúmeros os agradecimentos: obrigado pelo seu entusiasmo; obrigado por despertar em mim a vontade de não parar de estudar; obrigado por me ajudar acreditar quando não acreditava que seria possível; obrigado pelo incentivo, alegria e paciência com que me tratou ao longo dessa caminhada. Obrigado! Obrigado! Obrigado! Realmente, você é SHOW!

À banca de qualificação pelas valiosas contribuições, em especial aos professores Dr. Daniel Abrão, Dr<sup>a</sup> Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros, Dr. Miguél Eugenio e Dr<sup>a</sup> Natalina Sierra Assencio Costa.

À banca examinadora: professor Dr. Daniel Abrão, professor Dr. Luiz Fernando Medeiros de Carvalho, professora Dr<sup>a</sup>. Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros e professor Dr. Geraldo Vicente Martins pela avaliação e contribuições dadas a esse estudo.

Aos Estúdios Maurício de Sousa Produções, em especial ao José Alberto Lovreto (Jal), Juliett Esdras e ao SEN-SA-CIO-NAL Sidney Gusman, pelo carinho e atenção a mim atribuída durante o desenvolvimento da escrita da dissertação e pelas informações repassadas.

Ao cartunista Gustavo Duarte pela atenção e gentileza nos fornecimentos das informações para que a escrita pudesse ser de fato realizada.

Ao colega Filósofo Professor e Mestre Olívio Mangolim pela prestimosa contribuição na adequação às normas da ABNT.

Aos amigos que colaboraram de forma direta e indireta para que esse trabalho pudesse ser concretizado, em especial à Laura Lopes Ribeiro pela insistência de minha participação da seleção de mestrado 2013.

“Os outros passam a escrita a limpo.  
Eu passo a escrita a sujo.  
Como os rios que se lavam em encardidas águas.  
Os outros têm caligrafia, eu tenho sotaque.  
O sotaque da terra.”  
*(O Barbeiro de Vila Longe)*



Silva, Marly Custódio. **Chico Bento em *Pavor Espaciar*: uma abordagem sociolinguística da *Graphic Novel* de Gustavo Duarte**. 2015. 104 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2015.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar e descrever o modo como o cartunista Gustavo Duarte, não linguista, representa o dialeto caipira na *Graphic Novel Pavor Espaciar*, bem como o processo de evolução da Língua Portuguesa, passando pelos fatos históricos conforme Teyssier (1997) e Silva (2010) até o que conhecemos hoje como Língua Portuguesa falada e escrita no Brasil. Buscamos também desmistificar o preconceito linguístico existentes na variação dialetal que abrange toda uma sociedade, tendo como apoio Perini (2000) e Bagno (2013). Esse estudo contou com levantamento bibliográfico e histórico sobre a comunidade “caipira”, a origem e formação do personagem principal de *Pavor Espaciar*, Chico Bento e as análises dos metaplasmos e etimologia dos vocábulos na *Graphic Novel*, para as análises buscamos em Coutinho (1976) os diversos metaplasmos existentes na língua. Mediante os dados obtidos na pesquisa bibliográfica, pode-se perceber que o falante dos centros urbanos, mesmo em situação comunicativa mais informal, faz uso das marcas de oralidade marcantes no dialeto caipira e este não oculta sua identidade de pessoas do campo ou até mesmo com menor grau de instrução. Percebe-se também que, alguns vocábulos que hoje é considerado incorreto perante a gramática normativa, no passado já foi escrita de prestígio. Por mais que a população do interior tenha evoluído ao longo de sua história ainda mantém os traços linguísticos característicos dos séculos XVIII e XIX.

**Palavras-chave: Pavor Espaciar. Dialeto Caipira. Preconceito Linguístico. Metaplasmos.**

Silva, Marly Custódio. **Chico Bento em *Pavor Espaciar*: Uma Abordagem Sociolinguística da *Graphic Novel* de Gustavo Duarte**. 2015. 104 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2015.

## ABSTRACT

This research aims at analyzing and describing how the cartoonist Gustavo Duarte, a non linguist, is the rustic dialect in *Graphic Novel Pavor Espaciar* as well as the process of evolution of the Portuguese language, through the historical facts as Teyssier (1997) and Silva (2010) to what we know today as spoken and written Portuguese in Brazil. The research has also seek to demystify the linguistic discrimination existing in the dialectal variation that covers an entire society, with the support Perini (2000) and Bagno (2013). This study has included bibliographical and historical surveys of the community “rustic”, the origin and formation of the main character *Pavor Espaciar*, Chuck Billy and analysis of metaplasmos and etymology of words in the *Graphic Novel*, for the analyzes seek to Coutinho (1976) the diverse metaplasmos tongue. By the data obtained in the literature, one can see that the speaker of urban centers, even in informal communicative situation, makes use of striking orality brands in the hillbilly dialect and this does not hide his identity from people from the countryside or even with less literated. It has also realized that some words which today is considered incorrect before the normative grammar in the past has already been written prestige. As much as the rural population has evolved over its history still retains the characteristic linguistic features of the eighteenth and nineteenth centuries.

**Keywords: Espaciar dread. Hick dialect. Prejudice Language. Metaplasmos.**

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: M. Vieux-Bois de Rudolph Töpffer (1827). .....	17
Figura 2: Juca e Chico/Max und Moritz, de Wilhelm Busch (1865). .....	17
Figura 3: Richard Fenton Outcault. ....	18
Figura 4: The Yellow Kid (1896), de Richard Fenton Outcault.....	18
Figura 5: Nanquim.com (2015). .....	20
Figura 6: As Cobranças (1867), de Ângelo Agostini. ....	21
Figura 7: Revolta da Vacina, no Centro Oswaldo Cruz, 1904. Revista <i>O Malho</i> .....	22
Figura 8: “Um calhambeque malsinado” (O Malho, 29/9/1904; charge de Leônidas). ....	22
Figura 9: Primeira arte do logotipo da Revista Tico-Tico, por Ângelo Agostini.....	22
Figura 10: Chico Bento nº 1, Ed. Abril, Agosto de 1982. ....	24
Figura 11: A Turma do Pererê - A Supermãe - O Menino Maluquinho. ....	25
Figura 12: Primeira tira do Chico Bento, 1963 - Chico Bento 50 Anos (2012), p. 10.....	28
Figura 13: Primeiro tabloide do personagem em 1964 no .....	29
Figura 14: Evolução do Chico Bento na História.....	29
Figura 15: O primeiro filme sonoro brasileiro é a comédia “Acabaram-se os Otários” .....	35
Figura 16: Mapa: A Espanha romana no tempo de Augusto.....	43
Figura 17: Mapa: Área primitiva do galego-português e da Reconquista. ....	47
Figura 18: <i>Grammatica da lingoagem portugueza</i> - Fernão de Oliveira (1536).....	49
Figura 19: <i>Grammatica da lingua portuguesa</i> de João de Barros (1540). ....	50
Figura 20: Os Lusíadas de Luis de Camões (1572).....	50
Figura 21: Capa da HQ “Cól!” e Capa da HQ “Taxi” .....	65
Figura 22: Capa da HQ “Birds” e Capa da HQ “Monstros”. ....	65
Figura 23: Capa e página 7 de Pavor Espaciar. ....	72
Figura 24: Pavor Espaciar, quadrinho 2 e 3, p. 9.....	74
Figura 25: Pavor Espaciar, quadrinho 1, p. 10. ....	75
Figura 26: Pavor Espaciar, quadrinho 2, p. 18. ....	78
Figura 27: Pavor Espaciar, quadrinho 1, p. 29. ....	80
Figura 28: Pavor Espaciar, quadrinhos 1-5, p. 37. ....	86
Figura 29: Pavor Espaciar, quadrinho 2, p. 52. ....	89
Figura 30: Pavor Espaciar, quadrinho 1, p. 66. ....	92
Figura 31: Pavor Espaciar, quadrinho 5, p. 70. ....	94

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS .....	16
1.1. As histórias em quadrinhos no Brasil .....	19
1.2. Contextualização sobre Chico Bento.....	25
1.3. Origens do Chico Bento .....	25
1.4. A evolução de Chico Bento .....	28
1.5. Breve análise do personagem .....	30
1.6. O falar de Chico Bento .....	32
1.7. O caipira .....	33
1.8. Preconceito contra caipira .....	36
2. SOCIOLINGÜÍSTICA: O PORTUGUÊS DO BRASIL .....	41
2.1. Língua Portuguesa .....	41
2.1.1. Fatos históricos .....	42
2.1.2. A habitação dos romanos na Península Ibérica .....	42
2.1.3. Os suevos e os visigodos (séculos VI e VII) .....	45
2.1.4. A invasão muçulmana e a Reconquista .....	46
2.1.5. O galego-português .....	48
2.1.6. O galego-português e o português-moderno.....	48
2.2. A Língua Portuguesa no Brasil.....	51
2.2.1. O período colonial até à chegada de D. João VI (1808).....	52
2.2.2. Da chegada de D. João VI (1808) à Independência (1822) .....	54
2.2.3. A Independência do Brasil em 1822.....	54
2.2.4. Principais características do português do Brasil – Variação .....	55
2.3. Descrição .....	58
2.3.1. As primeiras descrições .....	58
2.4. O preconceito linguístico na atualidade.....	60
3. PAVOR ESPACIAR, DE GUSTAVO DUARTE, E A SOCIOLINGÜÍSTICA.....	63
3.1. A questão visual .....	65
3.1.1. A questão linguística.....	66
3.1.2. Os quadrinhos com dialeto caipira de Pavor Espaciar.....	68
3.1.3. Os dados (Análise do corpus) .....	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	99

## INTRODUÇÃO

Uma paixão de criança que prosseguiu durante a vida adulta. As histórias em quadrinhos vem superando preconceitos de toda uma sociedade, pois, oportuniza o aprendizado na leitura e assim desenvolve o prazer pela leitura clássica. Partindo dessas primícias, eis que surge um projeto de mestrado que mais uma vez vem provar que as histórias em quadrinhos são narrativas ilustradas e tem o mesmo valor de um texto em prosa.

Conquistando cada vez mais espaço em escolas, bibliotecas, residências, mídia e até mesmo nas universidades, as histórias em quadrinhos surgiu nos Estados Unidos no final do século XIX, como uma forma criativa e inédita de comunicação em massa.

Desde a antiguidade os desenhos já acompanham o homem em sua comunicação com o outro, pois registros encontrados em rochas, (tanto no Brasil quanto na Europa) desenhos feitos por nossos ancestrais, revelam uma sucessão de imagens que só não são considerados histórias em quadrinhos por não estarem delimitadas por quadros.

Pesquisadores como Vergueiro, Ramos e Chinen lembram que, nem sempre as histórias em quadrinhos tiveram seu reconhecimento.

Durante boa parte do século XX, as histórias em quadrinhos sofreram rejeição quase que generalizada por parte da sociedade, sendo alvo de preconceitos, perseguições e medidas judiciais que visavam conter ou erradicar da face da Terra qualquer produto quadrinístico (2013, p. 6).

Essa resistência esteve ligada ao seu caráter formador e conscientizador. O século que é marcado com a expansão do capitalismo como sistema econômico hegemônico não podia permitir que um excelente componente didático-pedagógico como esse florescesse. Graças aos defensores da Nona Arte a conhecemos e podemos estudá-la em escolas e universidades, sem correr o risco de ser alvo de rejeição pela sociedade. Um dos maiores estudiosos da História em Quadrinhos da USP (Universidade de São Paulo), Antônio Luiz Cagnin, comentou a importância que teve as universidades e seus pesquisadores para o crescimento desta ferramenta pedagógica tão importante.

Valorizados estão os quadrinhos, por terem assumidos com tanto entusiasmo pelo empertigado e sisudo meio acadêmico, que até então lhes devotava cuidadoso distanciamento para não ver maculado – como julgavam – o conceito de ilustres intelectuais, nem desviar-lhe o interesse para tema tão trivial de criança. Valorizada está a própria universidade ao se voltar para eles, redimensionado a eficácia, a penetração desse nosso meio de comunicação e a sua riqueza enquanto arte e sistema de significação (CAGNIN, 1997, p. 11).

O que antes seria apenas entretenimento de criança, hoje é objeto de estudos para muitos pesquisadores. Entre os criadores e precursores do gênero estão o suíço Rudolf Töpffer, o alemão Wilhelm Busch, o francês Georges Colomb e o brasileiro Ângelo Agostini a quem Cagnin atribui ser a primeira história em quadrinho do mundo, com *As aventuras de Nhô Quim* ou *Impressões de uma Viagem à Corte* (CALAZANS, 1997, p. 5).

Como um meio de comunicação em massa, as histórias em quadrinhos proporcionam ao seu leitor a informação, o entretenimento e até mesmo orientações sobre os mais variados e diversos assuntos (trânsito, saúde, inclusão, acessibilidade entre outros).

Diante disso, elaboramos nossa dissertação percorrendo, de maneira conceitual, a história das histórias em quadrinhos nos Estados Unidos, como o surgimento da primeira história em quadrinhos nas páginas dos jornais nova-iorquinos e sua repercussão mundial, incluindo o Brasil.

No Brasil, as histórias em quadrinhos teve seu ápice com os quadrinhos *As Aventuras do Nhô Quim*, publicada em 30 de janeiro de 1869. A partir de então, os quadrinhos passaram a ser uma forma de crítica ao sistema político da época. Seguindo essa mesma linha eis que surge os quadrinhos infantis com a *Revista Tico-Tico*, por Ângelo Agostini, permanecendo em circulação por 50 anos.

Nas décadas de 1950 e 1960 foi que os quadrinhos infantis brasileiros ganharam força. Os cartunistas Maurício de Sousa e Ziraldo Alves Pinto, criaram personagens tipicamente brasileiros que encantam gerações há mais de cinco décadas.

Dentre os personagens está Chico Bento, o qual discorreremos sobre a contextualização da criação do personagem, as origens bem como a evolução e uma breve análise do personagem no meio rural.

O cartunista Maurício de Sousa, trabalha diversos temas em suas histórias em quadrinhos e uma em especial é a variação linguística do personagem Chico Bento, já que o mesmo é nascido e criado no campo e mantém o dialeto caipira. Buscamos em Cunha (1998), Bortoni (2011), Amaral (2013, versão e-book) e no *Dicionário Houaiss* (2015, versão on-line) o conceito de caipira na contemporaneidade.

Seguindo os passos do nascimento e a evolução da Língua Portuguesa, tomamos como base em Coutinho (1976), Teyssier (1997) e Silva (2010), um retorno à história da Língua Portuguesa para melhor entendermos a variação linguística caipira que permanece nos dias atuais. Para tal estudo, nossa análise será a *Graphic Novel Pavor Espaciar* de Gustavo Duarte, um jovem cartunista, graduado em *designer* e que não pertence ao ramo da Sociolinguística, mas reproduz com riqueza de detalhes o dialeto caipira.

Tomamos como metodologia específica a investigação dos quadrinhos de *Pavor Espaciar* a representação da escrita do dialeto caipira em consonância com Nascentes (1955), Cunha (1982) e Houaiss (2015) em dicionários etimológicos da Língua Portuguesa desde a sua origem até a atualidade, apontando o processo de metaplasmos que os vocábulos sofreram ao longo de sua evolução, uma vez que a língua é viva e se modifica devido ao uso de uma sociedade.

*Graphic Novel* é uma revista com um maior número de páginas e normalmente voltada ao público adulto, pois a criança que lia gibis/revistas em quadrinhos nos anos 1980 cresceram e com eles a inovação dos quadrinhos.

Pode-se observar que, apesar de ser considerado um dialeto caipira, muito das falas presentes nos quadrinhos de *Pavor Espaciar* estão presentes na oralidade das pessoas da cidade, apenas sendo monitorada na escrita formal pelos letrados.

## 1. AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

As histórias em quadrinhos são consideradas narrativas de textos sequenciais em conjunto com imagens e balões delimitadas por uso de quadros. A utilização de desenhos para a comunicação do homem é antiga, também foi utilizado pelos nossos ancestrais para registrar as festas, lutas, caças e convívio entre si, como podem comprovar os registros encontrados, e os mais estudados, conforme Proença (2005, p. 6) nas cavernas de Lascaux e Chauvet, França, de Altamira, na Espanha, de Tassili, na região do Saara, África, e as do município de São Raimundo Nonato, no Piauí, Brasil. Esses registros só não são considerados histórias em quadrinhos por não ter delimitação em quadros, somente registros visuais por meio de imagens. Essas inscrições também são possíveis de serem encontradas no Brasil, como, por exemplo, no estado do Piauí no Parque Nacional da Serra da Capivara em São Raimundo Nonato e o Parque Nacional Sete Cidades.

[...] O homem primitivo, por exemplo, transformou a parede das cavernas em um grande mural, em que registrava os elementos de comunicação para seus contemporâneos: o relato de uma caçada bem sucedida, [...] Assim quando o homem das cavernas gravava duas imagens, uma dele mesmo, sozinho, e outra incluindo um animal abatido, poderia estar, na realidade, vangloriando-se por uma caçada vitoriosa, mas também registrando a primeira história contada por uma sucessão de imagens. Bastaria, então, enquadrá-las para se obter algo muito semelhante ao que modernamente se conhece como história em quadrinhos [...] (VERGUEIRO, 2004, p. 8 e 9).

A história em quadrinhos surgiu nos Estados Unidos, no final do século XIX, como uma forma inovadora e inédita de comunicação em massa e devido à evolução da indústria tipográfica e o surgimento de grandes ramos jornalísticos. Os Estados Unidos foram o local apropriado para o desenvolvimento desse gênero textual, devido todas às vantagens que aquele país disponibilizara, sejam tecnológicas, de amparo econômico ou social para consagração das histórias em quadrinhos. Assim, Vergueiro afirma:

Ainda que histórias ou narrativas gráficas, contendo os principais elementos da linguagem dos quadrinhos possam ser encontradas, paralelamente, em várias regiões do mundo, é possível afirmar que o ambiente mais propício para seu florescimento localizou-se nos Estados Unidos do final do século XIX, quando todos os elementos tecnológicos e sociais encontravam-se devidamente consolidados para que as histórias em quadrinhos se transformassem em um produto de consumo massivo, como de fato ocorreu (VERGUEIRO, 2004, p. 10).

Entre os precursores do gênero estão o suíço Rudolf Töpffer, o alemão Wilhelm Busch, o francês Georges Colomb e o brasileiro Ângelo Agostini. Georges Colomb usava o pseudônimo de Christophe Colomb (1856-1915) (MOYA, 1986, p. 16). Segundo Cagnin, *The*



*Yellow Kid* (1896) não é mesmo a primeira história em quadrinhos do mundo (...) (1997, p. 25). O que não se pode negar é que tenha sido o primeiro sucesso em vendas e *merchandise*, na imprensa americana e no mundo. O criador de *The Yellow Kid*, Richard Fenton Outcault teve a tirinha inaugurada nos jornais sensacionalistas de Nova York, passando a ser o marco da criação do mundo das histórias em quadrinhos. Outcault somente melhorou o que já havia sido feito antes dele, introduzindo um novo e inédito elemento visual: o balão de fala dos personagens. A primeira publicação da tirinha de Outcault fez tanto sucesso que jornais de grande circulação em Nova York começaram a disputar a publicação das tirinhas. A seguir, algumas tirinhas de Rudolph Töpffer (1827) e de Wilhelm Busch (1865) e os quadrinhos *The Yellow Kid*:

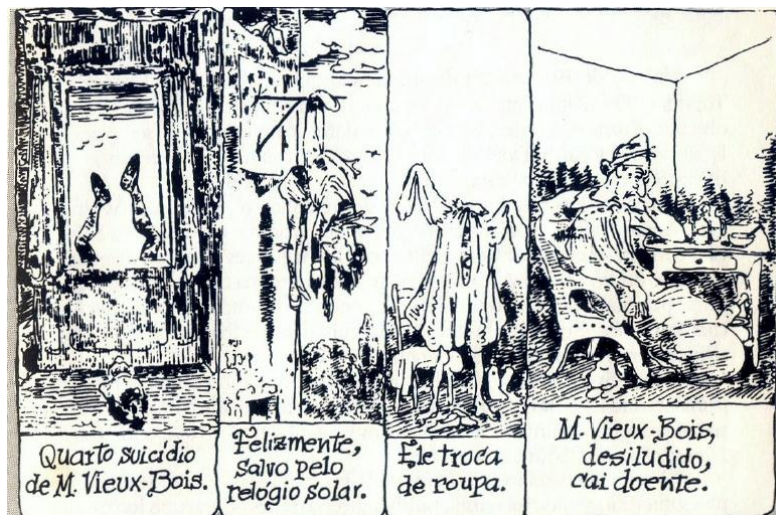


Figura 1: M. Vieux-Bois de Rudolph Töpffer (1827).

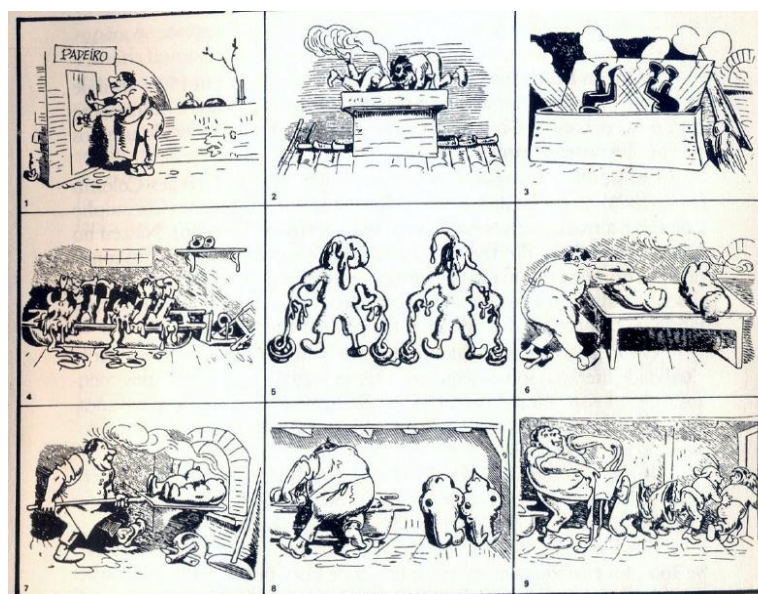


Figura 2: Juca e Chico/Max und Moritz, de Wilhelm Busch (1865).





É possível observar que não há balões de fala nos quadrinhos acima, a narrativa é transmitida ao leitor através das escritas, ora ao final do desenho em cada quadrinho, ora nas vestes dos personagens. A interatividade com o leitor se dá de maneira diferente da atual que conhecemos em que desenhistas inserem a narrativa em balões, transmitindo ao leitor as emoções e sensações do momento de cada personagem e cena, deixando brecha para que o leitor possa se sentir parte da narrativa.

Em países de língua inglesa as histórias em quadrinhos são conhecidas como *comics*, mesmo tendo o surgimento na mesma época do cinematógrafo as histórias em quadrinhos não ganhou destaque da crítica como o cinema, críticos da época as consideravam uma má influência para crianças e adolescentes devido aos temas publicados que não vinham ao encontro com as narrativas convencionais. Moya (1986, p. 7) comenta que houve uma campanha contra as historietas, atribuindo-lhes a criminalidade infanto-juvenil, se na época o papel não seria convencional imagina a linguagem dos quadrinhos.

Essa inovação causou estranhamento e as primeiras impressões sobre as histórias em quadrinhos remetiam a arte para um submundo, permanecendo assim até a década de 1960 quando ganhou espaço e admiradores entre os estudantes, mestres e doutores da educação.

Normalmente as histórias de maior sucesso são aquelas que retratam o dia a dia do super-herói, eternizando-os na arte sequencial e levando-os para a linguagem cinematográfica fertilizando o imaginário de leitores de todo o mundo.

No próximo item, abordaremos a história dos quadrinhos no Brasil, os precursores, artistas e cartunistas que dão continuidade a arte sequencial dos quadrinhos brasileiros.

### **1.1. As histórias em quadrinhos no Brasil**

No Brasil, o surgimento das histórias em quadrinhos veio com o pioneiro Ângelo Agostini, um italiano radicado no Brasil, jornalista, crítico da monarquia e defensor da abolição da escravatura, com a obra *As Aventuras do Nhô Quim ou Impressões de uma Viagem à Corte*, publicada em 30 de janeiro de 1869 na *Revista Vida Fluminense* (CALAZANS, 1997, p. 5). *As Aventuras do Nhô Quim ou Impressões de uma Viagem à Corte* foi uma forma que Agostini encontrou de criticar, de forma irreverente, os costumes, os problemas urbanos e os costumes sociais e políticos da época. Os alvos da crítica eram variados, indo desde higiene pública à ganância dos comerciantes da época.

**As Aventuras de "Nhô-Quim",  
ou impressões de uma viagem à corte**  
Ângelo Agostini (30 de janeiro de 1869 - *Jornal Vida Fluminense*)

Capítulo I

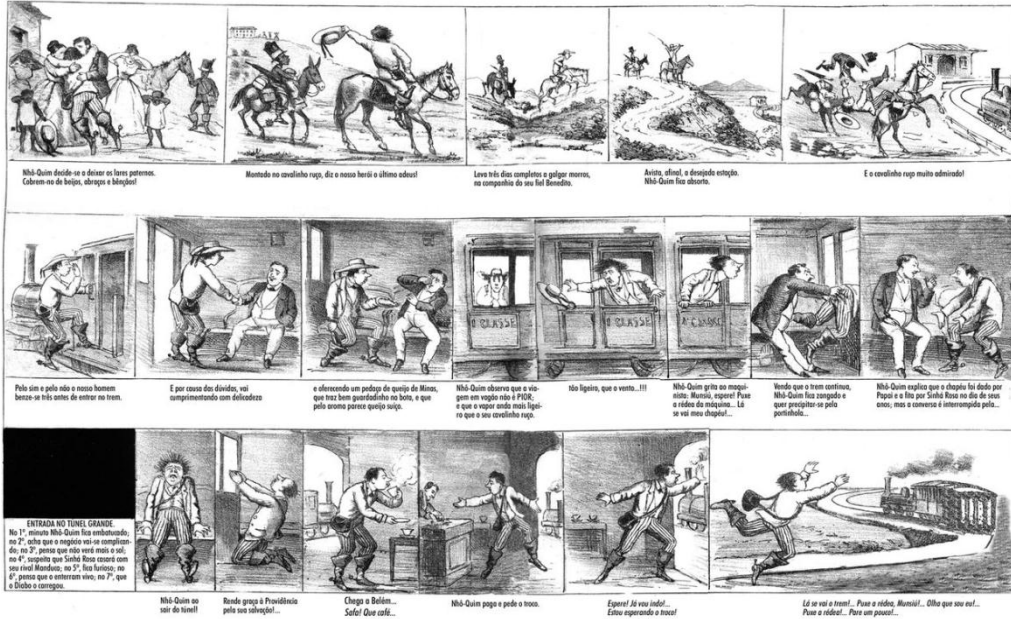


Figura 5: Nanquim.com (2015).

Especialista, tal como Antonio Luiz Gagnin, considera *As Aventuras do Nhô Quim* como a primeira história em quadrinhos do mundo, porém, a história não ganhou esse mérito e ainda há divergências quanto sua veracidade, conforme explica Bari (2008, p. 44), que para efeito de internacionalização da linguagem, o primeiro registro mundial fica com *Yellow Kid*, de Richard Felton Outcault, lançada em 1895 (BARI, 2008, p. 95).

Existe uma lacuna entre os pesquisadores em relação ao primeiro personagem das histórias em quadrinhos, assim explica Mutarelli in Bari<sup>1</sup> (2008):

Existe uma controvérsia entre os pesquisadores da área sobre o primeiro personagem, o marco inicial dessa linguagem que marcou o século XX, *Yellow Kid*, que foi publicada pela primeira vez no jornal norte-americano *New York World* em 05 de maio de 1895, foi o primeiro a aproximar o texto do personagem e a utilizar balões de falas e pensamentos. [...] No entanto, entre os precursores da Nona Arte [...] temos [anteriormente] o suíço Rudolf Töpffer, [...] o alemão Willhel, Busch [...], o francês Georges Colomb [...], e o italiano Ângelo Agostini (MUTARELLI, 2004, p. 22).

Talvez Agostini tenha produzido a primeira história em quadrinhos e não foi divulgada ao público na época, por isso não recebe o título de criador da Nona Arte.

<sup>1</sup> BARI, Valéria Aparecida. *O Potencial das Histórias em Quadrinhos na Formação de Leitores: busca de um contraponto entre os panoramas culturais brasileiro e europeu*. Tese de Doutorado apresentado em 2008, na Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo/USP.

Agostini morou em diversas cidades do país e também ensinou a arte do desenho para diversas pessoas, lançou o primeiro periódico ilustrado, *O Diabo Coxo*, em 1864, sendo este um atrativo inédito para os paulistanos e ainda em 1866 ficou como colaborador da *Revista O Cabrião*, que teve 12 meses de circulação. Já no ano de 1867 publicou sua primeira história ilustrada, *As Cobranças*, conforme segue a imagem abaixo:

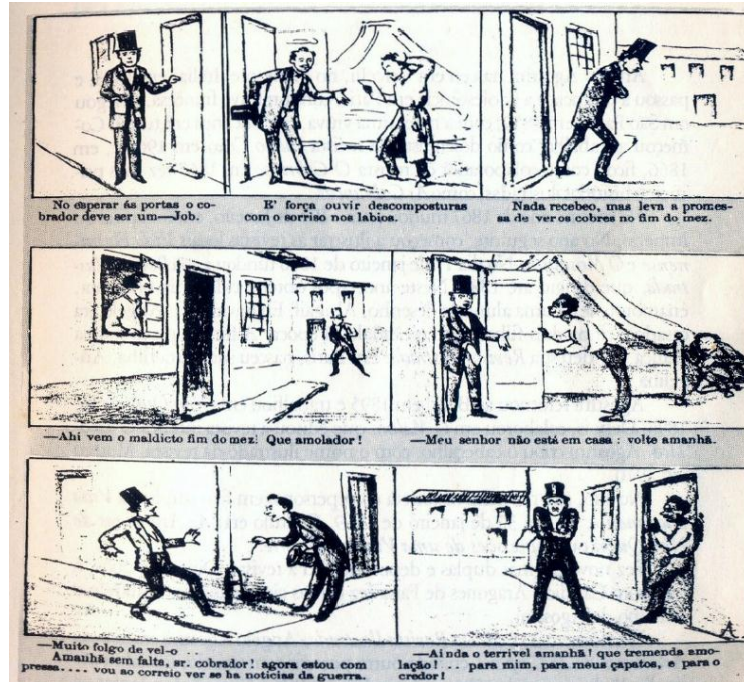


Figura 6: *As Cobranças* (1867), de Angelo Agostini.

Morador também da cidade do Rio de Janeiro e colaborador de diversos jornais, em 1876 fundou *A Revista Ilustrada*, a cidade maravilhosa era o centro de publicação de periódicos. Em 1869, presenteou mais uma vez os cariocas com a novela em folhetim *Nhô-Quim* ou *Impressões de Uma Viagem à Corte*, publicada em vários capítulos, para muitos especialistas este folhetim foi a primeira história em quadrinhos do mundo já que foi lançada 26 anos antes da *The Yellow Kid* de Outcald o que se aproxima bastante das graphic novels atuais.

Com a Proclamação da República houve o rompimento do vínculo político do Brasil e a Península Ibérica, com isso redirecionou a influência cultural do país, principalmente na imprensa. Esse momento oportunizou aos artistas gráficos brasileiros novas experiências estéticas. Aproximadamente nos anos de 1910, o humor teve seu ápice, as sátiras políticas se multiplicaram.

No início da Proclamação da República, os governos se faziam autoritários e essas atitudes causavam mal-estar na população. Como exemplo o sanitarista Oswald Cruz, Diretor Geral da Saúde Pública do Rio de Janeiro, que no combate às doenças edêmicas e epidêmicas

e devido a sua severidade e autoritarismo acabou gerando a chamada Revolta da Vacina (1904) e sendo alvo das mais diversas charges, oportunizando o aparecimento de diversos artistas anônimos nunca antes vistos no país e alavancando uma quantidade de periódicos em circulação.



Figura 7: Revolta da Vacina, no Centro Oswaldo Cruz, 1904. Revista *O Malho*.



Figura 8: “Um calhambeque malsinado” (*O Malho*, 29/9/1904; charge de Leônidas).

Em contrapartida às sátiras ao meio político, em 1905 foi lançada a revista *O Tico-Tico* que marcou a produção editorial no Brasil para atender as crianças em fase de alfabetização e aos adolescentes, mantendo por 50 anos a publicação das histórias em quadrinhos.



Figura 9: Primeira arte do logotipo da Revista Tico-Tico, por Ângelo Agostini.

A Semana de 22 (Semana da Arte Moderna), realizada em fevereiro de 1922 no Teatro Municipal em São Paulo, abriria as portas a todos os ramos da parte intelectual da cultura brasileira, sem deixar de lado as histórias em quadrinhos que tanto influenciaram vários ramos da arte no país.

A primeira mulher a se consagrar como artista gráfica foi Nair de Teffé Hermes Fonseca, filha de barão e esposa de presidente da república, não assinava os desenhos com seu nome verdadeiro, talvez pelo preconceito em relação as mulheres na época, adotou o pseudônimo, Rian. Apesar de conviver com a imprensa Fluminense, seus traços desenhísticos se aproximavam dos traços franceses. A revista *Fon Fon* foi a primeira a abrir as portas para Rian no Brasil e assim dando oportunidade a vários outros artistas gráficos brasileiros.

Na era Vargas (1930 a 1945), também conhecida como Estado Novo, houve o período da ditadura e da regulamentação de diversas atividades em nosso país. Vargas governou centralizando o poder de forma autoritária, ao mesmo tempo em que, desenvolveu uma política econômica de grande modernização da indústria e urbanização do país. Essa ambiguidade foi a marca fundamental do Estado Novo: as políticas sociais avançaram enquanto o poder do Estado recrudescia. Criou um aparato de controle: o DIP<sup>2</sup>. De acordo com Gomes, o DIP tinha como que duas faces opostas e complementares. Tratava-se de difundir amplamente a imagem do novo regime que se instalara em novembro de 1937 e de combater a veiculação de todas as mensagens que lhe fossem contrárias (1996, p. 126). Repudiavam-se os personagens da literatura infantil acusando-os de deformadores da personalidade infantil.

Durante quinze anos os humoristas políticos sofreram perseguições<sup>3</sup> e o destaque ficou, especialmente, aos chargistas e quadrinistas evidenciando as obras infanto-juvenis. Assim, as histórias em quadrinhos infanto-juvenis foram “*a menina dos olhos*” de muitas editoras, entre eles estão os proprietários Adolfo Aizen com *Suplemento Juvenil* e Roberto

---

<sup>2</sup> Foi a partir de 1937 que intensificaram as recomendações para que se procedesse à fiscalização rigorosa das leituras das crianças por intermédio da imprensa. Esta intervenção de Vargas na literatura infantil fazia parte de um movimento mais amplo de centralização política e intervenção nos mais diferentes aspectos da vida social. O fortalecimento e a consolidação do poder do Estado ocorreram com a criação de aparatos institucionalizados de coerção. Reconhecendo o alcance dos meios de comunicação de massa, foram aperfeiçoados os órgãos de controle e repressão, instituídos ao longo da década de 30, garantindo a capacidade de intervenção estatal no âmbito dos meios de comunicação e cultura. O principal destes órgãos foi o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda). Ligado diretamente à Presidência da República e considerado peça fundamental de todo sistema censor do governo. O DIP era resultado da transformação de experiências anteriores: desde a atuação do Departamento de Propaganda (DOP), criado em 1931, o qual foi substituído pelo Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC), órgão atuante em todo período da constituinte de 1934 e reformulado em 1938, sob a sigla DPD, denominação mantida até 1939, data da criação do DIP.

<sup>3</sup> Exemplo de censura à literatura infantil no período foi a “caça” à obra de Monteiro Lobato, Peter Pan e do livro Tarzan, o Invencível.



Marinho com *O Globo Juvenil*, sendo os dois concorrentes nas publicações (Universo HQ, março 2015).

Os quadrinhos infantis brasileiros ganharam força entre os anos de 1950 e 1960. Os cartunistas Maurício de Sousa<sup>4</sup> e Ziraldo Alves Pinto, criaram personagens tipicamente brasileiros que encantam gerações há mais de cinco décadas.

Maurício de Sousa estreou sua primeira história em quadrinhos com os personagens, Bidu e Franjinha, em suplementos de jornais de São Paulo em 1954.

Em 1961, em homenagem aos ribeirinhos do Vale do Paraíba e a um tio-avô, Maurício cria o personagem rural, Chico Bento, personagem coadjuvante das tiras de Hiroshi e Zezinho (Hiro e Zé da Roça), ganhando a simpatia dos leitores Chico passa de coadjuvante a protagonista das histórias tendo sua revista própria lançada em 1982 com o título *Chico Bento, Óia nós aqui!*

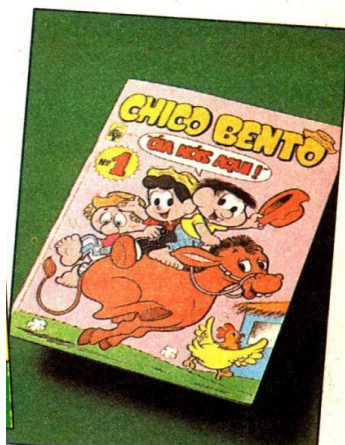


Figura 10: Chico Bento nº 1, Ed. Abril, Agosto de 1982.

Dois anos mais tarde, em 1963 Maurício torna a inovar, tendo como inspiração suas filhas cria as personagens Mônica e Magali, assim como o personagem de Chico Bento, *A Turma da Mônica* também conquistou gerações e com isso fez do cartunista um dos maiores criadores da América Latina. Maurício de Sousa, nos anos seguintes cria mais personagens

---

<sup>4</sup> Maurício de Sousa nasceu em Santa Isabel/São Paulo em 27 de outubro de 1935. Foi repórter policial no jornal *Folha da Manhã* (atual *Folha de S. Paulo*). No ano de 1959, Maurício criou uma série de tiras em quadrinhos com um cãozinho e seu dono, Bidu e Franjinha. Nos anos de 1960 e 1961, criaria outras tiras de jornal como: *Cebolinha*, *Piteco*, *Chico Bento*, *Penadinho* e páginas tipo tabloide para publicação semanal – *Horácio*, *Raposo*, *Astronauta*. Em 1970, as revistas *Turma Mônica* chegaram às bancas sendo lançada com tiragem de 200 mil exemplares. Dois anos depois, lançaria a revista *Cebolinha* e nos anos seguintes as publicações do *Chico Bento*, *Cascão*, *Magali*, *Pelezinho* e outras. No ano de 2006, Maurício lança a *Turma da Mônica Jovem*. Em 2013, torna a inovar cria então a revista de *Chico Bento Moço*, são revistas com aventuras de um jovem que sai do meio rural e vai para a cidade grande estudar. Em 2015 Maurício de Sousa comemora 80 anos regados de muitas homenagens, como por exemplo, a decoração com personagens em quadrinhos nos aviões da Avianca e uma tiragem do *Metro Jornal*, no qual foi editor convidado, contando sua trajetória de sucesso e dedicação.



para entrar na história das histórias em quadrinhos brasileiras e ultrapassando fronteiras, chegando às terras do oriente e encanta a nação do sol poente.

Ziraldo<sup>5</sup>, conhecido por suas obras chargistas na imprensa, lançou vários personagens infantis como *A Turma do Pererê*, *Super-Mãe* e *O Menino Maluquinho* (best sellers), suas publicações se mantêm até 2007, suas obras passam por adaptações para o cinema, desenhos animados e séries televisivas, assim como os personagens do cartunista Maurício de Sousa.



Figura 11: A Turma do Pererê - A Supermãe - O Menino Maluquinho.

No próximo item, apresentaremos a contextualização sobre o personagem Chico Bento que será analisado neste trabalho.

## 1.2. Contextualização sobre o personagem Chico Bento

Para entender as questões linguísticas que propomos analisar é fundamental entender o contexto da criação do personagem e o autor. A seguir apresentamos as origens do Chico Bento.

## 1.3. Origens do personagem Chico Bento

No ano de 1961, enquanto Jânio Quadros, com sete meses de mandato presidencial, renunciava à presidência da República do Brasil, Maurício Araujo de Sousa, popularmente conhecido como Maurício de Sousa, dá vida a um dos personagens mais citados e queridos nas histórias em quadrinhos brasileira e que se tornaria o personagem que afirma sua nacionalidade brasileira e rural, Francisco Antônio Felício Bento, o popular Chico Bento. O personagem nasceu a partir das observações do cartunista junto ao homem do campo, em uma área muito próxima a Mogi das Cruzes e ao Vale do Paraíba, interior de São Paulo. O nome

<sup>5</sup> Ziraldo Alves Pinto nasceu em 24 de outubro de 1932 em Caratinga/MG. É cartunista, desenhista, jornalista, cronista, chargista, pintor e dramaturgo brasileiro.

Chico Bento foi emprestado de um tio-avô de Maurício, que nem chegou a conhecer, mas de tanto ouvir histórias hilárias contadas por sua Vó Dita.

O nome Chico é a forma reduzida de Francisco e nos leva à alusão, dentre muitas, a São Francisco de Assis, personagem da tradição cristã católica, jovem de família nobre que deixou o conforto do lar para viver entre as pessoas mais humildes, amante da natureza e protetor dos animais, assim como o personagem Chico, de Maurício de Sousa, menino que tem como amigos próximos uma galinha, Giselda, e um porco, Torresmo, conversam facilmente com os pássaros e ainda tem uma fiel amizade com a Oncisvarda, a temida onça moradora da Vila Abobrinha.

A diferença entre os dois Franciscos é que o personagem dos quadrinhos é de origem humilde, já nasceu na roça, pode-se dizer que o amor de Chico Bento pela natureza e animais possivelmente tenha sido herdado dos pais, pois vivem na Vila Abobrinha e são rodeados pela natureza, talvez o nome do primogênito da família tenha sido proposital como se a relação entre nome e as ações que, futuramente seriam desenvolvidas pela criança, já fizessem parte de um conteúdo psicológico e ideológico e fosse motivada intrinsecamente, a posição social entre Chico Bento e São Francisco de Assis são opostas, pois o santo católico vem de berços nobres e abandona, aos 24 anos, o conforto do lar para unir-se aos menos favorecidos e marginalizados pela sociedade da época. O segundo nome do personagem de Maurício de Sousa, “Bento”, segundo o *Dicionário Houaiss* (versão on-line, 2015), a palavra foi introduzido na Língua Portuguesa no ano 1262,

É um adjetivo relacionado a algo que foi abençoado; bendito. Sua etimologia origina-se do latim *benedictus*, a, um ‘bendito’, é um particípio passado de *benedicere*; no ano de 1274 seria escrito *béeyto*, e no ano de 1298 *bento*, no século XIII *beyto*, século XIV *bēeyto* até chegar ao que conhecemos hoje, século XXI – Bento.

É um vocábulo frequentemente pronunciado pelos fiéis de diversas crenças para relacionar a alguma coisa que é portadora da graça divina, cheias de bênçãos dos céus ou até mesmo para agradecer por algo de difícil acesso alcançado.

Chico Bento tem características de morador do interior, com seus costumes, jeitos, crenças e modo de falar que atende a variação caipira, que de acordo com a gramática normativa é uma fala “errada” e vista com preconceito por aqueles que tiveram acesso ao ensino formal. As suas vestes simples nos remetem a duas cores da nossa bandeira, reafirmando o seu brasileiro, ou até mesmo o patriotismo, o amarelo da sua camiseta e o azul da sua calça, sem contar os pés sempre em contato direto com o chão, com a terra. Chico Bento carrega nas cores de suas roupas a simbologia de duas riquezas naturais de nosso país:

o amarelo do ouro, fonte de renda de muitos em épocas passadas, e o azul do céu de anil. Por meio da descrição do personagem, podemos notar a sua ligação com a natureza e o local em que vive no campo.

Enquanto criança Chico mora com seus pais na Vila Abobrinha, lugar em que a natureza é presente, possui muitos amigos, inclusive amigos animais, e com eles vivem muitas aventuras como, por exemplo, nadar no lago, roubar goiaba do sítio do Nhô Lau e fazer as peripécias de qualquer criança. Chico não gosta de estudar, mas mesmo assim vai à escola e não consegue aprender muita coisa. Anda, em quase todas as narrativas de pés descalços, só usa calçados quando vai visitar seu primo Zeca que mora na cidade ou algumas vezes quando está frio. É apaixonado por Rosinha, uma menina também do campo com quem Chico mantém um romance às escondidas.

Vergueiro (1985, p. 150) afirma que Chico Bento surge na obra de Maurício de Sousa como menino caipira baseado no Jeca Tatu de Monteiro Lobato, que fala um português típico do interior paulista e suas características são muito próximas ao personagem criado por Monteiro Lobato na década de 1930, um personagem do campo sempre de pés descalços, calças pula-brejo e com o inseparável chapéu de palha e tem um companheiro fiel em quase todos os momentos, o de Jeca é o cachorrinho e o de Chico Bento é a galinha Giselda, carinhosamente chamada por Giserda, e que também é “falante” do dialeto caipira. Quanto à comparação feita por alguns pesquisadores relacionados à semelhança entre os personagens, Maurício de Sousa comenta:

Quanto às conclusões dos pesquisadores sobre semelhanças do Chico com o Jeca Tatu, fica por conta desses mesmos pesquisadores. Eu, mesmo, nunca pensei em aproximar as duas imagens. Mas essas conclusões talvez sejam provocadas pela origem dos dois personagens: Chico é uma montagem de características que vi e vivi na minha infância, nas cidades de Mogi da Cruzes e Santa Isabel. Bem na área do Vale do Paraíba. E o Jeca Tatu é um personagem criado pelo Lobato, a partir de observações que ele fazia de roceiros do mesmo Vale do Paraíba. Uma ou outra coisa em termos de hábitos, costumes, uma ou outra coisa em termos de moldura, devem ser semelhante. Mas definitivamente Chico Bento é mais um tio-avô meu, roceiro da região do Taboão (entre Mogi e Santa Isabel), que nem cheguei a conhecer pessoalmente, mas de quem conheci inúmeras histórias hilariantes, contadas pela minha avó. Era uma espécie de Pedro Malazartes, tanto que aprontava. E tinha um irmão gêmeo, Zé Bento, que no início ignorei, para as histórias em quadrinhos. Posteriormente, quando senti que o Chico Bento precisava de um outro personagem para a geração de situações mais cômicas, fui buscar o tal gêmeo. Que batizei de Zé Lelé. Nas historinhas, ele é apenas um amigo do Chico (22/11/2002, disponível em <http://turmadamonica.uol.com.br/cronicas/o-veio-chico/> e acesso em 6 de abril de 2015, às 15h30min.).

Em relação às comparações pode-se dizer que, os personagens nasceram no Brasil rural e com atitudes simples e naturais que representam os valores da cultura do campo, devido as fortes evidências em relação aos estereótipos uma se destaca, a natureza que os

cercam e o amor aos animais. Chico Bento reescreve a identidade do povo brasileiro do campo, mas ainda é visto como um matuto pela classe letrada. Como Maurício de Sousa é do interior paulista, é possível que o cartunista tenha colocado no seu personagem muito de suas impressões vividas por lá, provavelmente vem dessas impressões a comparação ao personagem do ilustre Monteiro Lobato.

Seguindo com a origem do personagem Chico Bento de Maurício de Sousa, a seguir abordaremos a evolução do personagem através do tempo em sua estética física, lembrando que a psicológica permanece a mesma sem abandonar suas raízes.

#### 1.4. A evolução do personagem Chico Bento

Francisco Antônio Felício Bento, conhecido como Chico Bento foi criado pelo cartunista Maurício de Sousa em 1961, o personagem nasceu com quase sete anos de idade, não tão bonito, mais magro e com as mesmas características que conhecemos hoje (calmo, amante da natureza e dos animais, frequenta a escola, mas não consegue aprender muita coisa relacionado aos conteúdos teóricos).

O menino caipira nasceu coadjuvante na tira de Hiroshi e Zezinho (o Hiro e o Zé da Roça) as tiras eram publicadas no *Diário da Noite*, um jornal da década de 1960 que circulava mensalmente em São Paulo. O *Diário da Noite* pertencia ao grupo dos *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand. O personagem aos poucos foi ganhando mais espaço e conquistando o público leitor do jornal. Ainda na década de 1960, Hiro e Zé apareciam em tabloides na revista *Coopercotia*, da Cooperativa Agrícola de Cotia, sua publicação era mensal. Com frequência Chico aparecia entre as histórias dos dois titulares, ainda como coadjuvante, ao lado dos companheiros certinhos.



Figura 12: Primeira tira do Chico Bento, 1963 - Chico Bento 50 Anos (2012), p. 10.

Em 1964 deixa de ser coadjuvante e tem seu primeiro tabloide lançado no suplemento de quadrinhos do *Diário de São Paulo* e em cores, os personagens Hiroshi e Zezinho (Hiro e o Zé da Roça) passam a ser os coadjuvantes das histórias de Chico Bento. Conforme citado

anteriormente, Chico ganhou revista própria em agosto de 1982 com *Chico Bento, Óia nós aqui!*

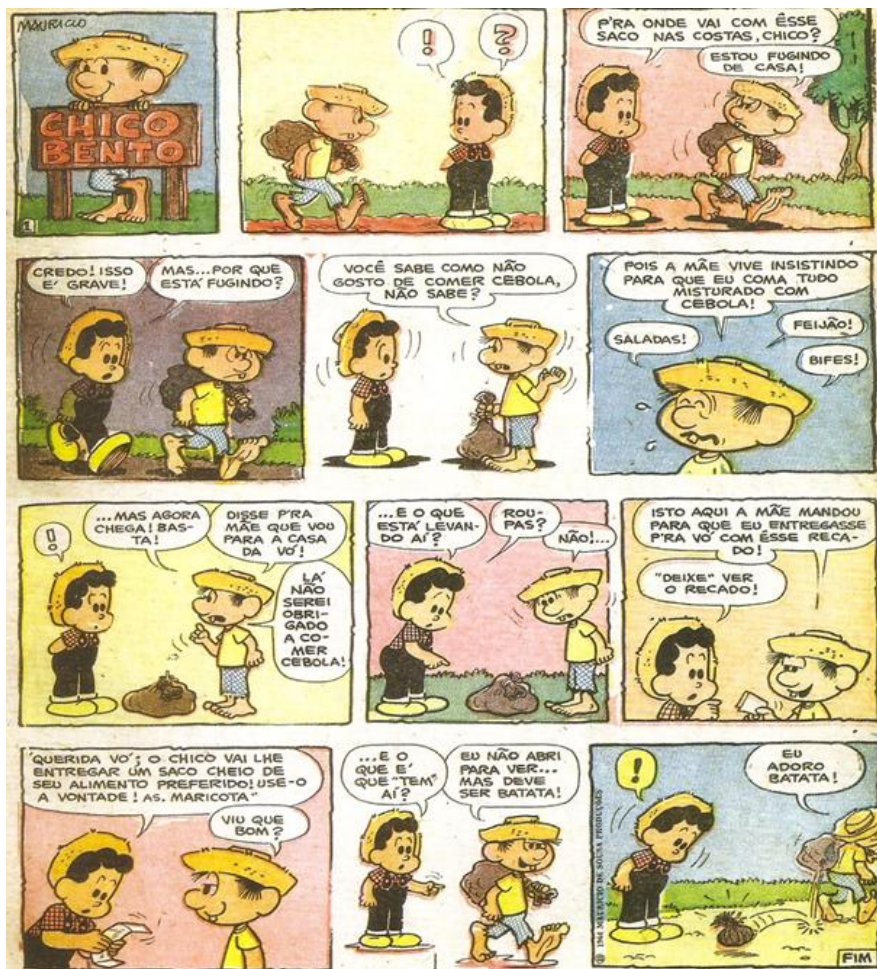


Figura 13: Primeiro tabloide do personagem em 1964 no Suplemento Semanal de Quadrinhos do Jornal Diário de S. Paulo.

O personagem, no início das histórias, era mais alto e magro, usava calças com listras e remendo e um cordão na cintura que finalizava com um laço, usava também acessório, como o colar no pescoço (tipo escapulário), o chapéu de palha maior e um pouco mais esganiçado. Com o passar do tempo Chico e todos os personagens de Maurício de Sousa foram ganhando formas arredondadas e infantis. Conforme nos mostram as imagens abaixo:

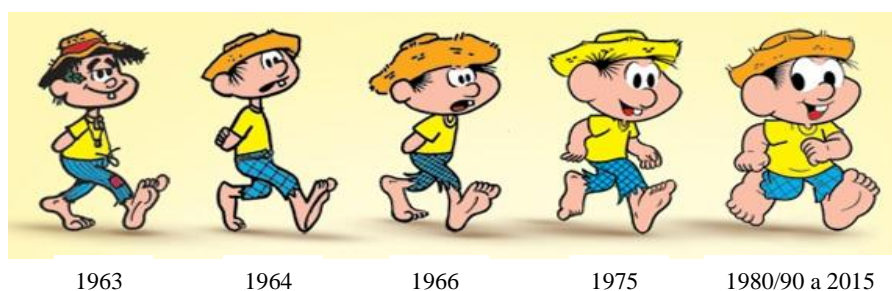


Figura 14: Evolução do Chico Bento na História.



Para Vergueiro (1985), Chico Bento é o Jeca Tatu mirim e com esse estereótipo o personagem reafirma a identidade do povo do Brasil, devido sua forte ligação com a cultura do campo, seu falar interiorano, o amor à ecologia e aos animais e o que há mais bonito no personagem é a ausência de maldade, reafirmando o seu amor à fauna e flora. Em 2014, Chico Bento foi nomeado pelo *World Wide Fund for Nature - Brasil* (WWF-Brasil) embaixador de proteção das nascentes do Pantanal (Diário do Limoeiro, 20/03/2014).

O menino caipira, enquanto criança mora no campo, vivencia a cultura dos contadores de causos e lendas como Saci Pererê, Mulas-sem-cabeças e muitos outros, participa das festas da Vila Abobrinha, quadrilhas, quermesses, gincanas e ainda sobra tempo para o namorico com Rosinha, uma menina doce e meiga que também é apaixonada por Chico.

No significado criado por Mauricio de Sousa para Chico Bento, o personagem enquanto criança, não é adepto à escola e a frequenta por insistência dos pais e tem como professora Dona Marocas – uma jovem simpática e dedicada que sonha um dia ver seus alunos ingressarem na faculdade –, mas não consegue aprender muito, o que mais gosta de fazer é ficar livre ao meio a natureza e sem preocupação.

No próximo item, apresentaremos algumas das características mais marcantes de Chico Bento e a sua importância na representação do homem do campo.

### **1.5. Breve análise do personagem**

Chico Bento possui características próprias que o difere dos demais personagens já criados pelo cartunista: o meio em que habita (campo), o estilo de se vestir, a maneira de falar, os valores pessoais e interpessoais, as pessoas com o qual divide o dia a dia. De família tradicional e do meio rural, Chico Bento compõe o perfil do sujeito homem do campo, assim como toda a sua família, pois cuidam da terra, plantam, colhem para se alimentarem de maneira saudável.

Por meio das sequências narrativas que compõem as histórias em quadrinhos de Chico Bento é notório afirmar suas características: menino nascido e criado no campo tem como dialeto a variação caipira, em sua fala há o retroflexo e os metaplasmos por assimilação, síncope e apócope. Tem atenção especial com os animais, rios e plantas dando-lhes carinho e tratando-os como se fosse de fato membro familiar, tem coração puro, ingênuo, não gosta de injustiça, ama tirar uma sonequinha logo após o almoço, é tranquilo e nem com os estudos se preocupa, suas vestimentas são simples e em comparação às roupas da cidade, não anda na

moda, mas em relação à natureza é exceção na atualidade, principalmente entre os jovens, devido sua preocupação com o meio ambiente.

Faz parte de uma família pequena, humilde, unida e feliz composta pelo pai Nhô Bento, sua mãe D. Cotinha e sua querida Vó D. Dita. Poucas pessoas sabem, mas Chico teve uma irmãzinha, a Mariana que passou pouco tempo entre os Bentos e virou estrelinha, a Estrelinha Mariana que esporadicamente aparece nas narrativas da Turma da Roça. Cuidam da horta, das aves e dos cereais para se alimentarem. Os valores morais que a maioria das pessoas da modernidade distorce Chico Bento e toda sua família os mantém como o amor, o respeito, a simplicidade, a coragem e a honestidade. O personagem foi criado a princípio para homenagear os povos ribeirinhos e permanece encantando e representando o homem do campo com os costumes de um Brasil rural.

D'Oliveira<sup>6</sup> faz uma citação em sua dissertação referente a Chico Bento:

O simpático menino do interior paulista foi elevado à categoria de objeto de estudo, pelo fato de despontar como uma unanimidade dentre os teóricos dos quadrinhos nacionais [...] o Chico Bento permanece impávido, citação indefectível quando o assunto é brasilidade. Estranho poder, o desse menino (2006, p. 78-79).

Estranho poder esse que na atual realidade falta entre as pessoas, esse amor à terra natal, ao seu país, a valorização da simplicidade da vida que faz desse menino um ícone em relação aos quadrinhos nacionais. Não faz muito tempo que as pessoas dos centros urbanos imaginavam o mundo a partir da vida do campo, hoje essa visão está sendo reconstruída por novas gerações. Na década em que Chico Bento foi criado, havia o sentimento de nacionalismo na sociedade brasileira, havia união entre as pessoas que se ajudavam sem interesse maior.

Senhores e serviçais se tratavam de igual para igual, mas com o passar do tempo iniciou-se o declínio dos garimpos e a falta do ouro como moeda de enriquecimento e com a evasão do campo formaram-se as comunidades urbanas e com elas o desenvolvimento em massa como os meios de comunicação e transporte e um novo pensamento na mente das pessoas.

A modernidade e a tradição de Brasil rural se correlacionam: o contemporâneo é a demarcação do tradicionalismo; como o tradicional é a demarcação do contemporâneo. Assim se constitui a identidade de Chico Bento, um personagem que preserva a identidade

---

<sup>6</sup> D'OLIVEIRA, Geisa Fernandes. Cultura em Quadrinhos: reflexões sobre as histórias em quadrinhos na perspectiva dos Estudos Culturais. In: Alceu. *Revista de Comunicação*, Cultura e Política, v 4, nº 8 - jan / jun, 2004, p. 78-79.

caipira, não se deixando influenciar pela cultura moderna, mantendo os traços e hábitos de um indivíduo do campo, porém inserido na cultura atual.

A seguir, apresentaremos as marcas do dialeto de Chico Bento publicadas em suas histórias e muito próximas da oralidade do grupo maior, os ditos letrados.

### **1.6. O falar do personagem Chico Bento**

*A Turma do Chico Bento* é uma das revistas criadas por Maurício de Sousa que encanta leitores de todas as idades, com o dialeto caipira e a vida interiorana, ela se torna diferente das demais revistas criadas pelo desenhista por se tratar do homem do campo, fixando raízes na terra.

Do ponto de vista da gramática normativa, as revistas de Chico Bento sofrem preconceito por não usarem o conceito da língua padrão tão enfatizado nas escolas. Mas para uma geração mais nova de professores, com base na Sociolinguística (ramo da linguística que estuda as relações entre língua e sociedade e dá ênfase ao caráter institucional das línguas), o personagem está inserido no dialeto da Turma da Roça (variação considerada caipira pelos letrados), sendo uma das diversas variações linguísticas que existem no Brasil, no caso a variação diatópica.

Nos quadrinhos da Turma da Roça os diálogos são escritos na variação caipira. O falar caipira tem como marca o “r” retroflexo - GiseRda, OncisvaRda - além disso, durante a fala o personagem inconscientemente faz alterações de letras nas palavras, ora trocando o “l” pelo “r” – “cLaro” por “cRaro”, ora fazendo a transposição de letras em sílabas separadas – “vidRo” por “vRido”, ora desaparecendo fonemas no início das palavras – “Agradecido” por “Gradecido”, e ainda assimilando as vogais trocando-as de posição de fonemas – “quE” por “quI”.

As formas identificadas e cristalizadas nos quadrinhos de Chico Bento por Maurício de Sousa reproduzem a maneira como o homem do campo fala e é normal a quantidade de palavras que se identificam com a norma popular. Relacionado a essa norma Figueiredo & Marins afirmam:

A relação dicotômica rural/urbano é trazida à tona, interpretada, comumente (sic), segundo a velha ordem econômica e social, em que em virtude do novo padrão industrial, o espaço rural passa a ser compreendido em comparação ao espaço urbano (2014, p. 127).



É impossível defender a Língua Portuguesa como um monolito, como uma forma coesa e única, que não apresenta variações. Normalmente os defensores desse modelo consideram as formas variantes como erros. Entre as variantes encontradas, de acordo com Ilari & Basso (2006, p. 151), podemos destacar as variantes diacrônica, diatópica, diastrática e diamésica. Essas variações implicam o ensino da língua materna:

A variação diacrônica (do grego *diá* = através de; *khronos* = tempo) é aquela que se verifica ao longo do tempo (metaplasmos); a diatópica (do grego *diá* = através de; *topos* = lugar) é a língua falada em diferentes lugares de um mesmo país; a variação diastrática (do grego *dia* = através de; *stratum* = estrato, camada) corresponde às diferentes formas produzidas por falantes de diferentes classes sociais; variação diamésica (do grego *diá* = através de e *mésos* = meio) é aquela que se observa entre a língua falada e a língua escrita. Essas variações só enfatizam que a língua não é uma, homogênea, mas sim heterogênia e dinâmica, já que está em constante mudança (KANTHACK, 2010, p. 46-54).

Do ponto de vista lexical, o dialeto caipira do personagem Chico Bento é compreendido de duas formas: o falar rural com fortes traços de oralidade e o falar urbano de prestígio dentro dos padrões da gramática normativa com traços significativos de oralidade.

Em toda e qualquer narrativa da *Turma da Roça*, tendo ou não como protagonista o personagem Chico Bento, nota-se traços linguísticos cristalizados do dialeto caipira, esses traços também é comum na fala das pessoas que moram na cidade, pois as marcas de oralidades existem, inclusive, na fala das pessoas do mais alto padrão de estudos e classes sociais.

Devido a essas marcas de oralidade comum entre as pessoas, é possível perceber que nenhuma língua do mundo se escreve como se fala, existe um distanciamento entre a oralidade e a escrita, por isso a língua é viva e segundo Bagno (2005, p. 25), a partir do momento em que se estabelece uma norma-padrão, ela ganha tamanha importância e prestígio social que todas as demais variedades são consideradas “impróprias”, “inadequadas”, “erradas”, “pobres”, entre muitos outros adjetivos pejorativos.

No próximo tópico apresentaremos o conceito de caipira através do ponto de vista de teóricos como Amaral (2013), Bortoni (2011) e Cunha (1998).

## 1.7. O caipira

Nos séculos XIX e XX, se afirmaria no país, especificamente em terras paulistas, um dialeto com pronúncia marcante e inconfundível, o dialeto caipira. Sua influência foi tamanha que nem mesmo a minoria culta pudesse escapar de suas pronúncias. Dessa maneira

Amaral (2013, p. 31 versão e-book) afirma que ao tempo em que o célebre falar paulista reinava sem contraste sensível, o *caipirismo* não existia apenas na linguagem, mas em todas as manifestações da nossa vida provinciana.

Segundo Cunha (1998), há a seguinte definição para a palavra caipira:

**Caipira:** origem controvertida. Admitindo-se que proceda do tupi, caipira poderia ser uma corruptela de caipora, com intercorrência de curupira, que justificaria a evolução – pora ~ pira. Semanticamente a hipótese é viável; faltam, todavia, os elos da cadeia evolutiva, pois, a documentação histórica é tardia ~ v. Caipora e Curupira. Indivíduo rústico, tímido; roceiro, matuto (p. 83).

Em sentido preciso, Bortoni destaca como *caipira* a população rural do interior de São Paulo,

caipira refere-se ao universo da cultura rústica de São Paulo e identifica um modo de vida e não um tipo racial (...). Adjetivada, a palavra é usada para descrever o modo de vida isolado e antiquado dos habitantes de áreas rurais, quando comparado ao modo de vida urbano (2011, p. 34-35, *apud* CÂNDIDO).

O modo antiquado que se refere Bortoni seria o modo de vida pacata, sem muita pressa, uma vez que a comparação homem do campo versus homem da cidade tenderia a crescer ainda mais, já que a industrialização estaria muito próxima da realidade da época.

Com o passar dos anos tudo foi renovando-se, houve a evasão nos campos e o trabalho escravo foi substituído pelo assalariado distanciando a convivência entre as pessoas brancas e boa parte da população negra. Da mesma maneira ocorreu com os caipiras, sendo deixados de lado e passando a não mais participar das organizações e vida coletiva.

Com o crescimento da população surgiram os meios de comunicações, o fortalecimento do comércio afirmando definitivamente sua relação com o exterior e afastando de vez as pessoas detentoras do dialeto caipira. Segundo Amaral:

Era impossível que o dialeto caipira deixasse de sofrer com tão grandes alterações do meio social. Hoje, ele acha-se acantado em pequenas localidades que não acompanharam de perto o movimento geral do progresso e subsiste, fora daí, na boca de pessoas idosas, indelevelmente influenciadas pela antiga educação (2013, p. 37).

A população rural se viu forçada a migrar para os centros urbanos, com pouco dinheiro e sem oportunidades de acesso escolar preservaram o dialeto caipira, mesmo sofrendo com o rótulo estigmatizado.

Com a chegada do cinema houve a afirmação do caipira no país, pois,

A primeira ficção cinematográfica da qual se teve notícia foi a comédia de enredo caipira “*Nhô Anastácio chegou de viagem* (1908)”, contando as trapalhadas de um caipira no Rio de Janeiro, no início do século XX. A comédia relatava as peripécias

de um caipira matuto que desembarcou na Central e, depois de andar pelas ruas e avenidas e admirar a Caixa de Convenção, o Palácio Monroe e o Passeio público, emblemas da então capital fluminense, apaixonou-se por uma cantora, mas tudo se complicou com a chegada súbita de sua esposa. Depois de uma série de perseguições cômicas terminou com uma reconciliação, um típico final feliz (GONZAGA & GOMES, 1966, p. 16).

Catani & Souza (1983) afirma que o filme: *Acabaram-se os Otários*, exibido em 1929, foi o marco inicial do cinema sonoro no Brasil levando aos cinemas aproximadamente 35 mil pessoas.

O ano de 1929 define uma segunda fase, com as seguintes características: experimenta-se o filme sonoro de ficção; utiliza-se um cômico popular, o caipira Genésio Arruda; as músicas ficam a cargo de Paraguaçu, e o filme faz enorme sucesso, permanecendo 76 dias em exibição nos cinemas da capital carioca (CATANI & SOUZA, 1983, p. 9).

O flyer do filme anunciava o que o expectador iria ver na tela do cinema. Uma história cômica com participação de um simpático caipira e sua viola.



Figura 15: O primeiro filme sonoro brasileiro é a comédia *Acabaram-se os Otários* (1929), de Luiz de Barros, realizado pela Companhia Sincrocínex.

Mesmo com a migração do campo para a cidade, os caipiras reafirmam seu amor à terra natal, pois havia saído de seu *habitat*, mas nunca abandonou suas origens. Isso é perceptível através do primeiro filme sonoro exibido no Brasil em que um personagem caipira, Genésio Arruda, é um dos personagens principais reascendendo o sentimento de brasilidade nas pessoas mais humildes.

Com o surgimento da sonorização nos cinemas, Amácio Mazzaropi<sup>7</sup> interpretou um típico caipira nas telonas, o Jeca Tatu<sup>8</sup> de Monteiro Lobato, com calças pula-brejo, paletó

<sup>7</sup> Amácio Mazzaropi nasceu em São Paulo no dia 9 de abril de 1912. Criado em Taubaté, interior paulista, ficou conhecido nacionalmente por incorporar os modos e gestos das pessoas do campo em suas apresentações no rádio, cinema e televisão.

apertado, camisa xadrez e botinas, conquistou a maior bilheteria do cinema nacional. O sucesso persistiu nas décadas de 1960 e 1970 (UOL Educação).

Com o personagem Jeca Tatu, Mazzaropi resgatou tradições populares brasileiras que, talvez, corria o risco de cair no esquecimento. Através das imagens e de sua interpretação, representou os valores fundamentais do modo de vida dos brasileiros mais humildes e automaticamente os problemas que o processo migratório trouxe à população, as conquistas também foram bem representadas por Mazzaropi, como a liberdade e justiça.

A ficção se aproxima de tal maneira da realidade que, possivelmente há a reprodução, na obra literária, imitando o mundo real, levando o expectador/leitor ao ápice de sua imaginação com os sentimentos vivenciados pelos personagens fictícios e repassados ao público como verdade.

Nota-se que o preconceito com o caipira não é recente e que a luta diária desse povo vem ganhando espaço nos meios de comunicação e sociedade em geral, porém há muito que fazer para que esse preconceito se dissipe e que possam viver sem rótulos e estereótipos de povo matuto, ignorante e de fala errada.

No próximo tópico apresentaremos o preconceito linguístico existente no dialeto estereotipado na sociedade e no senso-comum do caipira.

### **1.8. Preconceito contra caipira**

A descoberta do Brasil pelos portugueses, no início do século XVI, é formada por uma miscigenação cultural, sendo uma mistura de etnias, credos e crenças dando origem ao Brasil Rural. A Língua Portuguesa corta o Atlântico e ancora-se em terras brasileiras juntamente com a caravana de Pedro Álvares Cabral. Nessa época, segundo Ilari & Basso (2006, p. 14), caracterizado de uma forma sucinta, ficando entre o latim vulgar e o português atual, não possuindo uma grafia definida.

Com a chegada dos portugueses, os navegantes entraram em contato com as línguas indígenas dos nativos da terra do pau-brasil e com isso foi sobrepondo sua língua à dos indígenas. Devido ao processo de colonização, a Língua Portuguesa começa a se misturar com outras línguas como as dos africanos que aqui chegaram à condição de escravos, e com as dos imigrantes europeus, diferenciando o português de Portugal com o português do Brasil.

---

<sup>8</sup> Personagem criado por Monteiro Lobato em 1914 para um artigo do jornal *Estado de São Paulo*. O personagem Jeca Tatu teve várias interpretações, sendo a maior representada por Amácio Mazzaropi na inspiração de seu personagem – Jeca, inspirado na obra de Lobato.

Conforme Silva (2010, p. 31), a primeira gramática da Língua Portuguesa foi publicada em 1536, escrita por padre Fernão de Oliveira, *Gramática Lingoagem Portuguesa*. Somente as pessoas de “posses” é que tinha acesso a essa gramática para escolarização, ficando os menos favorecidos sem contato com o livro, apenas exercendo as funções braçais da colonização também conhecido como Brasil rural.

O período do Brasil rural não evidencia pessoas que não tinham hábitos civilizados e sim um longo processo de colonização dos bandeirantes paulistas, que por motivo de interesse maior e também interesse pelos índios e pelo ouro adentrou os estados de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. O vocábulo rural ainda é rotulado pelo grande grupo social como caipira e conforme Martins (2004, p. 168, apud Silva<sup>9</sup> 2014, p. 2478) “caipira era tanto o pobre quanto o rico, dado que caipira era uma cultura, antes de tudo, embora também fosse o descendente do mestiço de índia e branco, o que os ricos mais antigos em boa parte eram”.

Os chamados “caipiras” foram os que mais colaboraram para a formação do povo brasileiro, são pessoas humildes que restaram da colonização do Estado de São Paulo e por fim fixaram residências em diversas regiões do país. Devido ao trabalho árduo e dedicado tornaram-se criadores de gados e agricultores, mas antes de fixar residência – tendo ou não poder aquisitivo em vantagem – todos mantinham o mesmo padrão de vida (RIBEIRO, 1995, p. 369 apud Silva, 2014). E cita: “formavam uma sociedade que, por ser mais pobre, era também mais igualitária, na qual senhores e índios se entendiam antes como chefes e seus soldados, do que como amos e seus escravos”. Todo esse clima de união e respeito aos poucos se foram dissipando devido à necessidade de concorrência entre si.

Com o término do ciclo do ouro a economia no país teve declínio e a maior parte dos portugueses, indígenas e negros migraram para áreas de novas minas de ouro e, segundo Ribeiro, as áreas antes invadidas iniciam o processo de deculturação equilibrando-se “numa variante da cultura brasileira rústica que se cristaliza como área cultural caipira” (1995, p. 383 apud Silva, 2014).

Conforme citação Cândido (1998, p. 42), o caipira tem características própria e limitada em seu modo de vida social e material limitando as relações sociais dentro de bairros. Toda a vida gerava em torno dessa comunidade e na construção dos bairros que a princípio seria assentamentos construídos de forma extensa, os caipiras os chamavam de naçãozinha.

---

<sup>9</sup> Silva, Marly Custódio da. Uma interface entre *Chico Bento*, de Maurício de Sousa, e a novela *O Cravo e a Rosa*, de Walcyr Carrasco. *Revista Philologus*, Ano 20, N° 60 Supl. 1: Anais da IX JNLFLP. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez. 2014.

O bairro era onde a vida de fato acontecia, viviam na simplicidade praticavam a solidariedade entre si e mantinham os hábitos de caça e pesca indígena. O acesso à educação formal era prioridade dos mais privilegiados ficando assim os chamados “caipiras” com seu dialeto original de tempos sem escolarização.

A partir século XX a vida calma do pequeno povoado (bairros) perde espaço para a industrialização. Nasce a sociedade de mercado, consumista e exploradora. No campo as mudanças são visíveis, “caipiras”, sem acesso aos estudos vão para a cidade para exercer trabalhos braçais e com o ganho desse trabalho comprar mercadorias do novo e inédito mercado, mas não foi bem isso o que aconteceu. Segundo Sousa “iniciavam, portanto, a formação de um considerável contingente que, a despeito de ‘arriscar a sorte’, acalentava a nostalgia da vida tranquila da roça (...)” (2005, p. 114).

Os trabalhadores rurais, os chamados “caipiras”, devido ao nível baixo de instrução não conseguiram emprego com remuneração compatível e com isso não realizaram o sonho de consumo do novo mercado e passaram a viver sem moradia digna, e muito menos oportunidade à educação de qualidade, iniciando assim a formação das periferias brasileiras e a sentir na pele o preconceito do seu dialeto por parte das pessoas que tiveram acesso à educação formal e de prestígio, as diferenças socioeconômicas são, até hoje, o “calcanhar de Aquiles” entre a população e o governo, Bagno afirma que:

São essas graves diferenças de status socioeconômico que explicam a existência em nosso país de um verdadeiro abismo linguístico entre os falantes das variedades estigmatizadas do português brasileiro (moradores da zona rural ou das periferias das grandes cidades, miseráveis ou pobres, analfabetos ou semianalfabetos) – que são a maioria da população – e os falantes das variedades prestigiadas (moradores urbanos, mais escolarizados e de poder aquisitivo mais elevado) (2013, p. 28).

Todo o falante de uma determinada língua tem a necessidade de se comunicar e de se identificar com o grupo que os circunda, a língua é uma forma de identificação, aproximação, distanciamento ou até mesmo exclusão de determinados grupos. A língua como forma de exclusão ou distanciamento acontece quando os falantes considerados letrados acreditam que o falar do outro é “feio” ou “errado”. Assim, de maneira preconceituosa ter a percepção de caracterizar a linguagem do “outro” como incorreta é o mesmo que não se aceitar esse indivíduo como parte da sociedade é o que acontece com o dialeto caipira, ao invés de considerar o dialeto como manifestação de uma cultura de determinado grupo social inserido na diversidade existente de uma língua, esta é rotulada como uma forma engraçada e “errada” de falar. Perini (2000, p. 13) defende que mesmo pessoas que nunca estudou gramática chegam a um conhecimento implícito perfeitamente adequado da língua, devido a esse

conhecimento implícito de todo e qualquer falante de determinada língua, não é correto afirmar que existe língua certa ou errada.

Normalmente isso acontece porque uma das funções da linguagem é identificar e diferenciar cada comunidade e a identificação do indivíduo em diferentes estratos sociais, faixas etárias e graus de escolaridade (LEITE & CALLOUT, 2002, p. 7). Podemos dizer que a língua tende a diferenciar o social, faixa etária e grau de escolarização e, em alguns casos, provoca o preconceito linguístico, que não é bom como qualquer outro tipo de preconceito existente na sociedade.

O preconceito linguístico não é um assunto muito discutido, pois ocorre de maneira silenciosa sendo dissolvida ou, até mesmo justificada, pela ideia de dialeto “certo” ou “não certo”, conforme Leite & Callout “não existe variante boa ou má, língua rica ou pobre, dialeto superior ou inferior (...)” (2002, p. 8), o que existe são variações linguísticas em toda e qualquer esfera social.

Essa visão de dialeto “melhor” ou “pior”, vale-se da confusão que a norma padrão e escrita tem com a variedade falada. As consideradas “corretas” estão ligadas a uma parte da sociedade letrada que conhece as regras da gramática normativa e a outra às pessoas que não tiveram acesso à escola e não conhece as regras da gramática em questão.

A língua é viva e está em constante processo de mutação. Bagno afirma que: “Enquanto a língua é um rio caudaloso, longo e largo, que nunca se detém em seu curso, a gramática normativa é apenas um igapó (...)” (2013, p. 20), um igapó que rotula e massifica as variantes de classes menos privilegiadas, como a variante caipira. Já que a língua é um rio em águas correntes e como água que corre, que se transformam, os vocábulos sofrem mutações ou processos de metaplasmos na língua falada e também na escrita, possivelmente promovendo o acolhimento de diferentes dialetos renovados por esse rio caudaloso, longo e largo.

O preconceito em relação ao dialeto caipira está arraigado não na consideração da variante linguística como um fato natural da língua de um povo, mas sim de uma ilusória visão de que saber a Língua Portuguesa é saber falar corretamente, é estar por dentro das regras gramaticais da norma padrão conforme ensinado e cobrado por muitos professores de Língua Portuguesa,

(...) ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 190 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc (BAGNO, 2013, p. 27).

É necessário que todos de uma nação saibam utilizar as regras da gramática normativa, mas também é preciso que as diversidades da mesma língua não sejam esquecidas e nem sirva de motivo para preconceito negando a heterogeneidade de línguas faladas em um mesmo território. Para saber falar corretamente nem sempre é necessário saber a gramática, conforme Perini,

(...) não existe um grão de evidencia de que é preciso saber gramática para escrever bem, será de esperar que as pessoas que escrevem bem saibam gramática – ou, pelo menos, que as pessoas que sabem gramática escrevam bem. (...) saber gramática não é garantia de escrever bem (2000, p. 50).

O preconceito é a não aceitação do outro, e isso pode ocorrer em diversas áreas da esfera social como cultural, sexual, religiosa, racial e principalmente no dialeto caipira aqui representado pelo personagem de Chico Bento nos quadrinhos de Maurício de Sousa e Gustavo Duarte, já que a língua é inata do ser humano e na fala de todo e qualquer sujeito há marcas da variedade estigmatizada. Nenhuma língua do mundo é homogênea, existe a diversidade de gêneros que merecem e devem ser respeitadas.

No próximo capítulo apresentaremos a Sociolinguística no Português do Brasil, bem como a história da Língua Portuguesa e suas origens.



## **2. SOCIOLINGUÍSTICA: O PORTUGUÊS DO BRASIL**

A concepção de língua de Ferdinand de Saussure fez muito no sentido de elevar a linguística à posição de campo científico pleno. A proposta estruturalista deixa de lado as possíveis influências externas sobre a estrutura linguística, assumindo uma perspectiva pela qual as regras e relações internas dos componentes da gramática são suficientes para uma descrição adequada do objeto. De acordo com essas propostas, o sistema a ser descrito pela linguística era um construto *homogêneo*, ou seja, não eram consideradas eventuais variações ou influências típicas da fala sobre os elementos da língua, da mesma maneira que não era considerado o fato de que pode haver mais que uma forma expressando o mesmo significado.

Labov (1972) propõe um novo olhar sobre a estrutura da língua e especialmente sobre os fenômenos da variação e mudança linguística, pois para o autor não há comunidade de fala homogênea e nem falante ouvinte-ideal. Há a existência de variação inerente à fala, foi ele quem impulsionou a Sociolinguística, por isso é considerado o fundador dos estudos da Sociolinguística Variacionista.

Por meio da pesquisa desenvolvida por Labov em Marthas's Vineyard, cidade situada no nordeste dos Estados Unidos, que analisou o fenômeno de mudança linguística em processo da fala de seus habitantes, pode-se detectar que a língua possui fatores internos (sistemas) e externos passando a ser um instrumento social de comunicação entre a sociedade. Leite & Callout (2002, p. 7) reforçam de que é por meio da linguagem que uma sociedade se comunica e se faz entender. E essa comunicação é organizada e sistematizada pelo fato dos indivíduos de uma sociedade se comunicar com precisão, apesar das diversas variações linguísticas encontradas no meio em que se vive.

No próximo item iremos discorrer sobre a história da Língua Portuguesa, os caminhos percorridos, as influências sofridas com as línguas indígenas e africanas para o desenvolvimento do que hoje conhecemos como Língua Portuguesa do Brasil, pois se sabe que no Brasil não há um só falar, a partir da História da Língua Portuguesa é possível entender a formação do Português Brasileiro.

### **2.1. Língua Portuguesa**

Apresentaremos a seguir os fatos históricos da História da Língua Portuguesa desde as suas raízes latinas na Europa até ao apogeu da formação de como a conhecemos hoje. O texto discorre os fatos históricos da habitação dos romanos na Península Ibérica, a invasão dos

suevos e visigodos nos séculos VI e VII na Península, a invasão muçulmana e a luta pela reconquista do território, os primeiros registros do galego-português e português-moderno, o surgimento das primeiras gramáticas da Língua Portuguesa, a Língua Portuguesa no Brasil e o período colonial até a chegada de D. João VI e por fim à Independência do Brasil e a implantação da Língua Portuguesa como língua oficial no país.

### **2.1.1. Fatos históricos**

A Língua Portuguesa faz parte do grupo das línguas românicas também conhecidas como línguas neolatinas e introduzida pelos romanos na Lusitânia, esse nome se dá devido às transformações que o latim vulgar sofreu com a influência da Península Ibérica (SILVA, 2010, p. 19).

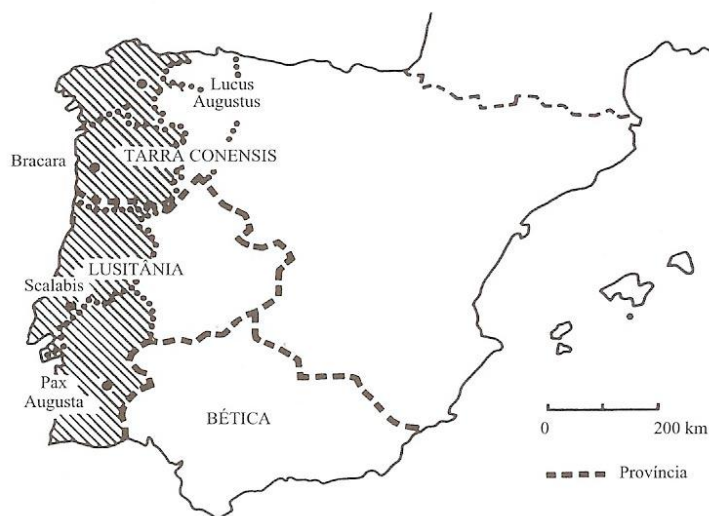
Os primeiros textos escritos em Português surgem no século XII, conforme afirma Said Ali:

O mais antigos documentos escriptos em portuguez que se conhecem, datam do seculo XII. Vê-se por elles que o idioma se formou em epoca muito mais antiga, pois a linguagem nos parece bem mais caracterizada e mais semelhante ao falar de hoje (ALI, 1931, p. 3).

Alguns vestígios do Português datado no século IX ainda em latim bárbaro confirmam a existência mais antiga da língua. Não diferenciando do galego, língua falada na época na província da Galiza, hoje conhecida por Espanha e Portugal. Segundo Teyssier essa língua comum – galego-português ou o galaico-português – é a forma que toma o latim no noroeste da península (1997, p. 5).

### **2.1.2. A habitação dos romanos na Península Ibérica**

Sob o comando de Cornélio Cipião, os romanos invadiram a Península Ibérica para atender ao pedido de ajuda de Sagunto, cidade grega atacada pelos soldados de Catargo (SILVA, 2010, p. 20) reforçando a Segunda Guerra Púnica e empreendendo, então, a conquista do país, tornando-se província romana e realizando também a conquista linguística, impondo aos povos vencidos a sua língua, o latim. “Todos os povos da Península, com exceção dos bascos, adotam o latim como língua e, mais tarde, todos abraçarão o cristianismo” (TEYSSIER, 1997, p. 6).



**Figura 16: Mapa: A Espanha romana no tempo de Augusto.**

Os romanos, tendo em mãos o domínio político e cultural na Península Ibérica, reforçaram ainda mais sua língua mesclando com a língua de um povo vencido, substratos linguísticos, com a língua do povo vencedor dando, origem a diversos dialetos chamados de romanços. Todo esse domínio é também reconhecido, conforme Alexandre Herculano (2010-2012, p. 30)<sup>10</sup> por Santo Agostinho: Trabalhavam para que a altiva Roma não só impusesse o seu jugo aos povos vencidos, mas até a sua língua depois de associados pela paz<sup>11</sup>.

Com o passar dos tempos, os dialetos foram se modificando, até formar uma nova língua. Com a invasão dos germânicos e na sequência dos árabes, a língua passou por mais um processo de transformação, mas o idioma falado pelos invasores não se estabeleceu em sua totalidade. Em relação à língua latina, Coutinho ressalta:

(...) não houve coação dos vencedores. O latim levado pelos legionários, colonos, comerciantes e funcionários públicos romanos, impôs-se pela força das próprias circunstâncias: tinha o prestígio de língua oficial, servia de veículo a uma cultura superior, era o idioma da escola (1976, p. 49).

Para a romanização do povo nativo, vários fatores importantes ocorreram em destaque ao cristianismo pregado pelos padres em um latim de fácil compreensão, contribuindo para o a união de todos os povos em um mesmo ideal de amor e fraternidade, desaparecendo, assim, com as diferenças sociais.

A Península, inicialmente, é dividida em duas províncias, a Hispânia Citerior (região nordeste) e a Hispânia Ulterior (região sudoeste). Pouco tempo depois, Augusto redivide a

<sup>10</sup> O livro *História de Portugal* de Alexandre Herculano, edições Verciel está Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=GhF8AgAAQBAJ&pg=PA30&lpg=PA30&dq=#v=onepage&q&f=false>> acessado em 30 de abril de 2015 às 12h25min.

<sup>11</sup> Essas ideias estão explicitadas na obra *A Cidade de Deus*, Livro XIX, Cap. VII, IX e XII.

Hispânia Ulterior em três províncias: ao norte do Guadiana, anexada à Tarraconense – a Lusitânia – e ao sul – a Bética.

Posteriormente, entre os séculos VII e II antes de Cristo, a parte da Lusitânia situada ao norte do Douro, chamada Gallaecia, é anexada à província Tarraconense (a antiga Hispânia Citerior). Cada província subdivide-se num determinado número de circunscrições judiciais chamadas *conventus*. (...) A área linguística do que virá a ser o galego e o português delineia-se, pois, desde a época romana, no mapa administrativo do Ocidente peninsular (TEYSSIER, 1997, p. 7).

Já com o território definido, a romanização não teve problema em se fixar, agindo de maneira rápida e completa, mais precisamente no Sul do que no Norte, nesse os romanos tiveram que enfrentar as povoações mais guerreiras.

Tem início, dessa forma, dentro da Ibéria, uma conquista que se prolongará por mais de duzentos anos, fácil no começo, enquanto se tratou do Sul e da costa oriental, mais civilizada e cosmopolita, difícil quando os romanos tiveram de enfrentar as rijas povoações do Norte, mais selvagens e guerreiras. O certo é que no governo de Augusto, entre os anos 26 e 18 antes de Cristo, toda a Península estava em poder dos romanos, com exceção de uma pequena faixa ao Norte (SILVA, 2010, p. 20).

Com a habilidade de colonizadores, criaram escolas públicas, exploração de minas, excelente organização comercial e de correios e muitos outros benefícios toda essa somatória foram o suficiente para a assimilação do povo ibérico. Mas nem tudo são glórias, pois os romanos também eram intransigentes, eles determinavam o uso obrigatório do latim para as transações comerciais e diversos atos que envolvessem questões oficiais e forenses e também relacionados ao serviço militar, obrigatório a toda a juventude das terras que fora conquistadas.

Raramente um convocado servia em sua própria província, de modo que um gaulês, um germânico, um ibero, postos na mesma legião, lado a lado, só tinham um meio de comunicação – o latim, língua comum – tanto mais quanto nessa língua eram dadas a instrução militar e as ordens de comando (SILVA, 2010, p. 20).

Com toda essa mistura de fala da civilização romana na Península Ibérica, conforme o testemunho do geógrafo grego, Estrabão falecido no século I da Era Cristã, já afirmava que os ribeirinhos e os povos do interior da Península Ibérica, adotaram a língua dos romanos, não mais se lembrando de sua língua nativa, conforme afirma Coutinho “os turdetanos, e, mormente os ribeirinhos do Bétis, adotaram de todos os costumes romanos, e até nem já se lembram da própria língua” (1976, p. 49).

No Império Romano, o latim era a língua oficial e havia duas manifestações: o latim clássico, conforme Coutinho (1976, p. 49), denominada *sermo urbanus, eruditus ou perpolitus*, que era empregado pelas pessoas que tinham mais acesso à instrução em função do ensino e da cultura, também conhecidas como classe dominante e o latim vulgar, o *sermo vulgaris, plebeius ou rusticus*, utilizado pelo povo em situações cotidianas, sendo uma modalidade despreocupada, sem pretensões literária e bem diferente da forma clássica utilizada pelos literários da época.

Não existia mais de uma modalidade da língua latina, o que existia era o latim literário, àquele ensinado na linha da cultura e repleto de variações e o latim vulgar, com vida própria sem preocupação com a estrutura morfológica e sintática da língua, servindo de instrumento diário de comunicação entre as pessoas, Coutinho contribui: “(...) uma língua não pode ficar estacionária. É uma lição que nos dá a experiência. Mais rápidas são as modificações a que está sujeita, se variam as condições de ambientes” (1976, p. 50).

A modalidade do latim vulgar apresentava todos os “defeitos”, estruturalmente falando, de uma língua utilizada por um povo sem instrução escolar, o modo como Roma colonizava deixava abertura para essa estrutura de variação do latim.

Enquanto a língua literária se fazia mais fixa e mais rígida, à proporção que os eruditos lhe impunham regras e normas, a língua falada se enriquecia sempre mais, ganhava mais vida e colorido, mais complexidade e variação, com a multiplicação das conquistas que davam a Roma novas formas de vida correspondentes às castas, às classes sociais, às novas ocupações (SILVA, 2010, p. 22).

Assim se formam as novas línguas, apesar de todas as regras rígidas impostas pelos povos que as exigiam, as classes trabalhadoras e sem acesso ao ensino literário tinham a necessidade de se comunicar, enriquecendo a língua de tal maneira que já não mais podiam contê-las em sua comunicação.

### **2.1.3. Os suevos e os visigodos (séculos VI e VII)**

O domínio romano não foi com passividade, o povo foi alvo de alguns ataques. Em 409 os invasores germânicos – vândalos, suevos e alanos –, em busca de um local para se fixarem começam a surgir ao sul dos Pireneus, sendo seguidos, algum tempo depois, pelos visigodos.

A princípio, situaram-se os alanos e suevos ao Noroeste da Península e os vândalos ao Sul, principalmente na região hoje chamada Andaluzia, nome proveniente de *Vandalutia*, pertencente aos vândalos (NASCENTES, 1932, *apud* SILVA, 2010, p. 23).

Começando um dos períodos mais difíceis da história peninsular, tendo seu término em 711 com a invasão muçulmana. Os alanos não ficaram no poder por muito tempo, logo foram derrotados. Os vândalos passaram a habitar a África do Norte, dominando toda a Península Ibérica, somente os suevos conseguiram se fixar e resistir por muito tempo aos visigodos.

[...] com a chegada dos povos germânicos à península a nomeadamente os suevos à Galiza visse como o latim vai tornar realmente numa língua franca entre galaicos-romanos (provavelmente bilingues em latim e galaico-lusitano) e suevos com a língua trazida do centro da Germânia, que distante entre si buscassem no latim o seu ponto de encontro (BARBOSA, 2005. p. 3).

A área em que os suevos dominavam no século V era muito extensa, por volta de 570 originou-se a Gallaecia. Em 585, esse “novo” território foi conquistado pelos visigodos sendo adicionado ao seu estado. Com relação à língua e à cultura, a contribuição dos povos suevos e visigodos foram praticamente imperceptíveis.

Com um papel notoriamente negativo, a unidade romana rompe-se dando lugar à coesão, sendo o latim escrito mantendo como a única língua de cultura e o latim falado evoluindo de maneira precisa e diversificada.

#### **2.1.4. A invasão muçulmana e a Reconquista**

Por terem vivido durante muito tempo na Península Ibérica, os muçulmanos influenciaram com fervor a população local. Muitos habitantes da Península passaram a falar a língua árabe e a se converterem ao islamismo, passando a viver de maneira completamente árabe, com seus costumes e tradições.

Por volta do século VII, na Península da Arábia, surge o islamismo pregado por Maomé. Muitos árabes ficaram conhecidos como muçulmanos por terem se convertido ao islamismo, religião nova para os povos. Com a morte do profeta Maomé, os povos conquistaram muitos territórios com a intenção de propagar o islamismo e adquirirem riquezas.

Em 711, a Península Ibérica é invadida pelos muçulmanos, esses dominaram diversas áreas ficando sob o domínio dos árabes. A maior invasão foi na região sul da Península, sendo a região norte não conquistada servindo de abrigo aos cristãos que se organizavam para a luta da Reconquista do território tomado pelos árabes, também conhecidos como “mouros”.

Partindo do norte, a reconquista cristã vai gradativamente expulsando os mouros para o sul. É durante esta Reconquista que nascerá, no século XII, o reino

independente de Portugal. Até por volta do ano 1000 a Espanha muçulmana domina os inimigos cristãos (TEYSSIER, 1997, p. 7 e 8).

A invasão muçulmana e a Reconquista foram fatos essenciais para a formação de três línguas peninsulares: o galego-português a oeste, o castelhano no centro e o catalão a leste. Todas essas línguas foram levadas ao sul pela reconquista dos cristãos.

Nas regiões que abrangem ao norte, a influência linguística e cultural dos árabes teria sido perceptivelmente mais fraca, na região que hoje corresponde à Galícia e ao extremo norte de Portugal, a influência árabe é muito superficial. Mas adentrando para o sul, percebe-se uma maior saliência ao fator linguístico e cultural, formando-se a língua galego-português. Registros comprovam aparecimentos de textos escritos somente no século XIII.

Com o domínio dos muçulmanos, na região meridional, deixaram de existir uma população cristã de língua românica, os cristãos dominados e arabizados – os moçárabes. Desses falares hispano-românicos sabe-se pouco, porém o suficiente para saber que não perderam a fala românica.

A Reconquista foi um importante movimento de retomada, povoando territórios despovoados, com povos oriundos do Norte, formando a redescoberta do galego-português e algum tempo depois se transformando no português.

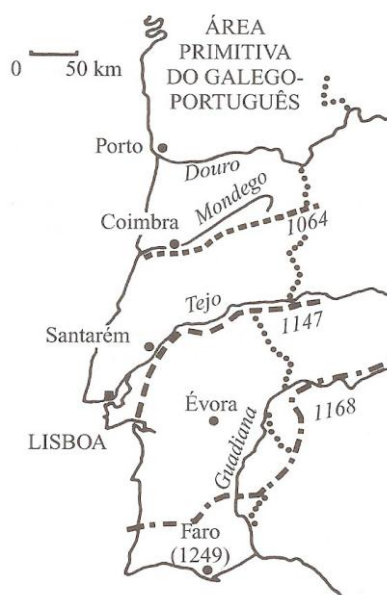


Figura 17: Mapa: Área primitiva do galego-português e da Reconquista.

No próximo tópico abordaremos os primeiros registros do galego-português do século XII bem como a sua origem e a formação de Portugal como nação independente.

### 2.1.5. O galego-português

Os primeiros registros do galego-português datam do século XIII, porém há indícios de que a língua tenha surgido entre os séculos IX e XII sendo a língua utilizada em todo o território português desde a sua fundação até meados do século XIV.

O galego-português foi originado do românico ocidental da Península Ibérica, iniciando-se ao norte e ganhando o sul da Península. Durante o período de vigência da língua houve um grande desenvolvimento da literatura lírica, sendo que em parte baseada na literatura provençal. A formação de Portugal, no século XII, conforme Teyssier se deu da seguinte forma:

Portugal constituiu-se no século XII, quando Afonso I (Afonso Henriques), filho do conde Henrique de Borgonha, se tornou independente do seu primo Afonso VII, rei de Castela e de Leão. É à batalha de São Mamede (1128) que, tradicionalmente, se faz remontar esta independência, ainda que Afonso Henriques só se tenha feito reconhecer como rei nos anos seguintes (TEYSSIER, 1997, p. 20).

Para se tornar reino independente, Portugal se separou de Leão e conseqüentemente separava-se da Galícia. Essa separação, no século XII marcou o isolamento entre Galícia e Portugal de forma definitiva e formando um novo reino independente de Portugal estendendo-se para o sul, juntam-se as regiões reconquistadas pelos mouros.

O galego-português foi a língua da lírica em toda a península durante vários séculos, exceto na parte oriental que seria a área do catalão ligada linguisticamente à França.

No próximo tópico, abordaremos a Língua Portuguesa no Brasil, sua formação e falares brasileiros.

### 2.1.6. O galego-português e o português-moderno

Com a maior fixação do reino de Portugal ao sul, D. Afonso III, em 1255, instala-se em Lisboa o centro cultural e político passa a vigorar entre Lisboa e Coimbra. Teyssier afirma que a Universidade de Lisboa foi fundada em 1288 ou 1290, tempos depois transferida para Coimbra e, em outras ocasiões, novamente para Lisboa, foi por fim, e finalmente em definitivo instalada em Coimbra em 1537 (1997, p. 31). Caminhando sem pressa e conquistando seu espaço aos poucos, Portugal ganha a independência. Como já mencionado, no século XII, houve a separação entre a Galícia e Portugal, ficando consolidado somente com a expulsão dos mouros em 1249 e a derrota, em 1385 dos castelhanos.



Residência privilegiada do rei, Lisboa é também a cidade mais povoada e o primeiro porto do país. E o eixo Lisboa-Coimbra passa a formar desde então o centro do domínio da língua portuguesa. É, pois, a partir dessa região, antes moçárabe, que o português moderno vai constituir-se, longe da Galícia e das províncias setentrionais em que deitavam raízes (TEYSSIER, 1997, p. 31).

As mudanças sociais, culturais e econômicas deram-se devido à independência de Portugal e fazendo com que o galego-português fosse desaparecendo aos poucos, deixando espaço ao surgimento de uma nova língua, o português fortificando uma nação.

A nação portuguesa passou por um período delicado até conseguir se estabelecer como nação independente. A Corte em parceria com a Universidade levou a Língua Portuguesa para todas as regiões do país, a fim de fixá-la.

(...) com a consolidação da independência de Portugal e a anexação do território galego ao reino de Castela, as pequenas diferenças dialetais foram-se acentuando, as duas línguas – o galego e o português – ganharam formas próprias, até que no começo do século XVI, com a publicação das duas primeiras gramáticas da língua e com o aparecimento de *Os Lusíadas*, o português adquiriu as linhas definitivas que conhecemos hoje (SILVA, 2010, p. 32).

Em 1290, D. Dinis tornou a Língua Portuguesa no idioma oficial da nação, devido as constantes traduções feitas por religiosos, já que o latim era uma língua conhecida apenas pelo clérigo.

Apesar de língua oficial de Portugal, até o século XVI o português era utilizado somente nas relações sociais, enquanto nas escolas a língua ensinada era o latim. As primeiras normas surgiram com a publicação das duas primeiras Gramáticas da Língua Portuguesa – a de Fernão de Oliveira, em 1536 *Grammatica da lingoagem portugueza*; e a de João de Barros, em 1540 *Grammatica da lingua portuguesa* e com o aparecimento de *Os Lusíadas*, em 1572.



Figura 18: *Grammatica da lingoagem portugueza* - Fernão de Oliveira (1536).

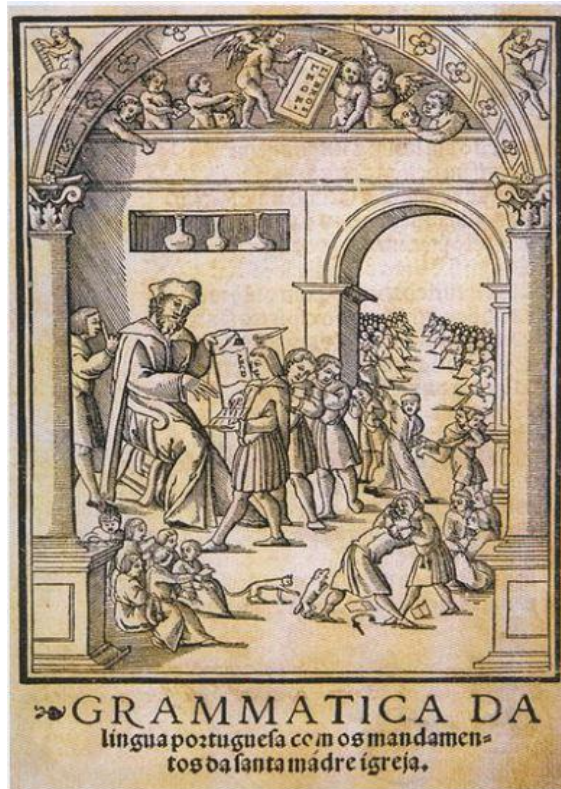


Figura 19: Grammatica da lingua portuguesa de João de Barros (1540).

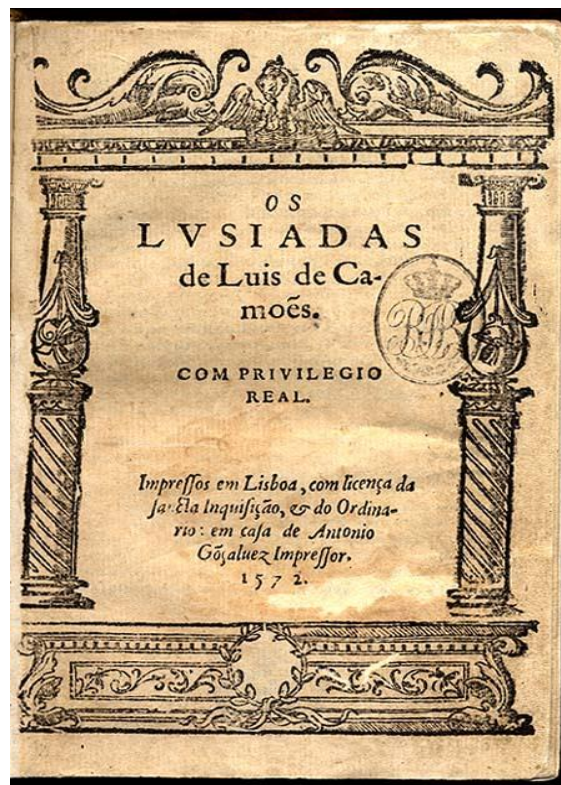


Figura 20: Os Lusíadas de Luis de Camões (1572).

A gramática de Fernão de Oliveira foi relevante para o estudo da Língua Portuguesa, embora tenha se baseado nas gramáticas latinas, direcionou seus estudos às palavras e nas descrições fonéticas inseridas ao seu tempo, épocas de grandes navegações.

Para Oliveira, aprender a Língua Portuguesa facilitaria o aprendizado de diversas outras línguas, assim em Casagrande afirma que a língua “antiga, ensinada e bem conversada e também exercitada com bons tratos e ofícios” (2004, p. 37 *apud* Oliveira, 1536), apesar da gramática não apresentar diferenças sutis para o ensino da Língua Portuguesa à população, não se pode desconsiderar que a gramática tenha uma doutrina no que se refere à estrutura da língua, mas sim há uma finalidade da notação em algumas maneiras de falar,

(...) na qual ou nas quais eu não presumo ensinar aos que mais sabem, mas notarei o seu bom costume para que muitos aprendam e saibam quanto prima é a natureza dos nossos homens porque ela por sua vontade busca e tem de seu a perfeição da arte que outras nações adquirem com muito trabalho (...) (CASAGRANDE, p. 38 *apud* OLIVEIRA, 1536, p. 38).

A gramática de Oliveira originou-se da necessidade de organização em sistema das regras da Língua Portuguesa, porém no próximo século (XVII), aproximadamente em 1770, Reis Lobato, um também estudioso da língua, faz críticas à gramática de Fernão de Oliveira e João de Barros, pois para Lobato a *Grammatica da Lingoagem Portugueza*, de Oliveira, não poderia se chamar *Grammatica*, por conter somente “*huma breve noticia das letras, e seus sons, e huma confusa ideia da declinação dos nomes*” (ZANON & FACCINA, p. 88 *apud* LOBATO, 1770: XVII) e a *Grammatica* de Barros, por não tratar com clareza das partes do discurso, assim comenta “*he muito breve, não dá perfeita ideia do que eh grammatica*” (LOBATO, 1770: XVII).

A partir desse breve panorâmico histórico, discutiremos a Língua Portuguesa no Brasil, a chegada de D. João VI, a Independência do Brasil e as variações e as primeiras descrições.

## 2.2. A Língua Portuguesa no Brasil

Um gigantesco território com uma área de aproximadamente 8.514.876 km<sup>2</sup>, e segundo estimativa do IBGE, em julho de 2014, o Brasil tinha uma população de 202,7 milhões de pessoas, diferentemente de Portugal com uma extensão territorial menor que o Brasil, de aproximadamente 92.391 km<sup>2</sup>, e segundo Pordata (Base de Dados Portugal Contemporâneo), com uma população de aproximadamente 10.427.30, até 31 de dezembro de 2013. O idioma mais falado nesse imenso território brasileiro é o Português.

Chegando às costas brasileiras, aos 22 de abril de 1500, Pedro Álvares Cabral, em nome do rei D. Manuel de Portugal, toma posse das Terras de Vera Cruz que futuramente se chamaria Brasil, habitadas por indígenas, com termos culturais e linguísticos homogêneos, ao longo de toda a costa e na bacia dos rios Paraná e Paraguai.

A colonização das Terras de Vera Cruz deu-se muito tempo depois da chegada dos portugueses, e o tupi da costa foi usado como língua geral na colônia, em conjunto com português e principalmente aos padres jesuítas. Com isso o idioma português foi se aproximando às línguas da família tupi-guarani, de modo especial ao Tupinambá.

É sensato dizer que dados mais de 500 anos de descobrimento do Brasil não corresponde ao período de História da Língua Portuguesa no país, uma vez que somente em 1532 é que houve a exploração das terras do pau-brasil, conforme afirma Teyssier: “A colonização portuguesa, porém, só começa em 1532, com a atribuição de quinze capitâneas hereditárias” (1997, p. 62). Com o reinado da “língua geral” na então colônia portuguesa, os missionários começavam a traduzir orações, hinos e peças sacras na catequese dos índios.

Com a chegada de novos escravos trazidos da África, e novos colonizadores, a Corte Portuguesa se firmava como presença política adotando o ensino da Língua Portuguesa, aos índios, como necessária e obrigatória.

### **2.2.1. O período colonial até à chegada de D. João VI (1808)**

No período colonial, na chegada dos portugueses ao Brasil, o país era habitado por índios. Os portugueses também importaram da África um número considerável de escravos, que juntamente com a população indígena e o português europeu da época constituíram as três bases da população brasileira. Voltado para a cultura à contribuição dos portugueses foi a mais importante.

A princípio, apenas o litoral era colonizado, com o passar dos tempos abrem-se as portas para o interior. Devido à exploração do ouro, houve a ocupação do estado que hoje conhecemos como o Estado de Minas Gerais. Durante todo o período colonial o Brasil permanece em “estado” de colônia, conforme cita Teyssier:

(...) em todo o período de colônia o Brasil permanece um país essencialmente rural. As duas capitais sucessivas – Salvador, depois, a partir de 1763, Rio de Janeiro – e algumas vilas de importância média com que conta a colônia preenchem apenas funções políticas, administrativas e religiosas: o seu papel intelectual e cultural é dos mais limitados (1997, p. 62).



Nesse período, no Brasil, não possuía universidade, os jovens estudantes deveriam ir para Coimbra para estudar e se formar, o que diferencia a América Portuguesa da América Espanhola já que Portugal possuía a primeira universidade do país.

Ainda falando do Brasil colônia e também em se tratando da situação linguística do Brasil, Teyssier afirma que os “colonos”, oriundos da Europa, falam o português europeu com traços específicos que se acentuam no decorrer do tempo e as populações indígenas, africanas ou mestiças, apesar de falar o português o faz de forma imperfeita (1997, p. 62). Caminhando em conjunto com essas misturas de dialetos, existe a língua da época considerada *língua geral*, o tupi, porém um tupi simplificado, com gramaticalização dos padres jesuítas na catequização dos índios, tornando assim uma língua comum entre os povos das regiões costeiras.

Por muito tempo o tupi e o português conviveram simultaneamente, pois o tupi era utilizado pelos bandeirantes em suas expedições. Padre Antônio Vieira, em 1964 dizia que as famílias falavam o tupi em casa na criação de seus filhos e o português as crianças aprendiam na escola.

Porém, na segunda metade do século XVIII, a língua considerada geral, o tupi, começa seu declínio. A razão mais forte e contundente para esse declínio está na chegada de inúmeros imigrantes portugueses atraídos pela descoberta de minas de ouro e de pedras preciosas. Em 3 de maio de 1757, Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal, secretário de Estado do reino, cria o Diretório, instituindo a Língua Portuguesa como oficial primeiramente no Pará e ao Maranhão e se ramificando, em 17 de agosto de 1758, a todo o Brasil.

Em 1757, Pombal expulsou os jesuítas, entre outras razões de ordem política, porque estavam ensinando a doutrina cristã em língua indígena, e, por decreto, fez do português a língua oficial do Brasil. O português se impôs sobre as línguas nativas e ainda hoje é a língua oficial (...) (Revista Pesquisa FAPESP, 2015, p. 21).

Com a expulsão dos jesuítas, afastavam-se também os principais defensores da *língua geral* da época, o *tupinambá*. Cinco décadas mais tarde, o português, com maior força, estava prestes a eliminar a língua até então considerada geral, sobrando apenas um determinado número de palavras agregadas ao português local.

Também no século XVIII que se têm as primeiras alusões aos traços específicos do que seria a caracterização do português falado no Brasil. Para Teyssier foi frei Luís do Monte Carmelo<sup>12</sup> (*Compendio de Orthographia*) quem assinala pela primeira vez um traço fonético

---

<sup>12</sup> Frei Luis do Monte Carmelo, *Compendio de Orthographia*, Lisboa, 1767 (1822, edição póstuma, pois o autor, nascido em 1737, faleceu em 1816). O autor cita numerosas palavras com “dois acentos”, isto é, que, além do acento tônico normal, apresentam uma vogal pretônica aberta (ex.: aquêcer, bêsteiro, bràdar, cãveira, còrar,

dos brasileiros, que é o de não fazerem distinção entre as pretônicas abertas (ex.: *pàdeiro*, *prègar*, *còrar*) e as fechadas (ex.: *cadeira*, *pregar*, *morar*) (1997, p. 63).

Toda essa miscigenação linguística reflete-se na mistura de povos que formaram o país, podendo explicar a maioria das variações regionais e de ritmos que segundo a *Revista FAPESP* (2015, p. 21) encontra-se sintetizadas em um mapa dos falares do Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo.

Jerónimo Soares Barbosa (*Grammatica Philosophica*, 1822)<sup>13</sup> destaca o mesmo fato de que os brasileiros trocam vogais nos vocábulos, como por exemplo, *minino* (por *menino*), *mi deu* (por *me deu*) e também nem todos os brasileiros chamam o -s- como nas palavras *mistério*, *fasto*, *livros novos*<sup>14</sup>, por exemplo (Teyssier, 1997, p. 63).

### **2.2.2. Da chegada de D. João VI (1808) à Independência (1822)**

Em 1816, devido às invasões francesas em Portugal, obriga o príncipe regente a se tornar rei D. João VI e a refugiar-se no Brasil, fazendo do Rio de Janeiro, a capital da monarquia, abrindo os caminhos do Brasil ao mundo e acelerando seu progresso material e cultural.

Os aproximadamente 15 mil portugueses que chegam ao Brasil com a Corte têm um forte e decisivo papel de assumir e o Rio de Janeiro, reforçando o português enquanto língua oficial, até que D. João VI retorna a Portugal em 1821, ficando a colônia pronta para assumir sua independência.

### **2.2.3. A Independência do Brasil em 1822**

Com a independência em 1822, o Brasil assume com naturalidade a valorização dos fatos e jeitos que o difere da antiga colônia, principalmente suas raízes indígenas. Deixando-se influenciar pela cultura francesa e também acolhendo imigrantes europeus de diferentes nacionalidades.

A independência do Brasil fortaleceu ainda mais a imigração de alemães e italianos, sendo mais evidentes os italianos. Por volta de 1850 o tráfico dos negros africanos diminuiu,

---

esquècer, mèzinha, pàdeiro, prègar sàdio, vádio), e fá-las preceder da seguinte indicação: “Finalmente costumam pronunciar-se com dois acentos dominantes as dições do seguinte catálogo, e as derivadas, as quais devem notar bem os brasilienses, por que confundem os acentos da nossa língua”.

<sup>13</sup> Edição póstuma de 1822, pois o autor, nascido em 1737, faleceu em 1816.

<sup>14</sup> Jerónimo Soares Barbosa, *Grammatica Philosophica*, pp. 31, 51 e 52. Citamos pela 2ª edição (1830), idêntica à 1ª (1822).

chegando a quase zero a importação de negros escravos, e os índios voltaram-se a grande miscigenação brasileira, a vinda dos imigrantes europeus contribuiu para deixar com a aparência mais clara o Brasil contemporâneo.

Aproximadamente em duas gerações, os novos povos que adentraram o Brasil aculturaram-se e fundiram-se na sociedade brasileira. A nova vida urbana e a chegada das indústrias deram novas aparências ao país, deixando para trás o Brasil rural e transformando-se num subcontinente (TEYSSIER, 1997, p. 64).

Com a explosão demográfica e o crescimento econômico, o antigo Brasil rural transformou-se, nos nossos dias, num “subcontinente”, onde zonas desenvolvidas de civilização urbana coexistem com regiões subdesenvolvidas.

Pois é em São Paulo e no Rio de Janeiro, cidades consideradas megalópoles por ter mais de 5 milhões de habitantes, como também as cidades com mais de um milhão de habitantes como Porto Alegre, Belo Horizonte, Salvador, Recife e Fortaleza que se trabalham o português, de maneira particular, nas formas que a conhecemos hoje.

#### **2.2.4. Principais características do português do Brasil – Variação**

A Língua Portuguesa, idioma oficial do Brasil não se deu em um momento único, sendo desenvolvida durante todo o período de colonização, tendo contato direto com outras línguas de povos que aqui chegaram bem como o povoamento do país com pessoas oriundas de várias regiões de Portugal, deixando diversas variantes do português europeu. Estas variantes fixaram-se em diferentes lugares do país ao mesmo tempo sendo possível conviver numa mesma região, conforme cita Fioravanti “os moradores do norte de Minas falam como os baianos, os da região central mantêm o autêntico ‘mineirês’, no sul a influência paulista é intensa e a leste o modo de falar assemelha-se ao sotaque carioca” (Revista FAPESP, 2015, p. 22).

Observa-se a quantidade de variação em um mesmo estado, não ficando muito distante os membros de uma mesma família possuir dialetos diferenciados devido aos vários meios sociais que frequentam. Toda e qualquer língua apresenta variedades dependendo do lugar em que procedem aos falantes, à classe social, sexo e faixa etária e principalmente o grau de intimidade entre os falantes.

Os linguistas que estudam a língua falada no Brasil, como Bagno (2013) Leite & Callout (2002), por exemplo, afirmam com maior ênfase de que há inúmeras variações do

português do Brasil, indo na contramão do que Darcy Ribeiro<sup>15</sup>, em seu último estudo sobre o povo brasileiro, comenta:

É de assinalar que, apesar de feitos pela fusão de matrizes tão diferenciadas, os brasileiros são, hoje, um dos povos mais homogêneos linguística e culturalmente e também um dos mais integrados socialmente na Terra. Falam uma mesma língua, sem dialetos (*FOLHA DE S. PAULO*, 5 de fevereiro de 1995 *apud* BAGNO, 2013, p. 27).

Em toda e qualquer língua há uma considerável diversidade geográfica. Um grupo de linguistas que trabalha a miscigenação linguística, como o fato de uma mesma palavra ser escrita de modo diferente, mas com o mesmo significado em diversas regiões do país, percorreram o Brasil do Oiapoque ao Chuí para traçar as áreas dialetais existentes no território brasileiro.

O resultado de 18 anos de estudo culminou na realização e a produção do primeiro volume do *Atlas Linguístico do Brasil* (2014), com o objetivo de mostrar um retrato do Brasil e o perfil inédito da variedade da fala do povo brasileiro. Alguns anos antes do lançamento do Atlas Linguístico, Leite & Callout (2002) comentaram sobre a importância de uma análise mais aprofundada sobre o assunto:

Em suma, seria importante confirmar ou infirmar a tese de que as divisões dialetais no Brasil são menos geográficas que socioculturais e de que as diferenças na maneira de falar são maiores, num determinado lugar, entre um homem culto e o vizinho analfabeto do que entre dois brasileiros do mesmo nível cultural, originários de regiões distantes uma da outra (LEITE & CALLOUT, 2002, p. 18).

Embora existam essas variações ou diversidades dialetais dentro do próprio país, a Língua Portuguesa ainda tem como variação o Português europeu, segundo Leite & Callout “Essa diversidade foi durante muito tempo focado apenas nas variantes populares, como nos glossários regionais e, mais tarde, nos atlas linguísticos, iniciados no Brasil na década de 1960 (...)” (2002, p. 17).

Atualmente, graças ao *Atlas Linguístico do Brasil* é possível traçar as áreas dialetais brasileiras. Antenor Nascentes foi o primeiro a dividir o falar brasileiro em seis subfalares, reunindo-os em dois grupos, o do norte e do sul que, segundo Leite & Callout seria um grupo de natureza prosódica – que chama de cadência – e uma de natureza estritamente fonética, a pronúncia de vogais antes do acento (pretônicas): vogais abertas, característica da região norte, *versus* vogais fechadas, características da região sul (2002, p. 18).

---

<sup>15</sup> Antropólogo e educador brasileiro, nascido em 26/10/1922, Montes Claros (MG) e faleceu em 17/2/1997, Brasília (DF).



Há algumas tentativas de explicações referentes à origem das vogais pretônicas abertas ocorridas, segundo a divisão de Antenor Nascentes, no grupo do norte do país, conforme publicado na *Revista Linguística* (2013, p. 124).

- a) a *hipótese da restauração*, defendida por I. Révah (1958), segundo a qual [ɛ] e [e] pretônicos nordestinos provêm do mesmo movimento de restauração através da grafia e de correlações morfológicas que repõem, nos dialetos sulistas, as médias fechadas já desaparecidas em Portugal desde a segunda metade do século XVI.
- b) a *hipótese do substrato*, segundo a qual as pretônicas de *feriado*, *mercado*, *coração*, *poluição*, por exemplo, se explicam por interferência das línguas ameríndias. Diz, por exemplo, Nascentes (1942, p. 184): É verdade que em o norte do Brasil há pretônicas abertas, mas tais fonemas não correspondem a crases antigas como em Portugal; aparecem em trissílabos e polissílabos, *talvez por influência tupi*.
- c) a *hipótese da conservação*, segundo a qual as pretônicas abertas nordestinas advêm de fases mais antigas da língua. Silva Neto (1976, p. 167), na nota 92, cita Joaquim da Silveira, que assim a formula: Esse característico relevo que, na pronúncia de lá, se dá em regra às vogais pretônicas [*aliás só na pronúncia do Nordeste, repita-se*] [...] deve representar, no fundo, não uma modulação emergente da glote indígena, como se tem dito, mas um eco mais nítido e bem conservado do nosso antigo vocalismo (*Brasília*, II).
- d) a *hipótese da inovação*, pela qual esse traço do falar do Norte tem origem na alteração da pronúncia do português europeu. Silva Neto a admite, pelo menos como possibilidade de trabalho.

Além das vogais pretônicas do norte, há o *s sibilado* do sulista *versus* o *s chiado* do carioca e ao *r aspirado* do também carioca. Essas pronúncias, digamos forçadas, na fala são comuns em composição de personagens de novelas e programas humorísticos, quando esses querem caracterizar um personagem como se fosse de determinada região do país.

O r retroflexo, também conhecido como “r” caipira, tem a maior concentração no interior do Paraná, São Paulo, Sul de Minas Gerais e Centro-Oeste brasileiro. Na época da colonização, conforme explicam os pesquisadores, não existia o R e nem o L, os índios então criaram uma maneira de se comunicar com seus colonizadores, segundo a professora doutora em linguística da Universidade Estadual de Londrina, Vandecir de Andrade Aguilera, em entrevista ao *Jornal Hoje* em agosto de 2014, diz que: “Seria muito difícil adquirir essa ‘farlta’, ele (o índio) foi elevando a língua para a parte posterior, então o ‘farlta’ ficou ‘farta’ e assim os colonizadores, em expedição pelo Rio São Francisco, foram expandindo o famoso ‘r’ caipira pelas regiões por onde passavam”.

Esse dialeto com a marca forte do r, era falado na região de São Paulo até final do século XIX, influenciando toda a população e, em especial àqueles com menor escolaridade. Devido à abolição da escravatura, ocorrendo à diferença dialetal com a chegada de imigrantes com maior grau de instrução e reforçando o contato de pessoas do interior com as pessoas da cidade, por volta de 1920, acreditava-se que o dialeto caipira entraria em desuso até ao

desaparecimento. Porém não foi o que aconteceu, o “r” retroflexo continua ativo na fala de boa parte da população brasileira.

Embora esse “r” se concentre na região centro-sul, segundo a reportagem da TV Globo/*Jornal Hoje*, exibida no mês de agosto de 2014, o R retroflexo também chegou a ser ouvido há muito tempo no interior de Sergipe, devido à passagem dos bandeirantes naquela região.

Na verdade, a língua se forma a partir da aceitação de uma comunidade, pois a fala é característica de um povo e identifica se o sujeito é do sul ou da região nordeste e ainda se é jovem ou idoso, se tem grau de instrução ou não. Apesar de hoje, muitos considerarem o uso da palavra “frecha” como erro, por ser escrito-falada com o “r” no lugar do “l”, em um passado não distante seria a forma correta da palavra, assim como “pranta/planta”. Dialectos ainda preservados pelos mais idosos no interior do Brasil.

Para seguirmos adiante, no próximo item abordaremos as primeiras descrições do Português.

### **2.3. Descrição**

As primeiras descrições do Português datam do século XIII, dessa época em diante podemos perceber, através da escrita e, principalmente da oralidade, as mudanças ocorridas através do tempo, às vezes lenta, mas sempre contínua, não deixando de oferecer aos falantes os recursos necessários para a compreensão de significados. Faraco (2005) afirma que, no fluxo do tempo, a língua se transforma, isto é, estruturas e palavras que existiam antes não ocorrem mais ou estão deixando de ocorrer, ou então, ocorre modificadas em sua forma, função e/ou significado.

No próximo item apresentaremos algumas escritas datadas do século XIII para melhor compreensão da evolução da língua.

#### **2.3.1. As primeiras descrições**

Os documentos escritos em Língua Portuguesa representam a riqueza de preservação da memória linguística de uma nação. Esses documentos revelam a evolução do português ao longo de sua história.

Para melhor entendermos a evolução da língua, eis um trecho da composição poética conhecida como *Tenção* do poeta Pedr' Amigo escrita há mais de 700 anos que segundo

Faraco, o poeta foi desafiado por Johan Baveca a tirar a seguinte dúvida, “o que seria pior, um homem de origem humilde se apaixonar por uma mulher nobre ou um homem de origem nobre se apaixonar por uma mulher de origem humilde” (2005, p. 17):

I. - Pedr' Amigo, quer' ora ua ren  
saber de vós, se o saber poder:  
do rafeç' ome que vai ben querer  
mui boa dona, de que nunca bem  
atende ja, e o bõo que quer  
outrossi ben mui rafece molher  
pero que lh' esta queira fazer ben:  
qual d' estes ambos é de peor sen?

II - Johan Baveca, tod' ome se ten  
con mui', e quere-m' eu teer  
logo con el; mais por senconhocer,  
vos tenh' ora que non sabedes quen  
á peor sen; e, pois vol' eu disser,  
vós vos terredes con qual m' eu tener  
e que sabedes vós, que sei eu quen  
o rafeç' ome é de peor sen.

Observam-se na escrita do poema as marcas do português arcaico que, segundo Coutinho (1976), diferencia-se do português contemporâneo no vocabulário, na fonética, na morfologia e na sintaxe, sendo no vocabulário algumas palavras não mantêm a mesma forma, outras com definições diferentes das que existiam e outras desapareceram sem deixar marcas.

Segundo Coutinho (1976) é possível notar que no campo da fonologia há uma diferença entre o valor do *s* e *ç*, do *s* intervocálico e *z*, do *ch* e *x* e o atual ditongo - *ão* era representado por *om*. Reuniam-se as vogais em hiato, que depois se desfez por crase ou ditongação - *teer* > *ter*.

Na morfologia a utilização do pronome *vós*, utilizada no texto de maneira pré-clássica, o que não mais se utiliza na escrita atual e na sintaxe o uso frequente de pleonasmos, reafirmando o que antes dissera - *vós vos terredes con qual m' eu tener* > *vós terdes/ter com qual eu estiver*.

Podemos observar no próximo texto a evolução da língua para o português contemporâneo

*Um homem tinha dous filhos. E disse o mais moço delles a seu pae: Pae, dáme a parte da fazenda [que] me pertence, e elles lhes repartio a fazenda. E depois de não muitos dias ajuntando o filho mais moço tudo, partiouse a huã terra muy longe, e ali desperdiçou sua fazenda, vivendo disolutamente. E desde ja, teve tudo desperdiçado veio huã grande fome n'aquela terra e começou a padecer a necessidade. E foi, e achegouse a hum dos cidadãos d'aquela terra, o qual a mandou a sua quinta, a apascentar os porcos. E desejava encher seu ventre das mondaduras que comiam os porcos, e ninguem, lhes dava. E tornando em si disse: Quantos jornaleiros de meu pae tem abundancia de pam, e eu aqui pereço de fome (SÃO LUCAS, capítulo 15 versículos 11-17 apud COUTINHO, p. 64, 1976).*

Nota-se que há palavras que não são utilizadas na atualidade (*muy* > *muito*, *huã* > *uma*) ou que utilizamos de outra forma na escrita (*dous* > *dois*, *delles* > *deles*, *pae* > *pai*, *elles* > *eles*, *repartio* > *repartiu*, *partiouse* > *partiu-se*, *hum* > *um*). Pode-se observar também o pouco uso do artigo nas frases e a utilização em massa da conjunção “e” na ligação das frases,

percebemos a ausência do hífen (dáme > dá-me, partiouse > partiu-se) e dos acentos em algumas palavras que, hoje, escrevemos acentuadas (ninguem > ninguém, tem > têm 3ª pessoa do plural e abundancia > abundância). Em outras palavras, é perceptível o uso do til nasal em vogais diferentes das quais nasalizamos na atual escrita (naõ > ão) e a utilização da letra “m” para nasalizar (pam > pão).

É notória, através dos exemplos que o português, apesar de manter várias características do século XIII, tem passado por diversas mudanças desde estilísticas à sintática. Como já dissemos, a língua é viva e está em constantes mudanças e transformações.

E através dessas mudanças e transformações que a língua sofre e inicia-se, por parte de algumas pessoas o preconceito linguístico que trataremos no item a seguir.

#### **2.4. O preconceito linguístico na atualidade**

O preconceito linguístico é o julgamento que inferioriza as variedades linguísticas existentes no Brasil. Segundo o *Dicionário Houaiss*, o preconceito linguístico:

Seria qualquer crença sem fundamento científico acerca das línguas e de seus usuários, como, por exemplo, a crença de que existem línguas desenvolvidas e línguas primitivas, ou a de que só a língua das classes cultas possui gramática, ou de que os povos indígenas da África e da América não possuem línguas, apenas dialetos (HOUAISS ON-LINE, 2015).

Esse tipo de preconceito é mais comum do que se imagina e para tentar combatê-lo seria necessário à conscientização sobre as variações linguísticas que há no país e também nas regiões, pois independente de qualquer classe social, a pessoa ter o domínio ou não da língua padrão a comunicação sempre existirá, precisando apenas de conhecimentos das regras da gramática normativa para se juntar a grande maioria letrada da sociedade.

O conceito “erro” na língua falada é apenas uma forma utilizada para punir ou até mesmo excluir um falante que por algum motivo não teve acesso à educação escolar. Toda e qualquer criança já domina seu idioma, dentro da sua realidade, é claro. Para isso Bagno afirma que, devemos nos conscientizar de que todo falante nativo de uma língua é usuário competente dessa língua (2013, p. 166), por isso ele SABE essa língua. Perini defende que todo e qualquer falante possui um conhecimento implícito altamente elaborado da língua, muito embora não seja capaz de explicitar esse conhecimento (2000, p. 13).

Em relação à diversidade existente no Brasil, voltemos nossos olhos às escolas, pois estas tentam impor ao falante as regras da gramática normativa se esquecendo de valorizar o

meio social em que o aluno está inserido, passando como variedade “certa” e menosprezando a variante falada, caracterizando-a como “errada”.

O papel da escola na dissipação do preconceito linguístico é fundamental, pois é na escola que devemos conscientizar os alunos de que não há erro e sim variedades dialetais no país, na região onde moram e até mesmo no convívio com os amigos, familiares e sociedade de modo geral.

A diversidade linguística destaca uma condição importante à modalidade falada, pois a língua tem inúmeros fatores de variações que segundo Leite & Callout é na linguagem que se refletem a identificação de cada comunidade e inserção do indivíduo em diferentes agrupamentos, estratos sociais, faixas etárias, gêneros, grau de escolaridade (2002, p. 7).

O Brasil é um país rico em variantes linguísticas e todo esse reflexo é notório na oralidade das pessoas, incluindo as com o maior grau de instrução, porém na modalidade escrita existem regras a serem seguidas e quando aprendidas em escolas se tornam uniforme perante a sociedade. Mesmo tendo essa uniformidade na escrita, deve-se ter a percepção de que o Brasil não é um país homogêneo nem muito menos monolíngue, assim como não existe nenhuma língua do mundo que seja.

Toda e qualquer língua viva está em constante transformação, apresentando variação que, segundo Bagno é intrinsecamente e inevitavelmente, heterogênea, ou seja, apresenta variação em todos os seus níveis estruturais e em todos seus níveis de uso social (2013, p. 27 e 28).

Seguindo o modelo padrão de séculos passados, involuntariamente ou não, no século XXI a educação de qualidade é privilégio de poucos, ficando uma quantidade significativa de pessoas à margem do domínio das normas desprestigiadas pelo grupo maior da sociedade, os letrados. As pessoas que não dominam a língua padrão, normalmente são alvos de chacota passando a acreditar que o seu falar é completamente errôneo e, na maioria das vezes incompreensível, ficando essas pessoas a mercê da sociedade letrada para brincadeiras preconceituosas.

Ainda existe um abismo muito grande que separa os falantes das variedades linguísticas estigmatizadas dos falantes que tiveram acesso à educação escolar.

Diante desse abismo social, não surpreende que muitos estudos empreendidos por diversos pesquisadores venham mostrando que os falantes das variedades linguísticas estigmatizadas têm sérias dificuldades em compreender as mensagens enviadas para eles pelo poder público, que serve exclusivamente da norma padrão (BAGNO, 1999, p. 30).

É necessário que todas as instituições que compõe a sociedade sejam capazes de reconhecer a verdadeira diversidade linguística de nosso país, e possa extirpar de vez o mito de língua única sem suas variações dialetais.

Também é importante frisar de que o domínio da norma padrão não irá, de imediato dar uma boa condição de vida às pessoas carentes, pois o domínio da norma padrão não é uma fórmula que a escola impõe e soluciona. Como um pesquisador do preconceito linguístico no Brasil Bagno afirma que “é preciso garantir, isto sim, o acesso à educação em seu sentido mais amplo, aos bens culturais, à saúde e à habilitação, ao transporte de boa qualidade, à vida digna de cidadão merecedor de todo respeito” (2012, p. 91).

É importante que se possa perceber que, o que está em jogo não é a transformação de uma pessoa que não teve acesso aos estudos por uma pessoa completamente letrada, mas sim a transformação da própria sociedade como um todo. Assim afirma Bagno:

O que está em jogo é a transformação da sociedade como um todo, pois, enquanto vivermos numa estrutura social cuja existência mesma *exige desigualdades sociais profundas*, toda tentativa de promover a ascensão social dos marginalizados é, se não hipócrita e cínica, pelo menos de uma boa intenção paternalista e ingênua (2013, p. 91).

Portanto, é preciso que seja feito um trabalho mais intenso e de conscientização para que o preconceito deixe de ser fixado na mente das pessoas, pois para Bagno: “O tipo mais trágico de preconceito não é aquele que é exercido por uma pessoa em relação à outra, mas o preconceito que uma pessoa exerce contra si mesma” (2013, p. 97).

Somente com ações efetivas e reflexivas, a sociedade poderá erradicar o preconceito linguístico, conscientizando de que o respeito à diversidade religiosa, sexual é tão importante quanto ao respeito às variantes linguísticas existentes no Brasil.

### 3. PAVOR ESPACIAR, DE GUSTAVO DUARTE, E A SOCIOLINGUÍSTICA

*Pavor Espaciar* foi produzido por Gustavo Duarte para compor o terceiro volume da *Graphic Novel* com o selo Maurício de Sousa Produções. O autor é um jovem talentoso que vem conquistando espaço no mundo dos quadrinhos (nacional e internacional) de maneira dinâmica, criativa e precisa.

Gustavo Duarte teve sua ascensão popular no mundo dos quadrinhos há seis anos. Nascido na cidade de São Paulo, ainda criança mudou-se com a família para o interior paulista, vivendo sua infância e juventude na cidade de Bauru.

Formado em *Design Gráfico*, o início de sua carreira foi como cartunista e ilustrador no jornal Diário de Bauru, permanecendo por dois anos (1997 a 1999), não demorou muito para que o artista começasse a colaborar como cartunista em jornais nacionalmente conhecidos como, *Folha de S. Paulo* e *Lance* e revistas como *Veja*, *Playboy*, *Forbes*, *Vip* entre outras. Pelo excelente trabalho foi premiado diversas vezes, incluindo o cobiçado “Oscar” dos quadrinhos brasileiro, *Troféu HQ Mix*, Gustavo Duarte não parou por aí.

Em 2010, recebe o convite de Sidney Gusman, editor chefe do site *Universo HQ* e responsável pelo Planejamento Editorial dos estúdios Maurício de Sousa Produções, para participar do *Projeto Graphic MSP* e produzir uma *Graphic Novel* com um dos personagens de Maurício de Sousa, na ocasião escolheu Chico Bento, por ser um menino do interior com o qual se identifica muito.

Através de entrevista por e-mail, concedida à autora dessa dissertação, Gustavo Duarte afirma que se inspirou nas histórias que leu do próprio Chico Bento e na própria infância vivida com seu avô no interior do Estado de São Paulo, pois desenha os personagens de Maurício de Sousa, da maneira como o vê em uma história que envolve os “causos” contados no meio rural e as aventuras do caipira mais amado do Brasil, juntamente com parte de sua turma, mesclando aventura, suspense e muito humor. Duarte mantém os traços clássicos de Chico Bento e seus amigos, a calça pula-brejo, os pés descalços e o inconfundível chapéu de palha, assim como as vestimentas de Zé Lelé e o comportamento dos amigos Torresmo (porco) e Giselda (galinha). São aventuras que envolvem os meninos da Vila Abobrinha com o medo do desconhecido e as poucas descobertas do mundo dos alienígenas.

*Pavor Espaciar* é o terceiro volume da série *Graphic MSP*. *Astronauta - Magnetar*, de Danilo Beyruth, inaugura a série seguida por *Turma da Mônica - Laços*, de Vitor e Lu Cafaggi; *Piteco - Ingá*, de Chico Shiko; o cãozinho *Bidu - Caminhos*, de Eduardo Damasceno e Luis Felipe Garrocho; *Astronauta-Singularidade*, de Danilo Beyruth; o fantasma *Penadinho*

- *Vida*, de Paulo Crumbim e Cristina Eiko, *Turma da Mônica - Lições*, de Vitor e Lu Cafaggi, *Turma da Mata - Muralha*, de Artur Fujita, Roger Cruz e Davi Calil e a mais recente *Louco - Fuga*, de Rogério Coelho. Para 2016 estão previstos os lançamentos das *Graphic Novels* do *Papa-Capim*, de Marcelo Godoy e Renato Guedes, na sequência *Mônica*, de Bianca Pinheiro, seguido pelo o cãozinho *Bidu 2*, de Eduardo Damasceno e Luís Felipe Garrocho e *Astronauta 3*, de Danilo Beyruth e cores de Cris Peter, todos sem título definido até o momento, publicados pela Panini Comics e MSP Produções, além do filme *Turma da Mônica - Laços*.

*Pavor Espaciar* nos proporciona um maravilhoso passeio ao passado, retornando ao presente e seguindo à pós-modernidade sem se deixar de lado o ambiente rural em que a história começa. A narrativa inicia-se com o passeio dos pais de Chico Bento à Tia Janda na cidade e se desenvolve dentro de uma nave espacial onde tudo pode acontecer. Torresmo troca de corpo com o primo Zé Lelé, Jotalhão já preparado com os equipamentos para trocar de corpo com o Chico Bento e a galinha Giselda sempre de costas para o amigo. Seria Giselda um dos alienígenas? Todo esse enredo faz a união das ações de pessoas simples do campo e dos “causos” contados por moradores dessa região e com o cotidiano dos alienígenas.

Duarte aplica no decorrer da narrativa diversas imagens, mas uma em especial faz alusão à lembrança do rei do pop, Michael Jackson. Ídolo do pop rock mundialmente conhecido por seu talento, modo de vida e também por alguns envolvimento com a justiça, na narrativa encontra-se em uma redoma de vidro, provavelmente para servir de objeto de estudos dos alienígenas.

Duarte escreveu e produziu o livro em quatro meses de trabalho, sabendo combinar as cores e utilizando traços estilizados e precisos, nos remetendo a uma narrativa de maneira envolvente dando-nos a sensação de movimento dos desenhos. Em todo o enredo da narrativa há poucos balões de fala, levando os leitores à imaginação através dos coloridos das imagens aos traços muito bem marcados dos personagens produzidos através do olhar de um jovem artista escolarizado e, também reproduzindo, nos poucos balões que há na narrativa, o dialeto caipira comum entre as pessoas ribeirinhas e também a maioria das pessoas que moram no campo que carregam consigo o estereótipo caipira.

A Sociolinguística aparece nos quadrinhos de *Pavor Espaciar* de uma maneira simples e heterogênia, influenciada por diversos fatores de nossa sociedade, como por exemplo, a fala do cotidiano utilizada por grande parte dos falantes letrados habitantes da cidade.



### 3.1. A questão visual

*Pavor Espaciar* tem 82 páginas, sendo 74 páginas de narrativas e 8 páginas extras. Com traços simples, porém marcantes, Duarte desenhou o personagem Chico Bento de maneira como o via, sem se esquecer das características do menino do campo – suas vestimentas e, principalmente a fala. A *Graphic Novel* é a primeira obra de Duarte a conter balão de fala, já que as quatro anteriores, sendo três delas feitas de forma independente, *Có!* (2009), *Taxi* (2010), *Birds* (2011) e *Monstros* (2012), essa última pela *Quadrinhos na Cia*, o cartunista não optou pelos balões de fala.



Figura 21: Capa da HQ *Có!* (ultimosegundo.ig) e Capa da HQ *Taxi* - Conexão Comix (2015).



Figura 22: Capa da HQ *Birds* - Blog dos Quadrinhos (2011) e Capa da HQ *Monstros* - G1-S. Paulo.

Com o encanto de uma criança que lia os quadrinhos de Chico Bento e também por ser do interior – fato que o aproxima do personagem que desenhou – Duarte traça os contornos dos desenhos e dá a impressão de que há a presença de movimento nos quadrinhos, levando o leitor a se sentir parte ativa do enredo, com cores vibrantes e bem acertadas que faz parte da história e encanta crianças e adultos.

*Pavor Espaciar* narra a história de uma família simples, família Bento, onde pai e mãe vão visitar um casal de tios na cidade e deixa ordem aos garotos Chico Bento e Zé Lelé para que se deitem cedo, porém Chico Bento e seus amigos são abduzidos por uma nave de alienígenas e passam a viver uma noite de aventuras, medo, suspense e é claro muito humor.

Na narrativa é possível visualizar elementos tipicamente relacionados ao homem do campo como, a plantação de milho, a própria localização da residência e até uma Ford Rural, veículo “forte” que aguenta as estradas de terra que há no campo, que muitas vezes não são de boas condições, mas também há um mix de passado, modernidade e pós-modernidade, pois nos quadrinhos é possível visualizar aparelhos “modernos” como, por exemplo, televisão e geladeira, levando o leitor a deduzir que são pessoas “modernizadas”, que não abdicam das benfeitorias da cidade, como a luz elétrica em união à vida pacata do campo, deixando de ser caracterizado de meninos caipiras para serem conhecidos como o menino do campo modernizado.

Apesar de Chico Bento ter a fama de não gostar de estudar, logo nas páginas iniciais Chico (desenhando) e Zé Lelé (lendo a revista *Có!*) aparecem com alguns quadrinhos, deixando o leitor à vontade para entender que Chico Bento estava lendo *Spirit* (quadrinhos criado em 1939 por Will Eisner) e finalizando a leitura, provavelmente com um desenho do que acabara de ler.

Na narrativa há também um retorno ao passado, com imagens muito bem representadas de navios que participaram da primeira Guerra Mundial e que desapareceram em alto-mar e aviões de caça que serviam aos Estados Unidos da América durante a guerra.

Unindo o meio rural ao mundo moderno da cidade e um breve retorno ao passado, no próximo item iremos pontuar as questões linguísticas que localizamos em *Pavor Espaciar*, enfocando o dialeto e as marcas de oralidade presentes na narrativa.

### **3.1.1. A questão linguística**

O português “brasileiro” originou-se do português de Portugal, sendo esse de origem latina, e ao longo dos mais de 500 anos de povoação dos portugueses no país, a língua sofreu

influências e contribuições externas como, por exemplo, os elementos indígenas, línguas africanas de diferentes etnias e diversos grupos de imigrantes oriundos da Europa, Itália, Alemanha, Japão entre outras. Mattos & Silva caracteriza a variedade da Língua Portuguesa falada no Brasil de português brasileiro, tornando-se, assim, diferente em relação ao português europeu (1992, p. 76).

Com toda essa união de línguas, o português brasileiro é o resultado do ajuntamento heterogêneo que forma a atual língua, se materializando nos falares que os identificam e, ao mesmo tempo marcam a identidade de um indivíduo.

As pessoas de determinadas regiões em que as variações dialetais existem quando em contato com uma variante diferente da sua é capaz de perceber as diferenças entre ambas e emitir apreciações positivas ou negativas em relação a variante do outro, ou seja, podendo demonstrar preferência por uma em prejuízo de outra, julgar uma como de prestígio e a outra com mínimo de prestígio possível, manifestando o preconceito e estigma em relação à outra.

E assim acontece com o dialeto caipira, que segundo Martins (2007), o dialeto caipira resultou da combinação natural da língua da cidade com os falares indígenas. Linguistas como Ataliba Teixeira da Universidade de São Paulo – USP – e Vanderci de Andrade Aguilera, da Universidade Estadual de Londrina – UEL – afirmam que os índios e os mestiços (caipiras) do século XVI a XVIII tinham dificuldades de pronúncia de certos sons da língua e, então criaram uma forma de se comunicar com os portugueses, e essa nova maneira se abrigou no interior do Brasil onde era menor a punição linguística estabelecida pelo monarca, rei de Portugal no século XVIII.

*Pavor Espaciar*, foi produzido por uma pessoa “letrada”, retrata na narrativa o dialeto caipira, dialeto comum a quem não teve acesso aos estudos e principalmente àquelas pessoas do interior do país, estigmatizadas pelo sua variação dialetal deixando também bem frisadas as marcas de oralidade - ora utilizando vocábulos interioranos como “*ocê quê um gole*”, ora utilizando vocábulo contemporâneo, como por exemplo “*surreal*” – todo esse processo foi realizado com base nas experiências vividas pelo próprio autor do livro.

No próximo item, apresentaremos os dados a serem analisados em *Pavor Espaciar*, verificando a variação dialetal e evolução da língua através do tempo.

### 3.1.2. Os quadrinhos com dialeto caipira de Pavor Espaciar

Cada vez que me “alembro” do amigo Chico Mineiro, das viagens que nós fazíamos era ele meu companheiro. (...) Chico Mineiro – 1943<sup>16</sup> (Francisco Ribeiro e Tonico).

Iniciamos esse tópico com um trecho da música de Tonico e Francisco Ribeiro, Chico Mineiro, interpretada por Tonico e Tinoco, que nos leva aos primórdios da Língua Portuguesa e que ainda no século XXI idealiza e ao mesmo tempo estigmatiza o homem do campo.

O termo “caipira” carrega consigo o estigma de um povo que, na sua simplicidade sofre com o preconceito da sociedade, essas pessoas são geralmente habitantes do interior do país ou de pouca instrução e modos poucos refinados (como se supõe ser o caipira). Inezita Barroso vem na contramão da definição, propondo que o termo caipira passou a ser pejorativo como sinônimo de brega, mal vestido, o que na realidade é totalmente ao contrário, pois o caipira seria aquele ligado a terra, à cultura original (Nepomuceno, 1999).

No modo de falar do caipira, há inúmeras músicas que retrata seu cotidiano e amor ao campo, como por exemplo, *O Inhambu-xintã e o Xororó*, de Tonico e Tinoco, interpretada também na voz de Chitãzinho e Xororó, como também há inúmeros programas de televisão que utilizam o dialeto para criar quadros humorísticos – Escolinha do Professor Raimundo, TV Globo, com o personagem Nerson da Capitinga e a atual *A Praça É Nossa* com o personagem caipira que tinha como bordão “*Tô di oio nu senhô*” -, provavelmente para homenagear o homem do campo.

Para desmistificar o dialeto caipira, analisaremos os quadrinhos de *Pavor Espaciar*, escrito por uma pessoa conhecedora das regras gramaticais, mas não linguista, e por ser “filho” do interior reproduziu o dialeto de maneira real mantendo suas raízes à infância vivida no interior do estado de São Paulo.

### 3.1.3. Os dados (Análise do corpus)

Apresentamos a análise das ocorrências fonéticas, com base no *Dicionário Houaiss* (2015 on-line,) o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (Nascentes 1955) e *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa* (Cunha, 1982) que

<sup>16</sup> A canção *Chico Mineiro* surgiu em 1943 quando Francisco Ribeiro, porteiro do *Diários dos Associados*, declamou uma poesia no *Arraial da Curva Torta* (programa da Rádio Difusora na época). No decorrer dos seus 25 versos, era contada a história de um peão que viaja com seu patrão, participa de uma festa, mas acaba se metendo em confusão que lhe custa a vida. Durante a declamação do poema, Tonico e Tinoco iam rememorando a mesma história contada por seu pai de forma ligeiramente diferente. Houve uma adaptação do poema de Francisco Ribeiro, eis que fez nascer o mais conhecido sucesso de Tonico e Tinoco (SOUZA, 2005, p. 119).

caracterizam a transformação do vocábulo para o dialeto caipira no *corpus* de nossa pesquisa em *Pavor Espaciar*, sendo já representado por Silva<sup>17</sup> (2014, p. 11-14) e o conceito de metaplasmos que Coutinho classifica como modificações fonéticas que sofrem as palavras em sua evolução (1976, p. 142). Já Silva considera que são as alterações que se operam nas palavras, na sua evolução do latim para o português (2010, p. 57).

*Metaplasmos* é a mudança na estrutura fonética de uma palavra, ocasionada por acréscimo, remoção ou deslocamento dos sons de que ela é composta.

De acordo com Coutinho os metaplasmos podem ser de quatro tipos:

- Por troca
- Por acréscimo
- Por supressão
- Por transposição de fonema ou acento tônico (COUTINHO, 1976, p. 143).

Desses quatro metaplasmos dividem-se da seguinte maneira, segundo o mesmo Coutinho (1976, p. 143ss):

**a) metaplasmos por permuta** são os que consistem na substituição ou troca de fonema por outro.

*Sonorização* (ou abrandamento) é a transformação de uma consoante surda na consoante sonora homorgânica. As consoantes latinas /p, t, k, f, s/ quando mediais intervocálicas se sonorizaram regularmente em português em /b, d, g, v, z/: lupu > lobo; cito > cedo.

*Vocalização* é a conversão de uma consoante num fonema vocálico: factu > feito

*Consonantização* é a transformação de um som vocálico num consonantal: iam > já, ieiunu > jejum.

*Assimilação* é a aproximação ou perfeita identidade de dois fonemas, resultante da influência que um exerce sobre o outro: ipso > isso. A assimilação pode ser vocálica ou consonantal.

– *Vocálica* é a que ocorre quando o fonema assimilado é uma vogal: caente (arc.) < calente > quente (arc.) > quente.

– *Consonantal* é a que ocorre quando o fonema assimilado é uma consoante: persona > pessoa (arc) > pessoa.

– *Total* é a que ocorre quando o fonema assimilado é igual ao assimilador: per + lo > pello > pelo.

---

<sup>17</sup> Silva, Marly Custódio. *Metaplasmo em Pavor Espaciar*. Cad\_CNFL\_XVIII\_04 Diacronia, p. 09-29. Rio de Janeiro, CiFeFiL, 2014.

– *Parcial* é a que ocorre quando, havendo semelhança entre o fonema assimilado e o assimilador, não existe completa identidade: lim(i)te > linde, auru > outro.

– *Progressiva* é a que ocorre quando fonema assimilador está em primeiro lugar: amaramlo > amaram-no.

– *Regressiva* é a que ocorre quando o fonema assimilador está depois: pedir (< pedire por petere) > pedir, capseu > casseu (< queixo).

*Dissimilação* é a diversificação ou queda de um fonema por já existir fonema igual ou semelhante na palavra: calamellu > caramelo.

A dissimilação pode ser:

– *Vocálica* é a que ocorre quando o fonema que se dissimila é uma vogal: poçonha < potionea > peçonha.

– *Consonantal* é a que ocorre quando o fonema que se dissimila é uma consoante: mem(o)rare > nembrar (arc) > lembrar.

– *Progressiva* é a que ocorre quando o fonema que dissimila se acha depois do dissimilador: cribru > crivo, rodo, rostru > rosto.

– *Regressiva*, quando se verifica o contrário: mel(i)mellu > marmelo.

*Nasalação* ou *nasalização* é a conversão de um fonema oral em nasal: mi (arc) (< mi por mihi) > mim.

*Desanalação* ou *desanalação* é o contrário da nasalação. O fonema antes nasal perde a nasalidade: corõa (arc) (< corona) > coroa.

*Apofonia* ou *deflexão* é a modificação que sofre a vogal da sílaba inicial de uma palavra, quando se lhe ajunta um prefí-xo: in+bãrba > imberbe.

*Metafonia* é a modificação de som, ou mais propriamente de timbre de uma vogal, resultante da influência que sobre ela exerce a vogal ou semivogal seguinte: debita > dívida.

**b) Metaplasmos por aumento** são os que adicionam fonemas à palavra.

A *prótese* ou *próstese* é o aumento de som no início da palavra: stare > estar; spiritu > espírito; scutu > escudo.

*Epêntese* é o acréscimo de fonema no interior da palavra: stella > estrela; humile > humilde; úmeru > ombro.

Uma modalidade particular de epêntese é o suarabácti (ou anaptixe), a intercalação de uma vogal para desfazer um grupo de consoantes: grupa > kruppa, germ) > garupa.

*Paragoge* ou *epítese* é a adição de fonema no fim do vocábu-lo: ante > antes.

**c) Metaplasmo por subtração** – são os que tiram ou diminuem fonemas à palavra.

*Aférese* é a queda de fonema no início da palavra: alambique > lambique; menagem > homenagem.

Há também um caso especial de aférese é a deglutinação, supressão de uma vogal inicial por confusão com o artigo: horologiu > orologiu > relógio; apotheca > abodega > bodega.

*Síncope* é a subtração de fonema no interior de vocábulo pressão de um segmento sonoro no meio da palavra: legale > leale > leal;

A *haplogogia* é a *síncope* especial que consiste na queda de uma síncope medial, por haver outra idêntica ou quase idêntica na mesma sílaba: bondade + -oso = bondadoso > bondoso; trágico + comédia = tragicocomédia > tragicomédia; formica + -cida = formicicida > formicida;

*Apócope* é a queda de fonema no fim da palavra: mare > mar; amat > ama; male > mal.

*Crase* é a fusão de duas vogais iguais em uma só: pede > pee > pé; colore > coor > cor; nudu > nuu > nu.

*Sinalefa* ou *elisão* é a queda da vogal final de uma palavra, quando a palavra seguinte começa por vogal: de + intro > dentro; de + ex + de > desde; outra + hora > outrora.

**d) Metaplasmos por transposição** são os que consistem na deslocação de fonema ou de acento tônico da palavra.

*Metátese* é a transposição de fonema, que se pode verificar na mesma sílaba ou entre sílabas: semper > sempre.

*Hiperbibasmo* é nome especial dado à transposição de acento tônico, compreende este a sístole e a diástole.

*Sístole* é a transposição de acento tônico de uma sílaba para a anterior: erámus > éramos.

*Diástole* é o deslocamento de acento tônico de uma sílaba para a posterior: océanu > oceano.

Segue as análises nos quadrinhos de *Pavor Espaciar*:

**Página 07, Título** – *Pavor Espaciar*.



Figura 23: Capa e página 7 de Pavor Espaciar.

- Espacial ~ espaciar – A Etimologia da palavra vem do francês *spatial* (1889), (1961), sendo derivado culto do latim *spatium*. A palavra surgiu na Língua Portuguesa aproximadamente em 1920, é um adjetivo comum de dois gêneros e como no início do século, conforme citação da professora doutora em linguística Vandecir de Andrade Aguilera, inserida acima no tópico: Principais Características do Português do Brasil – Variação, os índios acabaram mesclando o “L” com o “R” que culminou no “R” retroflexo, popularmente conhecido como “R” caipira, e para os linguistas por rotacismo (vício de pronúncia ou escrita da consoante “r” no lugar de outra “l” por “r”). Vocábulo utilizado com frequência por pessoas que não teve acesso aos estudos de maneira geral.

**Página 08** – *si* comporte, *mininos!* *Nóis vamo visitá* a tia Janda *i* o tio Mané.

*Oceis* pode *brincá* mais um *poco*, mas quando *dé* *deiz* da noite direto pra cama!

- Se ~ si – pronome inserido na Língua Portuguesa no século XIII. A etimologia vem do latim *sē*, ao mesmo tempo podendo ser uma conjunção origem do latim *sī*. Com a evolução da língua, o povo passa a utilizar a lei do menor esforço na pronúncia, neutralizando o “e” por “i” formando dessa maneira a assimilação vocálica.
- Meninos ~ *mininos* – o mesmo acontece na referida palavra inserida na Língua Portuguesa no século XIII (*menyo* > *minino* > menino), pois também foi utilizada a assimilação vocálica, neutralizando o “e” por “i”, fortalecendo dessa maneira o dialeto falado no interior do país e resgatando a cultura linguística de séculos passados.



- Nós ~ nós – pronome pessoal (século XIII). De origem do latim *nōs*, referindo-se a primeira pessoa do plural. Nesse vocábulo ocorreu a ditongação (transformação de uma vogal “o” em ditongo “oi”).
- Vamos ~ vamo – verbo irregular (verbo ir) inserido na Língua Portuguesa no ano de 944 usado como verbo auxiliar seguido de infinitivo, do latim *īre*. É o que acontece no quadrinho, pois é uma ação no presente ocorrendo uma apócope (queda do fonema no fim do vocábulo “s”) e na primeira pessoa do plural muito utilizado no cotidiano da população brasileira.
- E ~ i – conjunção (século XIII) A etimologia vem do latim *et*. Mais uma vez temos a neutralização da vogal, formando a assimilação vocálica – “e” por “i”.
- Manoel ~ *Mané* - nome próprio e chamado carinhosamente de *Mané* por pessoas próximas e, normalmente com pouco grau de instrução.
- Vocês ~ *oceis* – Um pronome inserido na Língua Portuguesa em 1665 como a classificação de pronome pessoal e um pronome indefinido. Na etimologia da palavra, houve a seguinte evolução: *vossa mercê* > *vossemecê* > *vosmecê* > *ocê*, sendo fato histórico registrado em 1665 *vossancê*, em 1721 *vossancê* > *vossê* e em 1813 *vosse*. Segundo Nascentes (1955), o processo de metaplasmos ocorrido na palavra, possivelmente tenha ocorrido devido à rapidez na pronúncia. Na atualidade, 2015, durante uma conversa informal falamos somente “*cê*”, porém na escrita escrevemos “*ocê*”, contudo há indícios de que a palavra possa passar por mais um processo de metaplasmo (*ocê* ~ *cê*), no caso do quadrinho analisado ocorreu uma aférese (queda de um fonema no início de uma palavra “v” por “o”) e uma ditongação (transformação de uma vogal “e” em ditongo “ei”).
- Brincar ~ *brincá* – Vocábulo inserido no século XV como um verbo infinitivo de origem etimológica incerta. O vocábulo no quadrinho é representado por uma apócope (queda do fonema no fim do vocábulo “r”), o que ocorre também na atual oralidade coloquial das pessoas.
- Pouco ~ *poco* – palavra oriunda do latim *paucus* > *poco* > *pouco*, inserido na Língua Portuguesa como pronome (século XIII), advérbio e substantivo (século XIV), foi utilizado no quadrinho com o sentido de substantivo, em pequena quantidade (brincar mais um pouco/brincar uma pequena quantidade de tempo), ocorrendo uma monotongação/regressão nas vogais (o ditongo “ou” transformou-se em monotongo

“o”). Percebe-se que a palavra foi utilizada na mesma grafia em que passou pelo latim “poco”.

- Dez ~ deiz – palavra oriundo do latim *dēcēm* > *dece* e inserido na Língua Portuguesa no ano de 1255 com a função de numeral, como foi o utilizado no quadrinho, ocorrendo uma ditongação (transformação de uma vogal “e” em ditongo “ei”).
- Der ~ dé – Infinitivo pessoal do verbo dar, inserido na Língua Portuguesa em 1211, sua etimologia origina-se do latim *dāre* e no quadrinho sofrendo uma apócope (queda do fonema no fim do vocábulo “r”).

Observa-se a não concordância do verbo “pode”, no sentido de autorização para que as crianças pudessem brincar mais um pouco, com o sujeito da frase “oceis”, já que se trata da terceira pessoa do plural. Oração facilmente utilizada pelas pessoas que não frequentaram os bancos escolares.

**Página 09, quadrinho 1** – Quando a gente *vortá*, *queremo* ver *oceis* dois *drumindo*! Combinado?

**quadrinho 2-** *Craro* mãe!



**Figura 24:** *Pavor Espaciar*, quadrinho 2 e 3, p. 9.

- Voltar ~ vortá – Verbo infinitivo com surgimento no século XV, sua etimologia é um pouco controversa sendo uma variante do latim *voltāre*, do latim vulgar *\*volvitare*, frequentativo de *vōlvēre*. Ocorreu o processo de rotacismo (vício de pronúncia ou escrita da consoante “r” no lugar de outra “l” por “r”) e apócope - queda do fonema no fim do vocábulo “r”.
- Queremos ~ queremo – Verbo inserido na Língua Portuguesa no ano de 897. A etimologia origina-se do latim *quaerēre*. No quadrinho analisado indicando a primeira

pessoa do plural do presente do indicativo, sendo neutralizada pela queda do fonema no fim do vocábulo “s”, ocorrendo dessa maneira uma apócope.

- Vocês ~ oceis – Um pronome inserido na Língua Portuguesa em 1665 como a classificação de pronome pessoal e um pronome indefinido. Na etimologia da palavra, houve a seguinte evolução: *vossa mercê* > *vossemecê* > *vosmecê* > *ocê*, sendo fato histórico registrado em 1665 *vossancê*, em 1721 *vossancê* > *vossê* e em 1813 *vosse*. Segundo Nascentes (1955), o processo de metaplasmos ocorrido na palavra, possivelmente tenha ocorrido devido à rapidez na pronúncia. Na atualidade, 2015, durante uma conversa informal falamos somente “cê”, porém na escrita a escrevemos “ocê”, contudo há indícios de que a palavra possa passar por mais um processo de metaplasmo (*ocê* ~ *cê*), no caso do quadrinho analisado ocorreu uma aférese (queda de um fonema no início de uma palavra “v” por “o”) e uma ditongação (transformação de uma vogal “e” em ditongo “ei”).
- Dormindo ~ drumindo – palavra de origem do latim *dormīre* > *dormiō*, inserido na Língua Portuguesa no século XII com a classificação gramatical verbo, nesse caso podendo ser analisado como verbo no gerúndio que sofreu uma hipértese (transposição de um fonema em sílaba diferente – “r” e assimilação vocálica “o” por “u”).
- Claro ~ craro – um adjetivo inserido na Língua Portuguesa no século XIII, do latim *clarus*, sendo utilizado no quadrinho como uma interjeição afirmativa e positiva em concordância à fala da mãe de Chico Bento, ocorre também o rotacismo (vício de pronúncia ou escrita da consoante “r” no lugar de outra – “l” por “r”).

Observa-se na a utilização “a gente” no lugar do pronome “nós”, afirmando dessa maneira a língua popular em sua oralidade.

### Página 10 – *inté!*



Figura 25: *Pavor Espaciar*, quadrinho 1, p. 10.

- Até ~ inté – a classificação gramatical é uma preposição e também um jeito antigo e informal de falar, normalmente utilizado pelas pessoas com baixa escolaridade. A grafia no século XIII ocorria da seguinte forma: *ata* e no século XIV *ataa*. Ocorre uma assimilação vocálica “a” por “i” seguida de nasalização “n”.

**Página 11, quadrinho 4 – Zé, vô tomá água, ocê qué um gole?! Quero não Chico, *gradecido*.**

- José ~ Zé – substantivo próprio, carinhosamente conhecido por Zé, sendo uma maneira informal de tratamento familiar ou de amigo próximo. Houve uma aférese (desaparecimento de fonema no início da palavra) seguida por uma dissimilação da consoante “s” por uma consoante “z”.
- Vou ~ vô – infinitivo do verbo “ir”, do latim *īre*, inserido na Língua Portuguesa no ano de 944. O vocábulo aparece no quadrinho na primeira pessoa do singular. Ocorre uma apócope (queda do fonema no fim do vocábulo – “u”) e uma ligeira acentuação para fechamento do som da palavra.
- Tomar ~ tomá – Verbo infinito, de origem incerta. No quadrinho foi colocado na primeira pessoa do modo subjuntivo (eu vou tomar água), ocorrendo uma apócope (queda do fonema no fim do vocábulo – “r”) seguida de acentuação.
- Você ~ ocê – Um pronome inserido na Língua Portuguesa em 1665 com a classificação de pronome pessoal e um pronome indefinido. Na etimologia da palavra, houve a seguinte evolução: *vossa mercê* > *vossemecê* > *vosmecê* > *você*, sendo fato histórico registrado em 1665 *vossancê*, em 1721 *vossancê* > *vossê* e em 1813 *vosse*. Segundo Nascentes (1955), o processo de metaplasmos ocorrido na palavra, possivelmente tenha-se dado devido à rapidez na pronúncia. Na atualidade, 2015, durante uma conversa informal falamos somente “cê”, porém na escrita a escrevemos “você”, contudo há indícios de que a palavra possa passar por mais um processo de metaplasmo (*você* ~ *cê*), no caso do quadrinho analisado ocorreu uma aférese (queda de um fonema no início de uma palavra “v” por “o”).
- Quer ~ qué – Verbo inserido na Língua Portuguesa no ano de 897. A etimologia origina-se do latim *quaerere*, surge no quadrinho na 3ª pessoa do singular (ele quer) ocorrendo uma apócope (queda do fonema no fim do vocábulo “r”) seguida de acentuação gráfica.
- Agradecido ~ gradecido – verbo inserido na Língua Portuguesa no século XIII, do latim *gratīa* com o sentido de mostrar ou manifestar gratidão. A etimologia da palavra se dá da seguinte forma: prefixo *a-* +o radical de *grado* (do latim *gratus, a, um*) + o

sufixo *-ecer*; sendo fato histórico no século XIV *agardeçe* > século XV *agradescer* > no século XV *guardecer* > século XXI *agradecer*. Ocorrendo uma aférese (queda de um fonema no início de uma palavra “a”) reafirmando o dialeto caipira que muito ainda preservam no interior do país.

**Página 13, quadrinho 3 – Ô Torresmo! *Qui* foi, *rapaiz*? Que *qui ocê* tem?**

- Que ~ qui – pronome relativo, interrogativo e advérbio (século XIII), do latim *quid*. No quadrinho tem a função de pronome interrogativo, sendo neutralizado o “e” por “i” formando dessa maneira a assimilação vocálica “e” por “i”. Na oralidade é comum essa assimilação.
- Rapaz ~ rapaiz – substantivo masculino inserido na Língua Portuguesa em 1253. A etimologia da palavra se dá da seguinte forma: no latim *rapāx,ācis*. No século XIII grafava-se *rapax* > *rrapaz*, com o substantivo 'ladrão', e também no século XIII foi grafado *rrapazes* > *rapaz*, com a mudança da significação do substantivo para ‘pajem, ‘escudeiro’, ‘moço’. No quadrinho analisado nos tempos modernos, pode-se dizer que ocorreu uma ditongação (transformação de uma vogal “a” em ditongo “ai”).

Percebe-se, na atualidade a utilização de “rapaiz” com a ditongação “ai” na sonoridade da fala, reafirmando desse modo a língua popular do dia a dia de diversos estados brasileiros, como por exemplo, Mato Grosso do Sul.

- Você ~ ocê – Um pronome inserido na Língua Portuguesa em 1665 com a classificação de pronome pessoal e um pronome indefinido. Na etimologia da palavra, houve a seguinte evolução: *vossa mercê* > *vossemecê* > *vosmecê* > *você*, sendo fato histórico registrado em 1665 *vossancê*, em 1721 *vossancê* > *vossê* e em 1813 *vosse*. Segundo Nascentes (1955), o processo de metaplasmos ocorrido na palavra, possivelmente tenha-se dado devido à rapidez na pronúncia. Na atualidade, 2015, durante uma conversa informal falamos somente “cê”, porém na escrita a escrevemos “você”, contudo há indícios de que a palavra possa passar por mais um processo de metaplasmo (*você* ~ *cê*), no caso do quadrinho analisado ocorreu uma aférese (queda de um fonema no início de uma palavra “v” por “o”).

**Página 15, quadrinho – Zé! Corre!**

- José ~ Zé – substantivo próprio, carinhosamente conhecido por Zé, sendo uma maneira informal de tratamento familiar ou de amigo próximo. O nome se reporta ao nome bíblico José, o pai de Jesus. Na representação do nome no quadrinho houve uma

aférese (desaparecimento de fonema no início da palavra) seguida por uma dissimilação da consoante “s” por uma consoante “z”.

**Página 17, quadrinho 4** – Corre, Torresmo! Corre, Giserda!

- Giselda ~ Giserda – substantivo próprio, provavelmente o nome é de origem germânica que significa lutadora nobre. No quadrinho em questão o nome é pronunciado com o “r” retroflexo, uso comum e natural de pessoas oriundas do campo e que não teve acesso à escolarização. O substantivo sofreu um rotacismo (vício de pronúncia ou escrita da consoante “r” no lugar de outra “l” por “r”).

**Página 18, quadrinho 2** – *Virge Santíssima!* O robô gigante assombrado dos inferno *si apoderô* do meu primo! É o *finar* do mundo.



Figura 26: *Pavor Espaciar*, quadrinho 2, p. 18.

- Virgem ~ Virge – substantivo inserido na Língua Portuguesa no século XIII. A etimologia do vocábulo tem origem do latim *vīrgō* > *virgēs* > *virgines* > *virgem*, no século XIV grafado como *virgem* > *uirgem* até a escrita atual “*virgem*”. Houve uma desnasalização do fonema final médio anterior “m”, no quadrinho analisado.
- Se ~ si – pronome inserido na Língua Portuguesa no século XIII. A etimologia vem do latim *sē*, ao mesmo tempo podendo ser uma conjunção do latim *sī*. Com a evolução da língua, o povo passa a utilizar a lei do menor esforço na pronúncia, neutralizando o “e” por “i” formando dessa maneira a assimilação vocálica.
- Apoderou ~ apoderô – verbo inserido na Língua Portuguesa no século XIII, do latim vulgar *pōterē*. Representado no quadrinho pela terceira pessoa do singular (ele apoderou), o vocábulo sofreu uma monotongação (o ditongo final da palavra “ou” transformou-se em monotongo “ô”), ficando muito próximo da oralidade atual.

- Final ~ finar – adjetivo inserido na Língua Portuguesa no século XV. A etimologia de origem latina *finis* > *finālis* > *finale* > *final*, no *quadrinho* ocorreu o rotacismo (vício de pronúncia ou escrita da consoante “r” no lugar de outra “l” por “r”), dialeto ainda preservado no interior do país, principalmente pelas pessoas idosas e não alfabetizadas.

Nota-se no *quadrinho* a ausência de concordância nominal na oração “*O robô gigante assombrado dos inferno...*”.

**Página 19, quadrinho 2** – *Giserda! Torresmo! Vamo imhora* daqui!

- Giselda ~ Giserda – Substantivo próprio, provavelmente nome é de origem germânica que significa lutadora nobre. No *quadrinho* em questão o nome é pronunciado com o “r” retroflexo, uso comum e natural de pessoas oriundas do campo e que não teve acesso à escolarização. O substantivo sofreu um rotacismo (vício de pronúncia ou escrita da consoante “r” no lugar de outra “l” por “r”).
- Vamos ~ vamo – verbo irregular (verbo *ir*) inserido na Língua Portuguesa no ano de 944 usado como verbo auxiliar seguido de infinitivo, do latim *īre*. É o que acontece no *quadrinho*, pois é uma ação no presente ocorrendo uma apócope (queda do fonema no fim do vocábulo “s”), muito utilizado no cotidiano da população brasileira.
- Embora ~ imhora – vocábulo inserido na Língua Portuguesa no século XV podendo ser um advérbio dando a ideia de um momento oportuno e também podendo ser uma conjunção concessiva com a ideia de mesmo que, ainda que. A etimologia vem da contração de *em boa hora*; sendo escrita no século XV *em boa ora* > *emboora* > *em boora* > *emhora*. No *quadrinho* foi representado com o início da grafia com a vogal “i” ocorrendo uma assimilação vocálica “e” por “i”.

**Página 26, quadrinho 2** – *Qui pesadelo horríver... infernar...*

**quadrinho 4** – *Era só o que fartava! Ligaro umas tomada nimim!*

- Que ~ qui – pronome relativo, interrogativo e advérbio (século XIII), do latim *quid*. No *quadrinho* em questão tem a função de advérbio de intensidade. Houve uma neutralização do “e” por “i” formando dessa maneira a assimilação vocálica “e” por “i”. Na oralidade é comum essa assimilação.
- Horrível ~ horríver – adjetivo inserido na Língua Portuguesa em 1570. A etimologia vem do latim *hōrribilīs* > *horrible* > *horribel* > *horrível*. Na grafia analisada ocorreu um rotacismo (vício de pronúncia ou escrita da consoante “r” no lugar de outra “l”).



- Infernal ~ infernar – adjetivo inserido na Língua Portuguesa no século XIII. A etimologia vem do latim *infernāl* > *infernal* ocorrendo o rotacismo (vício de pronúncia ou escrita da consoante “r” no lugar de outra “l”).
- Faltava ~ fartava – verbo inserido na Língua Portuguesa cerca do ano de 1543, hipoteticamente origina-se do latim *fallīta* > *fallītus* > *falta*, sendo no quadrinho representado pela terceira pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo (significa que os fatos não foram totalmente concluídos, esses fatos são contínuos, mas não terminados), conforme citado no texto acima, houve um rotacismo (vício de pronúncia ou escrita da consoante “r” no lugar de outra “l”).
- Ligaram ~ ligaro – verbo inserido na Língua Portuguesa no século XIII. A etimologia origina-se do latim *ligo* > *ligas* > *ligāv* > *ligātum* > *ligāre* > *ligar*. Representado no quadrinho pela terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo, ocorreu uma assimilação vocálica “a” por “o” e desnasalação “m”.
- Em mim ~ nimim – “em” preposição inserida na Língua Portuguesa em 1152, do latim *ĭn*, e o pronome pessoal do caso reto “mim” inserido na Língua Portuguesa em 1255, com a etimologia do latim vulgar *mī* e do latim clássico *mīhī*. No quadrinho analisado, provavelmente, devido à fluidez da oralidade tenha-se juntado a preposição com o pronome e se transformado em uma nova palavra (na escrita) “nimim”, pois na oralidade é comum a junção de sons dando origens a novas palavras.

**Página 29, quadrinho 1 – Virge Santa! Um elefante! I ele é vrede! Que surrear...**



**Figura 27: Pavor Espaciar, quadrinho 1, p. 29.**



- Virgem ~ Virge – substantivo inserido na Língua Portuguesa no século XIII. A etimologia do vocábulo tem origem do latim *vīrgō* > *virgēs* > *virgines* > *virgem*, no século XIV grafado como *virgem* > *uirgem* até a escrita atual “*virgem*”. Houve uma desnasalização do fonema final médio anterior “m”, no quadrinho analisado.
- E ~ I - conjunção (século XIII) A etimologia vem do latim *et*. Mais uma vez temos a neutralização da vogal, formando a assimilação vocálica – “e” por “i”.
- Verde ~ vrede – substantivo masculino inserido na Língua Portuguesa aproximadamente no ano de 860. A etimologia vem do latim *vīrele* por *viride* > *vīrīdes*, sendo registro histórico em 960 *uerde*, no século XIII *verde* e no século XIV *uerdes*, considerado um adjetivo tal como conhecemos hoje, porém com a grafia *verde*. No quadrinho houve uma hipértese (transposição de um fonema em sílaba diferente “e” por “r”).
- Surreal ~ surrear – adjetivo inserido na Língua Portuguesa aproximadamente na década de 1920. A etimologia origina-se do francês *surreél*, algo que pertence ao domínio do sonho, da imaginação. Duarte inovou na utilização desse vocábulo, pois mesclou o contemporâneo com a realidade em que vivem as pessoas que possuem o dialeto caipira ocorrendo dessa maneira o rotacismo (vício de pronúncia ou escrita da consoante “r” no lugar de outra “l”).

**Página 31, quadrinho 3 – Os capeta tão carregando um difunto...**

- Estão ~ tão – verbo inserido na Língua Portuguesa em 1044. A etimologia da palavra vem do latim *stāre*, sendo representado no quadrinho em terceira pessoa do plural do presente do indicativo. Ocorre uma dupla aférese (queda do fonema no início de uma palavra “es”).
- Defunto ~ difunto – substantivo inserido na Língua Portuguesa no século XIV. A etimologia da palavra origina-se do latim *defunctus* > *defuncto* > *defunto*. No quadrinho houve uma assimilação vocálica – “e” por “i”. Comum na oralidade de um povo.

Observa-se nessa oração a falta de concordância do sujeito com o verbo, pois inicia a frase com o artigo no plural, o sujeito fica no singular e na sequência retonar com o verbo no plural.

**Página 34, quadrinho 4 – Torresmo! Virge Santa! Colocaró ocê dentro di uma jaula qui marvadeza! / Vem cá, meu amigo! Graças a Deus ocê tá vivo!**

**quadrinho 5** – *Brigado, Chico! Num guentava mais ficá preso nessa caxa di vrido!*

- Virgem ~ Virge – substantivo inserido na Língua Portuguesa no século XIII. A etimologia do vocábulo tem origem do latim *vīrgō* > *virgēs* > *virgines* > *virgem*, no século XIV grafado como *virgem* > *uirgem* até a escrita atual “*virgem*”. Houve uma desnasalização do fonema final médio anterior “m”, no quadrinho analisado.
- Colocaram ~ colocaro – verbo inserido na Língua Portuguesa no século XV. A etimologia da palavra vem do latim *cōllōcāre*, sendo representado no quadrinho em terceira pessoa do plural do presente do indicativo. Ocorre uma assimilação vocálica “a” por “o” e desnasalização do fonema final médio anterior.
- Você ~ ocê – Um pronome inserido na Língua Portuguesa em 1665 como a classificação de pronome pessoal e um pronome indefinido. Na etimologia da palavra, houve a seguinte evolução: *vossa mercê* > *vossemecê* > *vosmecê* > *você*, sendo fato histórico registrado em 1665 *vossancê*, em 1721 *vossancê* > *vossê* e em 1813 *vosse*. Segundo Nascentes (1955), o processo de metaplasmos ocorrido na palavra, possivelmente tenha ocorrido devido à rapidez na pronúncia. Na atualidade, 2015, durante uma conversa informal falamos somente “cê”, porém na escrita a escrevemos “você”, contudo há indícios de que a palavra possa passar por mais um processo de metaplasmo (*você* ~ *cê*), no caso do quadrinho analisado ocorreu uma aférese (queda de um fonema no início de uma palavra “v” por “o”).
- Que ~ qui – pronome relativo, interrogativo e advérbio (século XIII), do latim *quid*. No quadrinho em questão tem a função de pronome relativo. Houve uma neutralização do “e” por “i” formando dessa maneira a assimilação vocálica “e” por “i”. Na oralidade é comum essa assimilação.
- Marvadeza ~ malvadeza – substantivo inserido na Língua Portuguesa no século XX. A etimologia vem do radical *malva* com a soma do sufixo – *eza*. No quadrinho houve um rotacismo (vício de pronúncia ou escrita da consoante “r” no lugar de outra “l”).
- Aguentava ~ guentava – verbo inserido a Língua Portuguesa em 1767. A etimologia vem do italiano *agguantare*, sendo representado no quadrinho no pretérito imperfeito do indicativo. Houve uma aférese (queda de um fonema no início de uma palavra “a”)
- Ficar ~ ficá – verbo inserido na Língua Portuguesa em 1192. A etimologia da palavra é hipoteticamente do latim vulgar *figicāre*. Ocorrendo uma apócope (queda do fonema no fim do vocábulo “r”).

- Caixa ~ caxa – substantivo inserido na Língua Portuguesa em 1364. A etimologia da palavra origina-se provavelmente do Catalão *caixa* ou do Provençal *caissa*, derivado do latim *capsa*, sofrendo uma monotongação na palavra (o ditongo “ai” transformou-se em monotongo “a”).
- De ~ di – preposição inserida na Língua Portuguesa entre 850 e 866. A etimologia vem do latim *de*, no quadrinho passa a ser representado com uma assimilação vocálica “e” por “i”.
- Vidro ~ vrido – substantivo masculino inserido na Língua Portuguesa no século XIII. A etimologia vem do latim *vitrĕum* > *vĭtrum* > *vidro*. Ocorreu uma hipértese (transposição de um fonema em sílaba diferente “r”).

**Página 35, quadrinho 2** – Meu Deus do céu! O porco *tá* falando! O porco *tá* possuído!

**quadrinho 4** – *Carma*, Chico! *Carma!* *Sô* eu! *Sô* eu! / *Vorta* aqui! *Sô* eu!

**quadrinho 5** – *Sô* eu, o *Zé!* O *Zé* *Lelé!*

- Está ~ tá – verbo inserido na Língua Portuguesa em 1044. A etimologia da palavra vem do latim *stāre*, sendo representado no quadrinho em terceira pessoa do singular do presente do indicativo. Ocorre dupla aférese (queda do fonema no início de uma palavra “es”). Uso comum na oralidade das pessoas de qualquer nível cultural.
- Calma ~ carma – substantivo feminino inserido na Língua Portuguesa entre os séculos XIV e XV. A etimologia do italiano *calma* (1435) 'calmaria do mar', normalmente sem vento (1686), do latim tardio *cauma e, este, do grego Kauma*. Chegando ao século XXI calma. No quadrinho analisado ocorreu o rotacismo (vício de pronúncia ou escrita da consoante “r” no lugar de outra “l”), vocábulo preservado com rotacismo, normalmente por pessoas idosas ou de baixa escolaridade, moradoras ou não dos grandes centros urbanos.
- Sou ~ sô – apócope (queda do fonema no fim do vocábulo “u”). O vocábulo apresentado no quadrinho com a queda do “u” final é comum na oralidade de pessoas, letradas ou não. Sendo utilizado de maneira informal.
- Volta ~ vorta – Verbo com surgimento no século XV, sua etimologia é um pouco controversa sendo uma variante do latim *voltāre*, do latim vulgar *volvitare*, frequentativo de *vōlvĕre*. Sendo apresentado na análise em como sujeito oculto (*vorta aqui* – quem volta? Ele) Ocorreu o processo de rotacismo (vício de pronúncia ou escrita da consoante “r” no lugar de outra “l” por “r”). Normalmente sonorizado por

peças de mais idade ou até mesmo para afirmar a identidade de pessoas com baixa escolaridade.

- Leocádio ~ Lelé – Nome próprio, provavelmente de origem latina, sendo representado no quadrinho com um apelido carinhoso “Lelé”. Normalmente os apelidos são dados à pessoa com a qual há um grau maior de intimidade.

**Página 36, quadrinho 1** – O porco *inguliu* o meu primo!

**quadrinho 2** – *Carma*, Chico! Não é nada disso! *Sô* eu *memo*, o Zé!

**quadrinho 3** – *Péra*, lá! *Ocê* num pode ter *ingulido* o Zé! *I* nem pode *sê* ele! O Zé ta ali *imbaixo*, junto *cas assombração*! *Óia*, só!

- Engoliu ~ inguliu – Verbo com surgimento na Língua Portuguesa no século XIV, com sua etimologia um pouco controversa, podendo ser do latim vulgar *ingullāre*; italiano. *ingollare*; francês. *engouler*, provençal. *engolar*; espanhol. *engullir*; Brasil. *engolir*. No quadrinho analisado ocorreu uma assimilação vocálica “o” por “u”. Vocábulo normalmente sonorizado com “u” no lugar do “o” de pessoas sertanejas que moram na região Nordeste do Brasil.
- Mesmo ~ memo – Adjetivo e também considerado pronome demonstrativo, inserido na Língua Portuguesa em 1265. A etimologia da palavra origina-se do latim vulgar *metipsīmus*; pronome demonstrativo *ipse*, *a*, *um* mesmo, mesma; ele mesmo, ela mesma; havendo registro em 1265 *meesma*, *menesmo*, *mêesmo*, *mismo*. Ocorreu uma síncope (subtração de fonema no interior do vocábulo “s”). Na oralidade, é comum a pronúncia sem o “s”, provavelmente devido à velocidade da pronúncia acaba-se suprimindo a consoante “s”.
- Espera ~ péra – Substantivo feminino, inserido na Língua Portuguesa em 1206. A etimologia da palavra é regressiva do verbo esperar. Ocorrendo uma aférese (queda de um fonema no início de uma palavra “es”). Pronúncia comum entre conversas informais.
- Você ~ ocê – Um pronome inserido na Língua Portuguesa em 1665 como a classificação de pronome pessoal e um pronome indefinido. Na etimologia da palavra, houve a seguinte evolução: *vossa mercê* > *vossemecê* > *vosmecê* > *você*, sendo fato histórico registrado em 1665 *vossancê*, em 1721 *vossancê* > *vossê* e em 1813 *vosse*. Segundo Nascentes (1955), o processo de metaplasmos ocorrido na palavra, possivelmente tenha ocorrido devido à rapidez na pronúncia. Na atualidade, 2015,

durante uma conversa informal falamos somente “cê”, porém na escrita a escrevemos “você”, contudo há indícios de que a palavra possa passar por mais um processo de metaplasmo (*você ~ cê*), no caso do quadrinho analisado ocorreu uma aférese (queda de um fonema no início de uma palavra “v” por “o”) e uma ditongação (transformação de uma vogal “e” em ditongo “ei”).

- Não ~ num – Advérbio de negação inserido na Língua Portuguesa no ano de 1113. A etimologia da palavra origina-se do latim *non* ‘não’; sendo que o fato gráfico tendeu a uniformizar-se a partir do século XVI. A escrita em 1113 *non*, 1214 *non*, seguida no século XIII *no*, no século XIII *nõ*, no século XIV *nã*, por volta do ano de 1499 *nam*. Já no século XV ocorreram duas grafias *não e naõ*, sendo mantido no século XXI com a grafia *não*. Ocorreu a monotongação (o ditongo “ao” transformou-se em monotongo “o”) e assimilação vocálica. Seguindo as marcas de oralidade comum aos falantes da Língua Portuguesa em conversas informais.
- E ~ i – conjunção (século XIII) A etimologia vem do latim *et*. Temos a neutralização da vogal, formando a assimilação vocálica – “e” por “i”.
- Ser ~ sê – É um verbo inserido na Língua Portuguesa no ano de 938, podendo também ser um substantivo masculino (século XV). No quadrinho analisado cabe a classificação de substantivo, relacionando ao sentido existencial do verbo. A etimologia origina-se do latim *sedēo, es, sēdi, sessum, sedēre*, fundido com formas do verbo latino *esse* ‘ser’; Há registro em fatos históricos de *sudes*, 1044 *seia*, 1289 *syha*, no século XIII *eran*, *seer*, no século XV *sia*, no ano de 1543 *sees*. Ocorrendo uma apócope (queda do fonema no fim do vocábulo “r”). Ficando explícitas as marcas de oralidade que a maioria das pessoas, letradas ou não, utiliza com frequência no dia a dia.
- Embaixo ~ imbaixo) – Advérbio de lugar inserido na Língua Portuguesa em 1562. A etimologia da palavra é a junção da preposição *-em* com o substantivo *baixo*, ocorrendo a assimilação vocálica “e” por “i”.
- Com as ~ cas – Preposição inserida na Língua Portuguesa no ano de 1273. A etimologia da palavra origina-se do latim *cūm* exprime ideias de ‘companhia, sociedade, junção no tempo ou no espaço, qualificação, maneira de ser ou de estar, acompanhamento e consequência. Fato histórico de registro em 1273 *cũ*, no século XIII houve dois registros de grafia *com* e *co*. Ocorrendo uma sinalefa ou elisão (queda da vogal final de uma palavra, quando a seguinte começa por vogal) e também a união

da preposição *com* e o artigo definido plural *-a*. Junção comum nas falas atuais do cotidiano das pessoas.

- Olha ~ óia – Verbo inserido na Língua Portuguesa no século XIII. A etimologia da palavra origina-se do latim vulgar *adoculāre*, de *ad-* ‘direção para algum lugar ou objeto’ + *ocūlo, as, āvi, āre* ‘dar vista; esclarecer’; as variantes do português medieval *aolhar* e *oolhar* assim como o espanhol *aojar*, no francês antigo *aoillier* e no italiano *adocchiare* justificam plenamente o latim vulgar *adoculāre* proposto por M. Lübke in REW 189; Registro de fatos históricos de grafia no século XIII *aolhar*, no ano de 1390 *olhasem*, século XIV *aolhou, olhar, oolhar*. Já no século XV *hoolamdo* e *oulhando*. Permanecendo no século XXI *olhar*. Ocorrendo uma síncope (subtração de fonema no interior de vocábulo “lh”) e vocalização do “lh” por “ia”. Fala comum dos povos com menor grau de instrução e também das pessoas com mais idade e sem escolarização.

**Página 37, quadrinho 1** – É isso que tô tentando explicar! Trocaro meu corpo *co* corpo do Torresmo!

**quadrinho 2** – Mas *ocê* acha, que eu vô *querditá* numa história *bissurda* dessa? *Qui ocê* é o Torresmo? *I o Torresmo* é *ocê*?/ *Oia lá: O Zé* i os coisa ruim tão lá *imbaixo*.

**quadrinho 3** – *Chico, nós* foi *capturado* por uma nave *espaciar*! *Tamo* cercado *di ser di otro planeta*! *I ocê* acha *qui* eles *tê* *trocaro* o meu corpo *co* do Torresmo é *qui* é *bissurdo*!

**quadrinho 4** – *completamente*! / *Chico, pera lá!* *Si* aquele é o *Zé*, ele *tá* lá *imbaixo* jogando *xadreiz* *cos etê*! *I* parece *inté* que *tá* ganhando...

**quadrinho 5** - *Chico, pera lá!* *Si* aquele é o *Zé*, ele *tá* lá *imbaixo* jogando *xadreiz* *cos etê*! *I* parece *inté* *qui* *tá* ganhando...

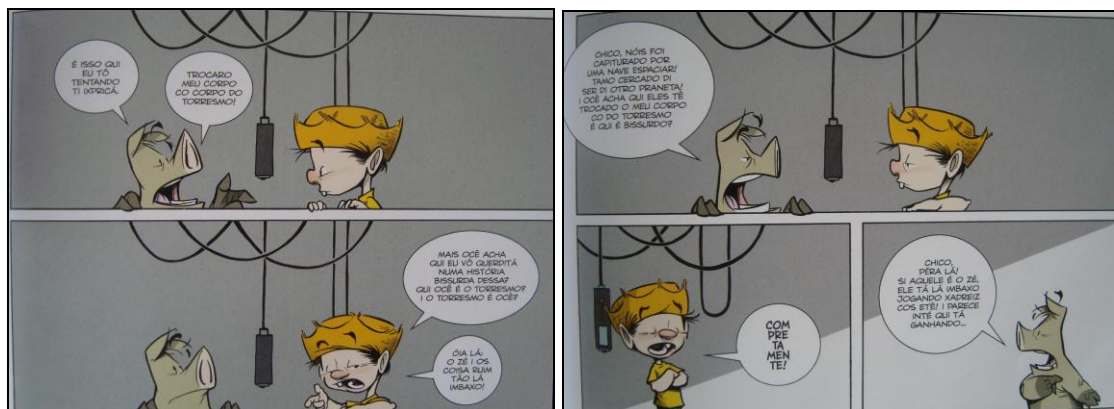


Figura 28: Pavor Espaciar, quadrinhos 1-5, p. 37.

- Estou ~ tô – Verbo inserido na Língua Portuguesa no ano de 1044. A etimologia da palavra origina-se do latim *sto, as, stēti, stātum, āre*. Havendo registro no século XIII *estar*. Representado no quadrinho em primeira pessoa do singular (eu estou). Ocorreu a aférese (queda de um fonema no início de uma palavra “es”). A forma representada no quadrinho representa a oralidade da maior parte da população em conversas informais.
- Explicar ~ ixpricá – Verbo inserido na Língua Portuguesa no século XV. A etimologia da palavra origina-se do latim *explīco, as, āvi, ātum* ou *explicītum, āre*; Havendo registro histórico da grafia no século XV *explicar* e *esplicar*. Sendo representado no quadrinho como verbo infinitivo. Ocorreu uma hipértese (transposição de um fonema em sílaba diferente), rotacismo (vício de pronúncia ou escrita da consoante “r” no lugar de outra) apócope (queda do fonema no fim do vocábulo).
- Trocaram ~ trocaro – Verbo inserido na Língua Portuguesa no século XIV. A etimologia é de origem incerta. Houve registro no século XV de grafia *trocazes*. Representado no quadrinho pela terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo, ocorreu uma assimilação vocálica “a” por “o” e desnasalação “m”.
- Vou ~ vô – infinitivo do verbo “ir”, do latim *īre*, inserido na Língua Portuguesa no ano de 944. O vocábulo aparece no quadrinho na primeira pessoa do singular. Ocorre uma apócope (queda do fonema no fim do vocábulo – “u”) e uma ligeira acentuação para fechamento do som da palavra.
- Acreditar ~ querditá – Verbo inserido na Língua Portuguesa em 1602. A etimologia da palavra origina-se do latim *crēdēre*. Havendo registro de grafia no século XV *creer*. Representado no quadrinho em primeira pessoa do singular. Ocorreu uma aférese (queda de um fonema no início de uma palavra), epêntese (é o acréscimo de fonema no interior do vocábulo “qu”), hipértese (transposição de um fonema em sílaba diferente “r”) e apócope (queda do fonema no fim do vocábulo).
- Absurda ~ bissurda – Adjetivo e também substantivo masculino inserido na Língua Portuguesa em 1589. A etimologia origina-se do latim *absurdus > absūrdus > absurdītās*. Sendo representado no quadrinho como adjetivo que se opõe à razão e ao bom senso. Ocorreu uma aférese (queda de um fonema no início de uma palavra “a”) e epêntese (é o acréscimo de fonema “i” no interior da palavra e dobramento da consoante “s” no interior da palavra).

- Que ~ qui – pronome relativo, interrogativo e advérbio (século XIII), do latim *quid*. No quadrinho em questão tem a função de pronome relativo. Houve uma neutralização do “e” por “i” formando dessa maneira a assimilação vocálica “e” por “i”. Na oralidade é comum essa assimilação. E ~ i – conjunção (século XIII) A etimologia vem do latim *et*. Temos a neutralização da vogal, formando a assimilação vocálica – “e” por “i”.
- Embaixo ~ imbaixo – Advérbio de lugar inserido na Língua Portuguesa em 1562. A etimologia da palavra é a junção da preposição *-em* com o substantivo *baixo*, ocorrendo a assimilação vocálica “e” por “i”.
- Capturado ~ capturado – Verbo inserido na Língua Portuguesa em 1836. A etimologia da palavra é de origem incerta, sendo formada pelo radical *captura* + o sufixo *-ado*. Sendo representado no quadrinho como verbo participípio. Ocorreu uma epêntese (acréscimo de fonema no interior da palavra “i”).
- Outro ~ otro – Pronome inserido na Língua Portuguesa no século XIII. A etimologia da palavra origina-se do latim *altĕru* > *āltĕra* > *altĕrum*. Fatos históricos de grafia *outros* > *outr* > *outri*, já no século XIV *houtro* > *oetra* e no século XV *outra* > *outrro* > *ouutro* e no ano de 1798 *obtro*. Ocorreu a síncope (queda do fonema “u” no interior da palavra). Fonema comum na oralidade.
- Planeta ~ praneta – Substantivo feminino inserido na Língua Portuguesa em 1899. A etimologia do latim *planĕta*, do grego *planĕtes*, também sendo grafia m 1899 *planéta*. Ocorreu rotacismo (vício de pronúncia ou escrita da consoante “r” no lugar de outra). Porém, nos séculos XV e XVI foi à forma correta de grafia, conforme relato da professora doutora em linguística Vandecir Aguilera da Universidade Estadual de Londrina.
- Completamente ~ compretamente – Advérbio inserido na Língua Portuguesa com data incerta bem como sua etimologia. Provavelmente origina-se do radical *complet* + *a* (*artigo*) + *mente* (*sufixo*). Ocorreu rotacismo (vício de pronúncia ou escrita da consoante “r” no lugar de outra).
- Xadrez ~ xadreiz – Substantivo masculino inserido na Língua Portuguesa no século XIV. Etimologia de origem incerta, havendo registros de grafia no século XVI *xedrez*, XIV *exedrez* > *eixedrez* > *asederex* > *ssederez* *açedrêche* > *enxadrez* > *xadrez*. No quadrinho analisado ocorreu uma ditongação (transformação de uma vogal “e” em ditongo “ei”).



Percebe-se, na atualidade a utilização de “xadreiz” com a ditongação “ei” na sonoridade da fala, reafirmando desse modo à língua popular do dia a dia de diversos estados brasileiros, como por exemplo, Mato Grosso do Sul.

**Página 39, quadrinho 2 – Zéééé! Trasnformaro memo ocê no Torresmo! / Vamo caí fora desse inferno!**

- Cair ~ caí – Verbo inserido na Língua Portuguesa em 1259. A etimologia da palavra origina-se do latim *cādo, cādis, cecīdi, cāsum, cadēre*. Fatos históricos do século XIII há registro de grafia *caer*, século XIV *cair*, já no ano de 1516 *acair* e em 2015 *cair*. Sendo representado no quadrinho no infinito ocorrendo uma apócope (queda do fonema no fim do vocábulo “r”), fato comumente encontrado na oralidade das pessoas.

**Página 52, quadrinho 2 – Chico, óia quanta nebrina!**



**Figura 29: Pavor Espaciar, quadrinho 2, p. 52.**

- Neblina ~ nebrina – Substantivo feminino inserido na Língua Portuguesa em 1660. A etimologia registrada na língua espanhola *neblina* (1220-1250) < latim *nebŭla,ae*; com forma de grafia *leblina, lebrina, liblina, librina, lubrina, nebrina*. Ocorreu rotacismo (vício de pronúncia ou escrita da consoante “r” no lugar de outra). Sendo reafirmando como escrita correta “nebrina” no ano de 1660 e na atual realidade considerada grafia incorreta perante a gramática normativa.

**Página 55, quadrinho 2 – Eita!**

- Eita – Interjeição de surpresa ou espanto. Com origem incerta e vocábulo comum no cotidiano das pessoas de determinada região, como por exemplo, Mato Grosso do Sul.

**Página 57, quadrinho 2** – Mais *nóis vai caí di novo na iscuridão*, Chico! / *Simbora*, Zé! Pior que *tá*, *num* fica!

- Escuridão ~ iscuridão – Substantivo feminino inserido na Língua Portuguesa no século XIV. A etimologia origina-se do latim *obscuritudine* > *obscuritate*. Sendo fato histórico no século XIV *escoridam* > *escoridoõe*, chegando ao século XXI sendo formado pelo radical *escur* + vogal temática *i* + sufixo *-dão*. Ocorreu uma assimilação vocálica “e” por “i”.
- Vamos embora ~ simbora – Vamos, verbo na primeira pessoa do plural (do infinitivo *ir*) e embora, advérbio inserido na Língua Portuguesa no século XV. No quadrinho houve a junção do verbo *ir* com o advérbio *embora* formando a palavra *simbora*, ocorrendo a prótese (desenvolvimento de fonema no princípio da palavra). Pronúncia comum em pessoas que moram no interior do nordeste brasileiro.
- Não ~ num - Advérbio de negação inserido na Língua Portuguesa no ano de 1113. A etimologia origina-se do latim *non*; o fato gráfico tendeu a uniformizar-se a partir do século XVI. Fato histórico de registro no ano de 1113 *non*, 1214 *non*, no século XIII *no* > *nõ*, século XIV *nã*, aproximadamente no ano de 1499 *nam* e no século XV ocorrendo duas formas de grafia *não* > *não*. Ocorreu uma dissimilação vocálica “ao” por “u” e a nasalização representada por “m”.

Nota-se a falta de concordância de número verbo/sujeito *nóis vai caí di(...!)*, variando a desinência verbal em primeira pessoa do singular com o pronome “nóis” da primeira pessoa do plural. Uso comum entre falantes da Língua Portuguesa com menor grau de instrução. Observa-se também o uso inadequado do advérbio de intensidade “mais” no lugar da conjunção adversativa “mas”, também uso recorrente, tanto na escrita quanto na oralidade de pessoas com pouco conhecimento da gramática normativa.

**Página 62, quadrinho 4** – Não! *Pelamor di Deus não!*

- Pelo amor ~ pelamor – Contração da preposição “per” e do artigo “o” (século XIII). A etimologia da palavra “pelo” é incerta, sendo fato histórico de registro no século XIII *pelo* e *palo*, no século XIV *polla* e *pero*, no ano de 1540 *pelhos* e no ano 1858 *poro*. A palavra *amor* é substantivo masculino (1275). A etimologia da palavra *amor* origina-se do latim *amor*, *amōris*. Sendo fato histórico no século XIV *amur*, século XV *aamor*, *hamor*. No quadrinho analisado ocorreu uma sinalefa com a junção ou elisão (queda da vogal final de uma palavra, quando a seguinte começa por vogal

“pelo + amor”). Provavelmente a união das palavras na escrita venha retratar as marcas de oralidade da maior parte das pessoas.

**Página 63, quadrinho 5 – Zé? Torresmo! *Ocê mi sarvô!***

- Me ~ mi – Pronome pessoal do caso oblíquo átono inserido na Língua Portuguesa no século XIII. A etimologia ocorreu no latim *mē* (antes *mēd*), no português *me* (século XII), se apresentou grafado também como *mi* ou *mh* antes de vogal, depois *min*. Ocorreu uma assimilação vocálica “e” por “i”.
- Salvou ~ sarvô – Verbo inserido na Língua Portuguesa no século XIII. A etimologia origina-se do latim *salvo* > *salvas* > *salvātum* > *salvāre*. Sendo fato histórico no século XIII *salvar* e *asalar*, no século XIV *saluar* e *ssaluaste*. No quadrinho foi representado na terceira pessoa do singular ocorrendo o rotacismo (vício de pronúncia ou escrita da consoante “r” no lugar de outra “l”) e monotongação (o ditongo “ou” transformou-se em monotongo “o” seguido de acentuação gráfica).

**Página 64, quadrinho 4 – *Brigado, rapaiz! Nós ia virá fejoada!***

- Obrigado ~ brigado – Adjetivo e substantivo masculino inserido na Língua Portuguesa no século XIII. A etimologia da palavra é incerta, sabe-se que origina-se do particípio do verbo *obligar*. Sendo fato histórico no século XIII grafado como *obligar* e no século XIV *obrigar*. Tem-se por dedução que a palavra formou-se a partir do radical *oblig* + o sufixo – *ado/ada*, sendo este último usado em frase que o sujeito é do sexo feminino. No quadrinho está representado como substantivo e ocorreu uma aférese (queda de um fonema no início de uma palavra “o”).
- Virar ~ virá – Verbo inserido na Língua Portuguesa no século XV. A etimologia da palavra origina-se do latim *virāre*, que se supõe resultar do cruzamento de *gyrāre* ‘girar’ com *vibrāre* ‘virar’ ou com *vertere* ‘voltar, girar’. No quadrinho representado pelo verbo no particípio e ocorreu uma apócope (queda do fonema no fim do vocábulo “r”) seguida de acentuação na última sílaba.
- Fejoada ~ fejoada – Substantivo feminino inserido na Língua Portuguesa em 1813. A etimologia origina-se do latim *faseōlus*. Representado no quadrinho com o radical *fej* + o sufixo – *ada*, prato típico da culinária brasileira trazido pelos escravos na época da colonização do Brasil. No quadrinho ocorreu uma monotongação (o ditongo “ei” transformando-se em monotongo “e” na primeira sílaba).

**Página 65, quadrinho 4** – Acho *qui intendi* o *qui* ele *qué fazê*, Zé!

- Entendi ~ intendi – Verbo inserido na Língua Portuguesa no século XIII. A etimologia origina-se do latim *ĩntēndēre*. Representado no quadrinho em primeira pessoa do singular, ocorreu uma assimilação vocálica “e” por “i”.
- Fazer ~ fazê – Verbo inserido na Língua Portuguesa entre 1170-1220. A etimologia origina-se do latim *facēre*. Representado no quadrinho um verbo no infinitivo, ocorrendo uma apócope (queda do fonema no fim do vocábulo “r”).

**Página 66, quadrinho 1** – Ele vai *trocá os corpo doceis di vorta!*

**quadrinho 4** – É pra *apertá* o botão *i puxá* a lanca?

**quadrinho 5** – *I guardá* essa chave?



**Figura 30: Pavor Espaciar, quadrinho 1, p. 66.**

- Trocar ~ trocá – Verbo inserido na Língua Portuguesa no século XIV. A etimologia é de origem incerta. Houve registro no século XV de grafia *trocazes*. Representado no quadrinho como verbo infinitivo precedido pela terceira pessoa do verbo *ir* do presente do indicativo, ocorreu uma apócope (queda do fonema no fim do vocábulo “r”).
- De vocês ~ doceis – Preposição “de” inserido na Língua Portuguesa entre os anos de 850-866. A etimologia origina-se do latim *de*. Havendo uma variante na grafia no século XIII *de* e *di*. A palavra *você* é um pronome inserido na Língua Portuguesa em 1665 como a classificação de pronome pessoal e pronome indefinido. Na etimologia da palavra, houve a seguinte evolução: *vossa mercê* > *vossemecê* > *vosmecê* > *você*, sendo fato histórico registrado em 1665 *vossancê*, em 1721 *vossancê* > *vossê* e em 1813 *vosse*. No quadrinho representado pela junção da preposição e pronome, originado “nova” palavra e ocorrendo uma síncope (queda de fonema no interior do

vocábulo “e” e “v”) seguido de ditongação (transformação de uma vogal “ês” em ditongo “eis”).

- Apertar ~ apertá – Verbo inserido na Língua Portuguesa no século XIII. A etimologia origina-se do latim *appēctōrāre*. Representado no quadrinho como verbo infinitivo ocorrendo uma apócope (queda do fonema no fim do vocábulo “r”), seguido de acentuação gráfica na última sílaba.
- Puxar ~ puxá – Verbo inserido na Língua Portuguesa no ano de 1090. A etimologia origina-se do latim *pulsāre*. Representado no quadrinho como verbo infinitivo ocorrendo uma apócope (queda do fonema no fim do vocábulo “r”), seguido de acentuação gráfica na última sílaba.
- Guardar ~ guardá – Verbo inserido na Língua Portuguesa no século XIII. A etimologia origina-se do latim medieval *guardare*. Representado no quadrinho como verbo infinitivo ocorrendo uma apócope (queda do fonema no fim do vocábulo “r”), seguido de acentuação gráfica na última sílaba.

**Página 68, quadrinho 2** – Zé, seu miseráver!

**quadrinho 3** – Agora vamo achá a Giserda i dá o fora daqui!

- Miserável ~ miseráver – Adjetivo inserido na Língua Portuguesa no século XV. A etimologia origina-se do latim *miserābilis*. Representado no quadrinho irônico, talvez sem muito valor na ocasião. Ocorreu um rotacismo (vício de pronúncia ou escrita da consoante “r” no lugar de outra “l”).
- Achar ~ achá – Verbo inserido na Língua Portuguesa no século XIII. A etimologia origina-se do latim *afflāre* ‘soprar’. Explica-se a evolução semântica pelo fato de o vocábulo ter origem na linguagem dos caçadores: do sentido primitivo do latim ‘soprar’ passou-se ao de ‘sentir a proximidade da caça pelo odor, farejar’. Representado no quadrinho pelo infinitivo do verbo ocorrendo uma apócope (queda do fonema no fim do vocábulo “r”), seguido de acentuação gráfica na última sílaba.
- Giselda ~ Giserda - Substantivo próprio com sua etimologia incerta. Representado no quadrinho como variação dialetal de determinada região do país, mais precisamente a região rural, ocorrendo o rotacismo (vício de pronúncia ou escrita da consoante “r” no lugar de outra “l”). Troca de consoante normalmente utilizada por pessoas com menor grau de instrução.

**Página 69, quadrinho 2** – Giserda, quirida! Só fartava ocê! Vamo imbora!

- Querida ~ quirida – Substantivo feminino com data incerta de sua inserção na Língua Portuguesa, ocorrendo da mesma maneira com sua etimologia. Provavelmente seja um elemento de composição do verbo latino *quaero, quaeris, quaesivi (sui), quaesitum e quaestum, quaerĕr* com um sufixo – *do/da*. Transformando-o em substantivo *querida* ao longo do processo de /formação mudança da língua.

**Página 70, quadrinho 5 – Zé! Bora pra cima do vrido!**



**Figura 31: Pavor Espaciar, quadrinho 5, p. 70.**

- Embora ~ bora - Advérbio inserido na Língua Portuguesa no século XV. No quadrinho houve uma aférese (desaparecimento do fonema “em” no começo da palavra). Algo comum e rotineiro para pessoas que residem na região norte e nordeste do Brasil, dando o sentido de ir a algum lugar.
- Vidro ~ vrido – Substantivo masculino inserido na Língua Portuguesa no século XIII. A etimologia origina-se do latim *vitrum*. Sendo fato histórico grafado no século XV *uydro*. No quadrinho houve uma hipértese (transposição de um fonema em sílaba diferente “i” por “r”).

**Página 73, quadrinho 2 – Ah, seus muleques! Nadando no lago a essa hora da noite!**

**quadrinho 3** – *Nóis num tava nadando não, Tio! Nóis acabamo di vortá di um disco voador! Caímo no lago! Morremo di medo, mais o Torresmo sarvô nóis! É pai, nóis fomo biduzido pelos capeta di otro praneta!*

**quadrinho 4** – *Mais mãe! Os lienígena.../ Qui lienígenas qui nada! Chega di mintira! Seus muleque levado!*

**quadrinho 6** – *Já pra dentro tomá um banho quente! I dispois, cama! / I amanhã tão di castigo!*

- Moleques ~ muleques – Substantivo masculino e também classificado como adjetivo inserido na Língua Portuguesa entre os anos de 1622-1636. A etimologia origina-se do

quimbundo (africano) *mule'ke* ‘garoto, filho pequeno’. Ocorreu no quadrinho uma assimilação vocálica “o” por “u”.

- Acabamos ~ acabamo – Verbo inserido na Língua Portuguesa no século XIII. A etimologia registrada origina-se do latim *accapāre*. Representado no quadrinho pela primeira pessoa do plural. Ocorreu uma apócope (queda do fonema no fim do vocábulo “s”).
- Caímos ~ caímo – Verbo inserido na Língua Portuguesa em 1259. A etimologia da palavra origina-se do latim *cādo, cādis, cecīdi, cāsum, cadēre*. Fatos históricos do século XIII há registro de grafia *caer*, século XIV *cair*, já no ano de 1516 *acair* e em 2015 *cair*. Sendo representado no quadrinho na primeira pessoa do plural, ocorrendo uma apócope (queda do fonema no fim do vocábulo “r” e “s”).
- Morremos ~ morremo – Verbo inserido na Língua Portuguesa em 1255. A etimologia origina-se do latim vulgar *morēre* e do latim clássico *mōri* segundo Nascimento (apud Houaiss), “o *rr* provém do futuro *morerei* do arcaico *morer*, o qual por síncope passou a *morrei*, donde se extraiu um infinitivo *morrer*, que passou a ser a forma básica de toda a conjugação”. Fato histórico registrado no século XIV *morẽ* < *moira* < *moreo* < *moryam* < *moyrades*, no século XV *moreeo* < *morrẽdo* < *morriria* < *mourama*. Representado no quadrinho na primeira pessoa do plural, ocorrendo uma pócope (queda do fonema no fim do vocábulo “s”).
- Fomos ~ fomo – Verbo (ir) inserido na Língua Portuguesa no ano de 944. A etimologia origina-se do latim *eo, is, īvi* ou *īi, ītum, īre*. Representado no quadrinho na primeira pessoa do pretérito perfeito do indicativo. Ocorreu uma apócope (queda do fonema no fim do vocábulo “s”).
- Abduzido ~ biduzido – Adjetivo inserido na Língua Portuguesa em 1899. A etimologia origina-se do particípio de *abduzir*. No quadrinho ocorreu uma aférese (queda de um fonema no início de uma palavra “a”) e epêntese (é o acréscimo de fonema no interior do vocábulo “i”).
- Outra ~ otra – Pronome e substantivo masculino inserido na Língua Portuguesa no século XIII, sendo escrito também na forma feminina *outras*. A etimologia origina-se do latim *altĕru* de *ālter, ěra, ěrum* um outro, outrem; outro. Sendo fato histórico grafado no século XIII *outros, outre, outri*, no século XIV *houtro, octra*, no século XV *otra, outrro, ououtro*, no ano 1798 *obtro*. Ocorreu uma síncope (subtração de fonema no interior de vocábulo “u”).

- Alienígenas ~ lienígenas – Substantivo e adjetivo de dois gêneros, inserido na Língua Portuguesa cerca de 1543. A etimologia origina-se do latim *alienigēna,ae*. Ocorrendo uma aférese (queda de um fonema no início de uma palavra “a”).
- Mentira ~ mintira – Substantivo feminino inserido na Língua Portuguesa no século XIII. A etimologia é de origem controversa; o vocábulo já ocorre no latim da Lusitânia no século XI; para Nascimento (apud Houaiss 2015), é uma forma dissimilada de *mentida*, particípio feminino de *mentir*. Ocorrendo no quadrinho uma assimilação vocálica “e” por “i”.
- Depois ~ dispois – Advérbio de tempo inserido na Língua Portuguesa no século XIII. A etimologia origina-se do latim *depōst* que deu origem às antigas variações *depos* e *depus*, ficando sem explicação o acréscimo do “i” no vocábulo na formação da palavra “depois”. Ocorrendo uma assimilação vocálica “e” por “i” e epêntese (é o acréscimo de fonema no interior do vocábulo “s”).

Gustavo Duarte representa o dialeto caipira de maneira simples e muito próxima da realidade rural, representando uma parte da sociedade que sofre com preconceito linguístico, tão comum como o preconceito racial e também são estereotipados e estigmatizados num grupo maior, os ditos letrados. Percebe-se nas análises uma proximidade com a realidade dos grandes centros, deixando claro de que há uma mimese da obra com a realidade, pois as marcas de oralidade estão presentes em toda a narrativa, talvez seja uma forma de aproximar o leitor à história. É perceptível, também nos quadrinhos o vocábulo que não é comum ao meio rural, como por exemplo, “surreal”, possivelmente o vocábulo utilizado deva ter conotação diferenciada nos grandes centros ou, vice e versa.

É possível perceber o quão intenso ainda é o dialeto caipira no Brasil, nos remetendo à percepção da evolução da língua através dos tempos por assimilação vocálica “e” por “i”, o rotacismo presente em dialetos ainda conservados no interior do país – r retroflexo - e a queda de fonema (aférese) inicial nos vocábulos pronúncia comum no cotidiano das pessoas letradas ou não.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aparecimento das histórias em quadrinhos aconteceu no mesmo período em que teve início o raio-x, o telefone sem fio e o cinema, tornando-se uma inédita e divertida forma de comunicação do século XX. Classificadas como narrativas sequenciais, normalmente acompanhadas de balão de fala e desenhos característicos que imitam movimento dando leveza na interpretação e permitindo dessa maneira que o leitor faça parte da narrativa.

Divulgado em meios de comunicação (impresso ou on-line), com uma linguagem própria e acessível, os quadrinhos têm conquistado cada vez mais leitores. Revistas em quadrinhos no modelo tradicional e as atuais *Graphics Novel* presenteiam os estudantes com temas dos mais diversos e variados possíveis, possibilitando os estudos e pesquisas da mais nova sensação do momento, as *Graphic Novels*. Com as publicações em cores ou até mesmo em estilo mangá (imagens em preto e branco) driblando o preconceito em relação aos quadrinhos e deixando no passado todo e qualquer estigma em que os envolvem. Estilo de narrativa que no passado foi motivo de pessoas quererem extingui-las da sociedade, na atual realidade tem sido o início de pesquisa para diversos meios acadêmicos amantes da Nona Arte. Na maioria das narrativas em quadrinhos, os cartunistas abordam temas de cunho social, levando à reflexão do público, desde os mais jovens aos mais experientes, já que para ler quadrinhos não existe idade e sim ser apaixonado pela arte.

Em plena era da tecnologia não podia ficar de lado a ida dos quadrinhos para as telas de cinema e, também do cinema para os quadrinhos. Grandes clássicos são adaptados para as telas de cinema e abordam desde a realidade social de seu país ao imaginário universos fantasmagóricos e alienígenas dos causos de fazenda. Maurício de Sousa é um desses cartunistas que desenvolve a realidade de seu país, de maneira local e regional sem submeter à exposição pejorativa, como é o caso do personagem Chico Bento, menino caipira que representa a realidade da população rural do Brasil de uma forma que enfoca as questões da cultura e reafirma sua nacionalidade e o amor pela fauna e flora.

Por mais que o mundo evolua em suas tecnologias, ainda é questionável o desenvolvimento da área rural. Observamos o sentimento do indivíduo do campo que mesmo vivendo distante de sua terra natal, ainda mantém viva a forma de vida do meio rural como, o amor à natureza, o cuidado com os animais, o convívio familiar e o dialeto de origem.

Seguindo a mesma linha do cartunista Maurício de Sousa, Gustavo Duarte desenha o personagem Chico Bento na *Graphic Novel Pavor Espaciar* da maneira como o vê, abordando o dialeto caipira. Apesar de não ser linguista, Duarte reproduz de maneira muito

próxima ao real do dialeto caipira, ora preservando o caipirês, ora deixando claro as marcas de oralidade mais comuns no dia a dia das pessoas moradoras ou não de grandes centros urbanos nos balões da narrativa de *Pavor Espaciar*. Levando-nos à mimese da realidade em que a ficção se confunde com o real. Apesar da proximidade da variação caipira, Duarte mantém um mix de modernidade, buscando retratar elementos contemporâneos no decorrer da narrativa em união ao dialeto que é alvo de chacota e preconceito linguístico por parte da sociedade letrada que, às vezes, se esquecem de que essas marcas e também alguns vocábulos pronunciados no cotidiano remetem ao dialeto caipira.

Observamos que, tais quais as histórias do Chico Bento nas revistas do Maurício de Sousa, Duarte sempre finaliza as falas dos balões, ora com ponto de exclamação ora com ponto de interrogação ou reticências, nunca com ponto final, talvez para deixar uma ideia de emoção ao leitor.

Buscamos na origem da formação da Língua Portuguesa explicações para a evolução dos metaplasmos e a variação que ainda persiste em pleno século XXI e notamos que muitos vocábulos que hoje são considerados como erro, no passado (séculos XIII a XV) já foram a forma correta de serem escritas e pronunciadas. Dialeto esse que ainda é preservado pelo interior do Brasil e também pelas pessoas que não tiveram acesso aos bancos escolares.

Apesar de o Brasil ser considerado um país que vive sua pós-contemporaneidade, devido aos meios tecnológicos, a evolução da ciência, entre outros, o país ainda carrega consigo os resquícios do Brasil Rural, com jeitos, costumes, credos, crenças e dialetos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALI, M. Said. *Grammatica Historica da Lingua Portugueza*. São Paulo: Melhoramentos. 2ª ed. Melhorada e argumentada de LEXEOLOGIA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS E SYNTAXE DO PORTUGUEZ HISTÓRICO. 1931 (1º premio Francisco Alves de 1921 e de 1927). 263 páginas.

AMARAL, Amadeu. *O Dialeto Caipira*. Editora LL Library. E-book. Agosto, 2013.

BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*. 55ª ed. São Paulo: Loyola, 2013.

MARTINS, José de Souza. *Línguas brasileiras: dialeto caipira*. Disponível em: <<http://www.sosaci.org/balaio2.htm>> Acesso em 02 de junho 2015 às 11h23min.

BARBOSA, José Manuel. “Galiza e Portugal: Umha ou duas naçõs”. Disponível em: <<http://www.agal-gz.org>>. Acesso em 15 de maio de 2015 às 16h14min.

BARI, Valéria Aparecida. *O Potencial das Histórias em Quadrinhos na Formação de Leitores: busca de um contraponto entre os panoramas culturais brasileiro e europeu*. Tese de Doutorado apresentado na Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo/USP, 2008.

BASTOS, Neusa Barbosa & PALMA, Dieli Vesaro (org.). (2004). *História entrelaçada: a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa do século XVI ao XIX*. Rio de Janeiro: Lucerna, 158 p.

\_\_\_\_\_. (2006). *História entrelaçada 2: a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa na primeira metade do século XX*. Rio de Janeiro: Lucerna, 165 p.

\_\_\_\_\_. (2008). *História entrelaçada 3: a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa na segunda metade do século XX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Lucerna, 191 p.

BOTELHO, Jota A. “O Primeiro Filme Falado do Cinema”. *GGN - Os Jornais de todos os Brasis*. Postado em 24 de maio de 2015. Disponível em: <<http://jornalggn.com.br/blog/jota-a-botelho/o-primeiro-filme-falado-do-cinema>> e acesso em 26 de outubro de 2015 às 14h47min.

CAGNIN, A. L. *Os Quadrinhos*. São Paulo: Ática, 1975.

\_\_\_\_\_. *Os Quadrinhos: Linguagem e Semiótica*. Um estudo abrangente da Arte Sequencial. São Paulo: Editora Criativo, 2015.

CALAZANS, Flavio M. A. (Org.). *As histórias em quadrinhos no Brasil: teoria e prática*. São Paulo: Intercom, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares, 1997.

CÂNDIDO, Antônio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e as transformações de seus meios de vida*. São Paulo: Duas Cidades, 1998.

CAPELATO, M. H. *Multidões em cena. Propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

CARNEIRO, M. L. T. *Livros proibidos, idéias malditas: o Deops e as minorias silenciadas*. São Paulo: Estação Liberdade: Arquivo do Estado, 1997.

CASAGRANDE, Nancy dos Santos. *A Arte A Gramática da Linguagem Portuguesa de Fernão de Oliveira: desvelando a relação entre gramática e ensino no século XVI*. In: BASTOS, Neusa Barbosa & PALMA, Dieli Vesaro. *História Entrelaçada*.

CASTRO, Leonardo. “A República Velha”. In: <<http://novahistorianet.blogspot.com.br/>>. Disponível em: <<http://novahistorianet.blogspot.com.br/2009/01/republica-velha.html>> e acesso em 24 de abril de 2015 às 16h11min.

CATANI, Afrânio Mendes & SOUZA, José Inácio de Melo. *A Chanchada no Cinema Brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Col. Tudo é História; v. 76).

CÓRIO, Maria de Lourdes Del Fáveri. *O personagem “Chico Bento”, suas ações e seu contexto: um elo entre a tradição e a modernidade*. In: Alceu. *Revista de Comunicação, Cultura e Política*- v 4 n° 8 - jan/jun, 2004.

COSTELLA, A. F. *O controle da informação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1970.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Ed. Ao Livro técnico, 1976.

CUNHA, Antonio Geraldo. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. 4ª ed. São Paulo: Melhoramentos/Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

\_\_\_\_\_. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira S/A, 1982.

DIÁRIO DE LIMOEIRO. *Chico Bento é nomeado embaixador da proteção das nascentes do Pantanal 20/03/2014*. Disponível em: <<http://turmadamonica.uol.com.br/chico-bento-e-nomeado-embaixador-da-protecao-das-nascentes-do-pantanal/>>. Acessado em 19 de abril de 2015 às 14h12min.

D’OLIVEIRA, Gêisa F. *Cultura em Quadrinhos: reflexões sobre as histórias em quadrinhos na perspectiva dos Estudos Culturais*. In: Alceu. *Revista de Comunicação, Cultura e Política*- v 4 n° 8 - jan/jun, 2004.

DUARTE, Gustavo. *Chico Bento Pavor Espaciar*. São Paulo: Panini Brasil, 2013.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FIGUEIREDO, Carla Regina de Sousa & MARINS, Luciene Gomes Freitas. In: GOMES, Nataniel dos Santos e ABRÃO, Daniel. *Grandes poderes trazem grandes responsabilidades: refletindo sobre o uso das histórias em quadrinhos em sala de aula*. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2014.

FIORAVANT, Carlos. “Ora pois, uma língua bem brasileira”. *Revista Pesquisa FAPESP*. Ed. 230, abril 2015. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2015/04/08/ora-pois-uma-lingua-bem-brasileira/>> e acesso em 10 de maio de 2015 às 14h23min.

GOMES, A. C. *História e Historiadores: A política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

GONZAGA, Adhemar & GOMES, Paulo Emílio Salles. *70 anos de cinema brasileiro*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1966.

HERCULANO, Alexandre. *História de Portugal. Desde o começo da monarquia até ao fim do reinado de Afonso III*. Tomo I. BRAGA: Edições Verciel, 2010-2012. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=GhF8AgAAQBAJ&pg=PA30&lpg=PA30&dq=#v=onepage&q&f=false>> e foi acessado em 30 de abril de 2015 às 12h25min.

HOUAISS, Antonio (et al.). *Dicionário de Língua Portuguesa*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. ON-LINE. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/>. Acessado 24 de abril de 2015 às 15h21min.

[HTTP://PORDATA.PT/](http://PORDATA.PT/) Base de Dados Portugal Contemporâneo. Disponível em: <<http://www.pordata.pt/Portugal/Popula%C3%A7%C3%A3o+residente++estimativas+a+31+de+Dezembro+total+e+por+grupo+et%C3%A1rio-7>> e acesso em 04 de maio de 2015 às 15h15min.

ILARI, R. & BASSO R. *O Português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

KANTHACK, Gessilene Silveira. *Linguística II: sociolinguística: Letras Vernáculas*. EAD, módulo 2, volume 5 – [Ilhéus, BA] : UAB/UESC, 2010.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

LEITE, Yonne & CALLOUT, Dinah. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2002.

SILVA, Kleber Eliandro. *Mazzaropi, um caipira-cangaceiro: Encontro de culturas no cinema brasileiro*. UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE - Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura. São Paulo, 2007.

MARTINS, José de Souza. “O migrante brasileiro na São Paulo”. In: PORTA, Paula (org). *História da cidade de São Paulo*. Vol. 3: A cidade na primeira metade do século XX. 1890-1954. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

MATTOS & SILVA, R. V. *Português brasileiro: raízes e trajetórias*. Revista Ciência Hoje, v. 15, n. 86, 1992. p.76-81.

MOYA, Álvaro de. *Histórias das histórias em quadrinhos*. Porto Alegre: L&M, 1986.

NARANJO, Marcelo. “A importância dos quadrinhos na trajetória de sucesso da Editora Globo”. Site *UNIVERSO HQ, 15 ANOS*. 26 de março de 2015. Disponível em: <<http://www.universohq.com/materias/incrivel-trajetoria-da-editora-globo-esta-no-livro-um-mundo-de-impressoes/>> e acesso em 22 de fevereiro de 2015 às 15h39min.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Segunda tiragem do I Tomo. Rio de Janeiro: Acadêmica/São José/Francisco Alves/ Livros de Portugal, 1955.

NEPOMUCENO, Rosa. *Música caipira da roça ao rodeio*. Coleção todos os cantos. São Paulo: Ed. 30, 1999.

PARRILLA, Franciele Aline. *Chico Bento, um caipira do campo ou da cidade? A representação do espaço rural e urbano e de seus habitantes na revista em quadrinhos Chico Bento (1982-2000)*. Dissertação (Mestrado). Assis, SP: UNESP, 2006.

PERINI, Mário Alberto. *Sofrendo a gramática: ensaios sobre a linguagem*. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

PROENÇA, Graça. *Descobrimo a História da Arte*. São Paulo: Ática, 2005.

RIBEIRO, Eduardo & Baroncelli, Wilson. *Jornalista & Cia*. Edição 984A. 2 de fevereiro 2015.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e sentido Brasil*. São Paulo: Cia das Çetras, 1995.

SILVA, José Pereira. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 1ª ed. Rio de Janeiro: edição do autor, 2010.

SILVA, Marly Custódio. *Uma interface entre Chico Bento, de Maurício de Sousa, e a novela O Cravo e a Rosa, de Walcyr Carrasco*. Revista Philologus, Ano 20, N° 60 Supl. P.2476 a 2490. 1: Anais da IX JNLFLP. Rio de Janeiro: CIFEFIL, set./dez.2014.

SILVA, Myrian Barbosa. “Uma possível história das pretônicas brasileiras”. *Revista Linguística /Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 9, número 2, dezembro de 2013. ISSN 1808-835X 1. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>> e acesso em 10 de abril de 2015 às 13h21min.

SOUSA, Walter. *Moda Inviolada: Uma História da Música Caipira*. São Paulo: Quiron, 2005.

SOUSA, Maurício de. “O Véio Chico”. Turma da Mônica. Crônicas. Disponível em: <<http://turmadamonica.uol.com.br/crônicas/o-veio-chico/>> e acesso em 06 de abril de 2015 às 15h45min.

\_\_\_\_\_. “Chico Bento é nomeado embaixador da proteção das nascentes do Pantanal”. Turma da Mônica. *Diário do Limoeiro*. Edição de 20/03/2014. Disponível em: <<http://turmadamonica.uol.com.br/chico-bento-e-nomeado-embaixador-da-protecao-das-nascentes-do-pantanal/>> e acesso em 02 de fevereiro de 2015 às 17h11min.

\_\_\_\_\_. *Chico Bento: 50 anos*. Barueri, São Paulo: Panini Books, 2012.

TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

UOL EDUCAÇÃO. *Biografia de Amácio Mazzaropi*. Ator, diretor e produtor paulista. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/biografias/amacio-mazzaropi.htm>> e acesso em 24 de agosto de 2015 às 11h21min.

VALVANO, Thaís. *A vida em risos: Mazzaropi e o caipira paulista no cinema nacional*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2015.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. *Histórias em Quadrinhos: seu papel na Indústria de Comunicação de Massa*. Dissertação de Mestrado apresentado na Escola de Comunicações e Arte. São Paulo: USP, 1985.

\_\_\_\_\_. *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. RAMOS, Paulo. CHINEN, Nobu. *Os pioneiros no estudo em quadrinhos no Brasil*. 1ª ed. São Paulo: Criativo, 2013.

ZANON, Marilena & FACCINA, Rosemeire Leão da Silva. “A Arte da Grammatica da língua Portuguesa, de Reis Lobato, e sua contribuição para o ensino do Português no Brasil do século XVIII”. In: BASTOS & PALMA, *História entrelaçada: a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa do século XVI ao XIX*, 2004, p. 75-89.

## IMAGENS

ADOROCINEMA. Supermãe. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-102906/>> e acesso em 20 de junho de 2015 às 21h23min.

AS PRIMEIRAS GRAMÁTICAS ROMÂNICAS. Grammatica da linguagem da língua portuguesa. Disponível em: <<https://primeirasgramaticas.wordpress.com/page/3/>> e acesso em 01 de outubro de 2015 às 22h36min.

DUARTE, Gustavo. *Chico Bento Pavor Espaciar*. Panini Brasil. São Paulo, 2013. Páginas 7, 9, 10, 18, 29, 37, 52, 66 e 70.

EDUCAR para crescer. Turma do Pererê. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/hq/7-anos-a-turma-do-perere-as-manias-de-tininim.shtml>> e acesso em 20 de junho de 2015 às 14h11min.

ESTADÃO. BlogsArquivoEstado. Anúncio: Acabaram-se os Otários. Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/blogs/arquivo/aconteceu-em-2-de-setembro-3/>> e acesso em 20 de setembro de 2015 às 12h10min.

G1 GLOBO. Capa Revista Monstros. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2014/01/santos-inspira-cenario-de-quadrinhos-e-tambem-vira-berco-para-desenhistas.html>> e acesso em 15 de junho de 2015 às 20h21min.

GUTEMBERG. As estampas de Rldolf Topffer. Disponível em: <<http://blogdogutemberg.blogspot.com.br/2011/07/as-estampas-de-rudolph-topffer.html>> e acesso em 10 de maio de 2015 às 14h00min.

MELHORAMENTOS. O Menino Maluquinho. Disponível em: <<http://editoramelhoramentos.com.br/v2/titulos/o-menino-maluquinho/>> e acesso em 20 de junho de 2015 às 12h11min.

NANQUIM. As Aventuras de “Nhô-Quim”. Disponível em: <<http://nanquim.com.br/2013/historia-do-humor-grafico/>> e acesso em 28 de abril de 2015 às 19h14min.

NACIONAL, Biblioteca Tesouros. Grammatica da lingua portuguesa. Disponível em: <<http://purl.pt/369/1/ficha-obra-gramatica.html>> e acesso em 20 de junho de 2015 às 14h11min.

PIGARTS. As Cobranças. Disponível em: <<http://pigarts.blogspot.com.br/2012/01/angelo-agostini-o-pioneiro-dos.html>> e acesso em 24 de junho de 2015 às 14h36min.

Revolta da Vacina. *A maior batalha do Rio* / Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. – A Secretaria, 2006. 120 p.: il.– (Cadernos da Comunicação. Série Memória).

SOUSA, Maurício de. *Chico Bento: 50 anos*. Barueri, São Paulo: Panini Books, 2012, p. 10 e 11.

\_\_\_\_\_. *Estúdios MSP*. São Paulo, 2015.

The Cactus Tree. Logo da Revista O Tico-Tico. Disponível em: <<http://thecactustree.blospot.com.br/2010/08/o-tico-tico.html>> e acesso em 10 de maio de 2015 às 21h56min.

The Yellow Kid. The Yellow Kid. Disponível em: <<http://mparaschos.com/Courses/yk.html>> e acesso em 14 de junho de 2015 às 17h51min.

TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes. 1997. Páginas 06 e 09.

UOL. Blog dos Quadrinhos. Disponível em: <[http://blogdosquadrinhos.blog.uol.com.br/arch2011-08-01\\_2011-08-31.html](http://blogdosquadrinhos.blog.uol.com.br/arch2011-08-01_2011-08-31.html)> e acesso em 16 de março de 2015 às 16h35min.